



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara- SP

TAMIRES COSTA E SILVA MIELO

FORMAÇÃO DE NOMES E PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ATUAL



ARARAQUARA – S.P.

2022

TAMIREZ COSTA E SILVA MIELO

FORMAÇÃO DE NOMES E PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ATUAL

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de pós-graduação em Linguística e Língua portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Soares da Costa

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.

2022

M631f	Mielo, Tamires Costa e Silva Formação de nomes e processos morfofonológicos no Português Brasileiro atual / Tamires Costa e Silva Mielo. -- Araraquara, 2022 192 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara Orientadora: Daniel Soares da Costa 1. Morfofonologia. 2. Fonologia. 3. Formação de palavras. 4. Substantivos. 5. Adjetivos. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

TAMIRES COSTA E SILVA MIELO

FORMAÇÃO DE NOMES E PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ATUAL

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de pós-graduação em Linguística e Língua portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Soares da Costa

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 30/05/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Daniel Soares da Costa (UNESP/FCLAr)

Membro Titular: Prof.^a Dra. Gladis Massini-Cagliari (UNESP/FCLAr)

Membro Titular: Prof.^a Dra. Gislene da Silva (UNESP/FCLAr)

Membro Titular: Prof.^a Dra. Juliana Bertucci Barbosa (IELACHS – UFTM)

Membro Titular: Prof. Dr. Niguelme Cardoso Arruda (IFSC - Criciúma)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Ao meu avô Alcino.

Ontem e sempre meu maior entusiasta.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a pessoas importantes que estiveram presentes de variadas formas, não só ao longo dos 4 anos de doutorado, mas ao longo dos 11 anos de Unesp Araraquara.

Agradeço aos meus pais, Silmara e Marcos, e à minha irmã, Tainá, por sempre me apoiarem em minhas escolhas profissionais e pessoais, além de estarem sempre disponíveis para todo tipo de suporte.

Ao meu orientador, Daniel Soares da Costa, por sua paciência, parceria e vontade de compartilhar conhecimento. A cada reunião, a cada conversa, ele reascendeu em mim a vontade de refletir sobre morfofonologia, desde a primeira aula, na disciplina de Morfologia derivacional, no segundo semestre de 2012.

Aos meus professores do curso de Letras pelos incontáveis ensinamentos e pelo acompanhamento ao longo da graduação, mestrado e doutorado. Seu empenho sempre foi uma inspiração para seguir pesquisando. Aos funcionários da Unesp, por proporcionarem um ambiente frutífero para o conhecimento.

Às amigas Carol Déa e Marina Lara, companheiras de pós-graduação, confidências e bons momentos. O percurso da pós-graduação foi muito mais leve por conta delas.

À Gislene da Silva, minha “irmã” de orientação, com quem compartilhei material, reflexões, conquistas e preocupações.

Aos meus amigos de Marília, presentes em minha vida há mais de 20 anos, com quem tenho a sorte de compartilhar todas as conquistas e comemorações.

Ao Lucas, meu grande companheiro nos últimos 3 anos, com quem tenho o privilégio de dividir o dia a dia.

E agradeço, por fim, à Unesp como instituição, por me proporcionar todos os recursos necessários para uma educação de altíssima qualidade e por essa grande viagem, de 11 anos, que chega ao fim com a entrega desta tese. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Tem todo o tempo Ítaca na mente.
Estás predestinado a ali chegar.
Mas não apresses a viagem nunca.
Melhor muitos anos levars de jornada
e fundeares na ilha, velho enfim,
rico de quanto ganhaste no caminho,
sem esperar riquezas que Ítaca te desse.
Uma bela viagem deu-te Ítaca.
Sem ela não te porias a caminho.
Mais do que isso, não lhe cumpre dar-te.
Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,
e agora sabes o que significam Ítacas.

Konstantinos Kaváfis (2006, tradução de José
Paulo Paes)

RESUMO

Com base nos estudos da morfofonologia, área mencionada por Trubetzkoy, em 1929, e retomada mais recentemente por pesquisadores como Schwindt (2006), este trabalho tem como principal objetivo descrever e analisar os processos morfofonológicos desencadeados na formação de substantivos e adjetivos do Português Brasileiro atual. Para alcançar tal objetivo, foi feito um levantamento de 796 vocábulos dessas duas classes gramaticais, considerados sincronicamente derivados, recolhidos das 19 matérias especiais de 2019 do blog de notícias AdoroCinema. Dentre esses 796 vocábulos, 36 foram considerados neologismos ou empréstimos, enquanto 760 foram vistos como palavras recorrentes na língua. Depois de uma análise mais aprofundada, os 760 vocábulos foram divididos de acordo com seu tipo de formação, sendo: 594 deles formados por sufixação; 56 formados por composição; 45 formados por prefixação; 14 formados por derivação regressiva; e 1 formado por parassíntese. Além disso, em 50 desses vocábulos não foi possível depreender uma base livre, ou seja, sincronicamente não foi possível identificar a base de origem dessas formações, sendo considerada, portanto, sua origem diacrônica ou como empréstimo de outras línguas. Sendo a sufixação o processo de formação mais produtivo, dedicamos a análise morfológica aos produtos desse processo, identificando os sufixos mais produtivos e as Regras de Formação de Palavras de que fazem parte. Os sufixos mais produtivos foram -s/ção e -idade, na formação de substantivos, e -do e -ico/-tico na formação de adjetivos. Depois da descrição morfológica, teve início a análise fonológica dos processos morfofonológicos e sua representação por meio da Teoria da Geometria de Traços. O levantamento desses processos mostrou que a queda da vogal temática e a haplologia são os processos morfofonológicos mais recorrentes no Português Brasileiro hoje, sendo a queda da vogal temática presente, inclusive, na formação de neologismos, como ‘candidatíssimo’, por exemplo.

Palavras-chave: nomes; morfofonologia; Geometria de Traços; sufixação.

ABSTRACT

Based on studies of Morphophonology, a field mentioned by Trubetzkoy in 1929 and more recently represented by scholars such as Schwindt (2006), this work has as its main goal the description and analysis of morphophonological processes chained in the formation of nouns and adjectives in Brazilian Portuguese nowadays. To reach this objective, we collected 796 words from both grammatical categories, considered synchronically derived, out of 19 special articles from the blog *AdoroCinema*, all published in 2019. Among those 796 words, 36 were considered to be neologisms or loanwords, while 760 were seen as common words in the language. After further analysis, the 760 words were classified according to their formation processes, which are: 594 words formed by suffixation; 56 compound words; 45 formed by prefixation; 14 nouns formed as of verbs; and 1 formed by parasynthesis. Besides that, for 50 of those words we could not find a current root, therefore they were classified as of their past origin or as loanwords from other languages. Being the suffixation the most productive formation process in the *corpus*, its products were morphologically analyzed, the most common suffixes were identified, as well as the Word Formation Rules to which they belong. The most productive suffixes were *-s/ção* and *-idade* in the formation of nouns, and *-do* and *-ico/-tico* in the formation of adjectives. After the morphological description, we started the phonological analysis of the morphophonological processes and their representation through the Feature Geometry. The listing of these processes showed that the suppression of the thematic vowel and the haplology are the most common morphophonological processes in Brazilian Portuguese, being the former current even in the formation of neologisms, such as *candidatíssimo*.

Keywords: nouns; Morphophonology; Feature Geometry; suffixation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Trecho com estrangeirismo entre aspas.....	50
Figura 2 - Diagrama representativo da Geometria de Traços	65
Figura 3 - Geometria do segmento /t/	70
Figura 4 - Geometria do segmento /ε/	71
Figura 5 - Espraçamento nas pretônicas	73
Figura 6 - Funcionamento da interação morfologia-fonologia segundo a FL	75
Figura 7 - Primeiro tweet do fio - página oficial do ex-presidente Lula no Twitter	79
Figura 8 - Restante do fio - página oficial do ex-presidente Lula no Twitter	80
Figura 9 - Matéria com diversos hiperlinks	81
Figura 10 - Proporção dos tipos de formações neológicas encontrados no corpus.....	85
Figura 11 - Proporção dos prefixos mais recorrentes no <i>corpus</i>	86
Figura 12 - Proporção de substantivos e adjetivos formados a partir de composição	87
Figura 13 - Proporção dos tipos de formação encontrados no <i>corpus</i>	88
Figura 14 - Sufixos mais produtivos	147

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Propriedades das formas livres, dependentes e presas	23
Quadro 2 - Principais circunfixos do português	38
Quadro 3 - Categorias básicas de segmentos e sua distinção de acordo com os traços de classes principais.....	59
Quadro 4 - Vogais orais do português	60
Quadro 5 - Graus de abertura das vogais do português	69
Quadro 6 - Ciclos de interação entre a morfologia e a fonologia no nível lexical	76
Quadro 7 - Amostra da tabela de recolha do <i>corpus</i>	83
Quadro 8 - Derivação sufixal em -agem.....	91
Quadro 9 - Derivação sufixal em -al.....	92
Quadro 10 - Derivação sufixal em -ância/-ência e -ança.....	94
Quadro 11 - Derivação sufixal em -ano.....	96
Quadro 12 - Derivação sufixal em -ão.....	97
Quadro 13 - Derivação sufixal em -ar.....	98
Quadro 14 - Derivação sufixal em -ário	99
Quadro 15 - Derivação sufixal em -ato.....	100
Quadro 16 - Derivação sufixal em -ado.....	101
Quadro 17 - Derivação sufixal em -ada	101
Quadro 18 - Derivação sufixal em -ção	102
Quadro 19 - Derivação sufixal em -do.....	107
Quadro 20 - Particípios irregulares.....	110
Quadro 21 - Derivação sufixal em -dor	111
Quadro 22 - Vocábulos e sua origem diacrônica	112
Quadro 23 - Derivação sufixal em -eiro	114
Quadro 24 - Derivação sufixal em -eira.....	115
Quadro 25 - Derivação sufixal em -ena	116
Quadro 26 - Derivação sufixal em -ense.....	117
Quadro 27 - Derivação sufixal em -eza	120
Quadro 28 - Derivação sufixal em -ia.....	121
Quadro 29 - Derivação sufixal em -ico.....	122
Quadro 30 - Derivação sufixal em -idade	125
Quadro 31 - Derivação sufixal em -inho e -zinho	128
Quadro 32 - Derivação sufixal em -ino.....	131
Quadro 33 - Derivação sufixal em -ismo.....	132
Quadro 34 - Derivação sufixal em -ista	133
Quadro 35 - Derivação sufixal em -mento.....	135
Quadro 36 - Derivação sufixal em -ivo.....	136
Quadro 37 - Derivação sufixal em -nte.....	138
Quadro 38 - Derivação sufixal em -oso	140
Quadro 39 - Derivação sufixal em -ria	141
Quadro 40 - Derivação sufixal em -tura	143
Quadro 41 - Derivação sufixal em -vel.....	145
Quadro 42 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de 'telinha'	150
Quadro 43 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de 'visceral'	151
Quadro 44 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de 'conselheiro'.....	152

Quadro 45 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de 'ousadia'	153
Quadro 46 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de 'finitude'	155
Quadro 47 - Traços em comum entre /t/ e /z/	156
Quadro 48 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de 'contraditório'	
.....	157
Quadro 49 - Comparação de traços.....	158
Quadro 50 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de 'divisão'	159
Quadro 51 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de 'opressão' e	
'redação'	162
Quadro 52 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de 'confusão' ...	163
Quadro 53 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de 'prisão'	164

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Escala de sonoridade das principais classes de segmentos	67
Tabela 2 - Tipos de formação encontrados no <i>corpus</i>	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

σ	Sílaba
ADJE	Adjetivo
CI	Constituintes imediatos
Co	Coda
TGT	Teoria da Geometria de Traços
Nu	Núcleo
O	Onset
FL	Fonologia Lexical
PA	Português Arcaico
PB	Português Brasileiro
PCO	Princípio do contorno obrigatório
R	Rima
RFP	Regra de formação de palavra
RAE	Regra de análise estrutural
SUBS	Substantivo
V	Verbo
VT	Vogal temática

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. EMBASAMENTO TEÓRICO: MORFOLOGIA.....	19
2.1 A definição de palavra.....	20
2.2 Morfema, morfe e alomorfe	23
2.3 Base, raiz e radical	25
2.4 Afixos: prefixos e sufixos	27
2.4.1 Prefixos	27
2.4.2 Sufixos.....	28
2.5 Desinências	28
2.5.1 Desinência de gênero	28
2.5.2 Desinência de número	30
2.5.3 Desinências verbais	30
2.6 Vogal temática	31
2.7 A formação de palavras.....	32
2.7.1 Derivação	35
2.7.2 Composição.....	38
2.8 Os nomes em português	40
2.8.1 Gradiência gramatical	44
2.8.2 Intersective gradience.....	46
2.9 Análise em constituintes imediatos	46
2.10 Neologismos.....	47
2.11 Considerações finais.....	51
3. EMBASAMENTO TEÓRICO: FONOLOGIA	53
3.1 Fonética e Fonologia	53
3.2 Fonema, fone e alofone	55
3.3 Os traços distintivos	57
3.3.1 Traços de classes principais	58
3.3.2 Traços de cavidade.....	59
3.3.3 Traços de modo de articulação.....	61
3.3.4 Traços de fonte.....	61
3.4 Estrutura silábica	63
3.5 A Geometria de traços.....	64
3.5.1 Nó de raiz	66
3.5.2 Nó laríngeo.....	67

3.5.3	Nó de cavidade oral.....	67
3.5.4	Nó de pontos de consoante.....	67
3.5.5	Nó vocálico	68
3.5.6	Nó de pontos de vogal.....	68
3.5.7	Nó de abertura	68
3.5.8	A representação de segmentos	69
3.5.9	Princípios da Geometria de Traços	72
3.6	A Fonologia lexical	73
3.7	Considerações finais.....	76
4.	METODOLOGIA E <i>CORPUS</i>.....	78
4.1	O gênero <i>blog</i>	78
4.2	O <i>blog</i> AdoroCinema	81
4.3	Procedimentos metodológicos	82
4.4	A formação do <i>corpus</i>	84
4.5	Considerações finais.....	89
5.	ANÁLISE MORFOLÓGICA: SUFIXAÇÃO	90
5.1	Vocábulos formados em -agem.....	90
5.2	Vocábulos formados em -al	91
5.3	Vocábulos formados em -ância/-ência e -ança.....	94
5.4	Vocábulos formados em -ano.....	96
5.5	Vocábulos formados em -ão.....	97
5.6	Vocábulos formados em -ar	98
5.7	Vocábulos formados em -ário	98
5.8	Vocábulos formados em -ato, -ado e -ada.....	100
5.9	Vocábulos formados em -ção.....	102
5.10	Vocábulos formados em -do	106
5.10.1	Particípios irregulares.....	110
5.11	Vocábulos formados em -dor	110
5.12	Vocábulos formados em -eiro	113
5.13	Vocábulos formados em -ena.....	116
5.14	Vocábulos formados em -enho.....	117
5.15	Vocábulos formados em -ense	117
5.16	Vocábulos formados em -ento	118
5.17	Vocábulos formados em -eta e -ota.....	119
5.18	Vocábulos formados em -eza	120

5.19	Vocábulos formados em -ia	120
5.20	Vocábulo formado em -iça e -iço	121
5.21	Vocábulos formados em -ico e -tico	122
5.22	Vocábulos formados em -idade	124
5.23	Vocábulos formados em -íssimo	127
5.24	Vocábulos formados em -inho e -zinho	127
5.25	Vocábulos formados em -ino	130
5.26	Vocábulos formados em -ismo	132
5.27	Vocábulos formados em -ista	133
5.28	Vocábulo formado em -mento	134
5.29	Vocábulos formados em -ivo e -tivo	136
5.30	Vocábulos formados em -nte	137
5.31	Vocábulos formados em -oso	139
5.32	Vocábulos formados em -ria	141
5.33	Vocábulo formado em -tório	142
5.34	Vocábulos formados em -tude	143
5.35	Vocábulos formados em -ura e -tura	143
5.36	Vocábulos formados em -vel	145
5.37	Considerações finais	146
6.	ANÁLISE FONOLÓGICA	149
6.1	Queda ou crase da VT	149
6.2	Haplologia	154
6.2.1	Haplologia e outros processos	161
6.3	Mudança na VT	164
6.4	Mudanças na consoante da base	167
6.5	Considerações finais	169
7.	CONCLUSÕES	170
	REFERÊNCIAS	175
	APÊNDICE A	182
	APÊNDICE B	183
	Vocábulos formados por derivação regressiva	183
	Vocábulos formados por prefixação	184
	Vocábulos formados por composição	185
	Formações neológicas	186
	ANEXO	187

1. INTRODUÇÃO

Com os avanços tecnológicos, a troca de informações se dá cada vez mais rapidamente, seja por meio de mensagens de texto, e-mails, sites e, principalmente, redes sociais, como Facebook e Twitter. Nesse contexto, os falantes estão constantemente atualizando seu léxico de acordo com as novas necessidades que se apresentam. Na rede social Twitter, por exemplo, até pouco tempo, não era possível postar uma mensagem com mais de 140 caracteres, o que obrigava os usuários dessa rede a usarem abreviações com muita frequência. Esse é apenas um exemplo das novas demandas comunicativas. Sendo assim, é caro à linguística analisar o modo como os falantes se aproveitam das Regras de formação de palavras (RFPs) (BASÍLIO, 1980) para criarem vocábulos que atendam suas necessidades. Como as línguas estão em constante renovação, importa aos estudos linguísticos atentar-se aos mecanismos de mudança em voga para observar em que direção a língua está caminhando e entender um pouco mais sobre sua dinâmica.

A Morfofonologia, ou Morfofonêmica - como tratam alguns autores - representa um campo de estudos relacionado ao contato entre Morfologia e Fonologia. Segundo Schwindt (2006, p. 303), essas duas áreas, mesmo sendo altamente relacionadas, tiveram percursos diferentes, uma vez que a Fonologia “sempre teve sua autonomia reconhecida”, enquanto a Morfologia teve posição mais central no Estruturalismo, quando foi estabelecida a noção de morfema, e depois diferentes em abordagens apenas a partir dos anos 70.

Trubetzkoy, em 1929, propõe os fundamentos básicos da morfofonologia, afirmando tratar-se do “estudo do uso morfológico dos meios fonológicos da língua”. Segundo o autor, dentre as tarefas da morfofonologia estão: (1) o estudo da estrutura fonológica dos morfemas; (2) o estudo das mudanças fonológicas de um morfema quando este se liga a outros morfemas (processos morfofonológicos); e (3) o estudo das alternâncias de som que tem uma estrutura morfológica (SCHWINDT, 2006, p. 304). Ou seja, a morfofonologia tem por objetivo analisar as especificidades da relação entre morfologia e fonologia e como uma está ligada a outra no sistema linguístico.

Um objeto central dessa linha de estudo são os processos morfofonológicos que ocorrem, mais especificamente, quando temos a interferência de uma regra fonológica desencadeada por um procedimento morfológico, como a derivação, por exemplo (a Morfologia também trata de outros processos de formação de palavras: composição, siglagem etc.). Isso quer dizer que, ao juntarmos um morfema a outro, na formação de uma palavra

nova, ou na flexão de uma palavra já existente, mudanças/adaptações fonológicas podem ser desencadeadas na constituição da versão final.

Podemos citar, como exemplo, a palavra ‘adoção’, que é formada tendo como base o tema do verbo ‘adotar’ (BARBOSA, COSTA, 2006, p. 1047). Na adjunção do morfe -ção à base do verbo, ocorre uma alteração na base, isto é, o apagamento da última sílaba do tema /ta/. O apagamento de uma sílaba, ou haplogogia, corresponde a uma dessas alterações fonológicas na forma de base de palavras, ocasionadas por um processo de formação (morfológico), às quais damos o nome de processos morfofonológicos.

Em relação à temática da morfofonologia, podemos citar Barbosa e Costa (2006), que fizeram um mapeamento dos processos morfofonológicos desencadeados pela adjunção dos sufixos -ção e -mento no português do século XX, décadas de 80 e 90. Mais recentemente, pudemos contemplar também o trabalho desenvolvido por Prado (2010), em sua dissertação de mestrado, intitulada *Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com os sufixos -çon/-ção e -mento: um estudo comparativo entre Português Arcaico e Português Brasileiro*, na qual a autora fez um estudo diacrônico, comparando processos morfofonológicos desencadeados pela derivação com esses dois sufixos no Português Arcaico e no Português Brasileiro.

Temos, ainda, o trabalho de Favaro (2012), denominado *Estudo das formas verbais do pretérito perfeito do modo indicativo nas Cantigas de Santa Maria*, no qual a autora faz uma análise dos processos morfofonológicos “desencadeados pela flexão verbal através das formas do pretérito perfeito do modo indicativo, ou seja, processos que alteram a forma dos morfemas e geram alomorfas em vários níveis no Português Arcaico (PA)” (FAVARO, 2012, p. 9). Além disso, trabalhos mais clássicos como o de Cagliari (2002a) e Schwindt (2000) evidenciam a importância de análises envolvendo Morfologia e Fonologia para os avanços em ambas as áreas.

Mesmo com grandes contribuições dos autores citados, ainda há muito a ser explorado sobre o assunto. Portanto, mostra-se importante a continuação desses estudos, para contribuir com a compreensão desses processos linguísticos que são comuns na Língua Portuguesa. Além dos vocábulos recorrentes na língua hoje, este trabalho se volta também para a identificação e descrição de neologismos (e seus mecanismos de formação) presentes em textos de ampla circulação, tais como os textos escolhidos para a recolha do *corpus* deste trabalho: as matérias especiais do *blog* AdoroCinema do ano de 2019. Cabe-nos verificar a recorrência de formações neológicas nesses textos e quais regras elas têm como referência para a sua produção.

A atenção deste trabalho se volta para as classes dos substantivos e adjetivos, por essas duas classes mostrarem ter muito em comum, tanto semântica quanto morfológicamente, e representarem, como acreditamos, duas pontas de um *continuum* categorial. Essa gradiência categorial entre elas se reflete nas RFPs identificadas neste trabalho, como a formação de adjetivos por meio do sufixo -nte, que, em alguns casos, formou substantivos (‘informante’, ‘principiante’), ou mesmo as formações a partir de participípios passados de verbos que assumem função e semântica de adjetivos tanto quanto apresentam como produto vocábulos que se lexicalizaram como substantivos (‘chegada’, ‘resultado’ e ‘virada’ são alguns dos exemplos encontrados neste trabalho).

Este trabalho divide-se em sete seções: após esta introdução, a seção dois trata dos principais conceitos do campo da Morfologia e como eles se relacionam com os dados deste trabalho; ela trata também da conceitualização de neologismos e seus critérios de definição, além de uma breve explanação sobre os contínuos gramaticais que se manifestam ao longo das análises. A seção três aborda os principais conceitos teóricos do campo da Fonologia e como eles se relacionam com os dados deste trabalho; ela também traz os pressupostos da Teoria da Geometria de Traços e da Fonologia Lexical, ambas importantes para a descrição e análise dos processos morfofonológicos que nos dispusemos a apresentar. A quarta seção é dedicada à descrição da metodologia empregada e do *corpus* levantado, trazendo, portanto, uma breve apresentação do gênero *blog*, o recorte temporal proposto para a recolha do *corpus* e os dados iniciais a respeito dos tipos de formação encontrados. A quinta seção tem como foco a descrição morfológica dos vocábulos formados a partir de derivação sufixal – processo mais produtivo em meio a este *corpus*; ela conta com uma subseção dedicada a cada sufixo, com comentários sobre seu comportamento, a RFP que protagonizam, seu valor semântico e uma breve introdução dos processos morfofonológicos desencadeados nesses vocábulos. Finalmente, a seção seis mostra a análise fonológica dos principais processos morfofonológicos desencadeados, representados pela Teoria da Geometria de Traços. Por fim, a conclusão traz as principais considerações a respeito dos dados coletados e observados ao longo deste trabalho, não pretendendo esgotar as observações sobre a formação de palavras no Português Brasileiro atual, mas contribuir com os inúmeros e importantes olhares voltados para o nosso sistema linguístico.

2. EMBSAMENTO TEÓRICO: MORFOLOGIA

Acreditava que ao nomear os problemas, eles se materializavam e já não era mais possível ignorá-los, por outro lado, se ficam no limbo das palavras não ditas, podem desaparecer sozinhos, com o decorrer do tempo.

Isabel Allende, 2017.

Esta seção dedica-se à contextualização e apresentação de alguns dos principais conceitos da área da morfologia, uma das áreas de análise linguística presentes neste trabalho. Começamos com a definição de palavra, passando pelos elementos constituintes da análise morfológica (morfe, morfema e alomorfe) e seus tipos (bases, afixos e desinências). Em seguida, focalizamos a formação de palavras, uma vez que estamos tratando de análises do campo da morfologia derivacional, e conceitos como RFP (regras de formação de palavras) e RAE (regras de análise estrutural). Em continuidade, é feita uma breve apresentação da classe dos nomes, em português, composta por adjetivos e substantivos, principal foco desta pesquisa, junto de considerações a respeito do contínuo gramatical entre essas duas classes. Por fim, apresentam-se os principais conceitos de neologismos, com base em Correia e Almeida (2012) e Alves (2009), e problematizações em torno desta classificação.

Sabe-se que a Morfologia é a área da linguística que estuda e classifica as unidades mínimas de significado – os morfemas – seu funcionamento, variantes, distribuição, contextos de ocorrência, sentido, bem como os processos de formação de palavras e suas classes.

Gonçalves (2019, p. 13) ressalta que os estudos da Morfologia se desdobram em torno de perguntas que os falantes sabem responder intuitivamente, como “Por que determinadas formas, como, por exemplo, *unhudo e *destossir, são sentidas como estranhas e/ou inaceitáveis? Com que tipo de significado contribuem as pequenas peças que se combinam umas com as outras no interior de uma palavra?”¹, entre outras. A primeira pergunta está diretamente relacionada ao que Rocha (1999, p. 139) chama de restrições pragmáticas, enquanto a segunda pergunta gira em torno do conceito de Regras de Análise Estrutural, citado por Basílio (1980). As restrições pragmáticas são o que impedem a formação de um novo vocábulo, mesmo que essa formação seja coerente semântica e morfológicamente, pelo fato de essa nova formação não ser lexicalmente relevante. Por exemplo, da mesma maneira

¹ Aqui é importante fazer uma observação a respeito do exemplo ‘unhudo’, considerado pelo autor como uma forma “estranha” ou “inaceitável”, mas que pode vir a ser recorrente eventualmente, uma vez que as Regras de Formação de Palavras servem às necessidades dos falantes, e não o contrário.

que chamamos o profissional encarregado dos serviços da copa de copeiro, poderíamos formar vocábulos como (*)corredorzeiro, seguindo a mesma regra de formação de palavras. No entanto, essa formação não é socialmente relevante. Já as Regras de Análise Estrutural fazem parte da gramática interna do falante e lhe permitem compreender vocábulos, mesmo que inéditos em seu repertório, por meio da análise (na maioria das vezes inconsciente) das partes que a compõem. Ambos esses conceitos serão discutidos novamente a fundo mais à frente.

Daremos início às definições com o conceito de ‘palavra’ e a problematização em torno dessa definição.

2.1 A definição de palavra

Segundo Basílio (1991, p. 11), “a palavra é uma dessas unidades linguísticas que são muito fáceis de reconhecer, mas bastante difíceis de definir”. Já é consenso entre os estudiosos da Morfologia que definir o que é palavra não é uma tarefa fácil ou mesmo precisa, uma vez que depende do ponto de vista adotado e do objetivo da análise. No entanto, “em todo falante existe uma consciência intuitiva da palavra, mesmo que sua língua não tenha escrita” (LAROCA, 2005, p. 19), ou seja, todos nós sabemos reconhecer uma palavra quando utilizamos uma, mas, dependendo da análise que se pretende fazer, outros critérios têm de ser mobilizados, não contando somente com a intuição do falante.

Quando nos guiamos pelo critério fonológico, temos que a palavra é definida como unidade acentual. Ao tomarmos um vocábulo isolado, esse critério corresponde também ao que comumente consideramos uma palavra, como em ‘casa’, ‘prazer’, em que só há uma sílaba tônica, como pode ser observado nas transcrições fonéticas, respectivamente: [‘ka.za] e [pra,’zeɪ]. Porém, ao pensarmos em construções tais quais ‘a casa’, ‘com prazer’, temos também apenas uma unidade acentual, ou seja, uma sílaba tônica ([a.‘ka.za], [kõ.pra.‘zeɪ]), mas mais de uma palavra em cada construção, embora, nessas combinações, tenhamos formas dependentes (‘a’ e ‘com’) junto de formas livres (‘casa’ e ‘prazer’), como veremos mais à frente.

Já o critério semântico nos propõe a delimitação de uma palavra pelo seu significado, mas, quando nos deparamos com a palavra ‘manga’, por exemplo, fica difícil afirmar se estamos diante de uma única palavra com significados diferentes (manga da blusa ou fruta), ou seja, um caso de polissemia, ou palavras homônimas. O critério semântico é bastante

importante, mas precisa ser combinado com outros na hora de se delimitar uma palavra (KEHDI, 2004, p. 11).

Por fim, temos o ponto de vista lexical, que propõe a ideia de lexema. O lexema é uma unidade abstrata básica do léxico, memorizada na consciência do falante; e esses lexemas representam paradigmas, ou seja, um conjunto de formas flexionadas que um lexema pode assumir, de acordo com o contexto sintático. A partir dos lexemas, temos as palavras propriamente ditas, que fazem parte desse paradigma. Para o lexema LIVRO, por exemplo, temos, dentro de seu paradigma, as palavras ‘livro’ e ‘livros’. O lexema é a palavra dicionarizada e representa todas as outras de seu paradigma. Haspelmath e Sims (2002, p. 15) contrapõem o conceito de lexema ao conceito de *word-form*, que seria a palavra em sentido concreto. Segundo os autores:

[A word-form] é uma sequência de sons que expressa a combinação de um lexema (como LIVE) e um conjunto de **significados gramaticais** (ou **funções gramaticais**) apropriadas ao lexema (como conjugação de 3ª pessoa do singular no presente). *Lives* é uma word-form. Assim, word-forms são concretas de modo que podem ser pronunciadas². (Grifo no original – tradução nossa)

Já Aronoff e Fudeman (2005, p. 42) afirmam que um lexema “é uma palavra com som e significado específicos. Sua forma pode variar dependendo do contexto sintático”³ (tradução nossa). A essas formas, os autores dão o nome de *gramatical word form*, ou forma gramatical da palavra.

Um lexema carrega, portanto, o significado geral das formas gramaticais das palavras a que pode dar origem dentro de um contexto sintático. Sendo assim, este trabalho considera os lexemas, ou seja, as formas não flexionadas, em suas análises, uma vez que o objetivo central, aqui, é observar como se deu a formação de um lexema, este podendo, por sua vez, representar um paradigma de formas gramaticais. Isso significa que, por mais que formas como ‘acontecimentos’, ‘conservadores’ e ‘impiedosa’ tenham sido encontradas no *corpus* deste trabalho, a análise é feita a partir de seus lexemas correspondentes: ACONTECIMENTO, CONSERVADOR e IMPIEDOSO.

²“It is a sequence of sounds that expresses the combination of a lexeme (e.g. LIVE) and a set of **grammatical meanings** (or **grammatical functions**) appropriate to that lexeme (e.g. third person singular present tense). *Lives* is a word-form. Thus, word-forms are concrete in that they can be pronounced”.

³“A lexeme is a word with a specific sound and a specific meaning. Its shape may vary depending on syntactic context”.

Ainda sobre o conceito de lexemas, é preciso ressaltar que existem lexemas simples (LIVRO), compostos (GUARDA-CHUVA) e derivados (LIVRARIA), sendo, esses últimos, o principal foco deste trabalho. Rocha (1999, p. 74) ressaltar a diferença entre lexemas puros (ou simples), como LIVRO, e complexos (ou derivados), como LIVRARIA: os lexemas puros constituem o vocabulário fundamental de uma língua, ao passo que os lexemas complexos são formados no interior do próprio sistema linguístico, que, por sua vez, renova constantemente o léxico, como veremos na subseção 1.7. Existem, ainda, algumas composições como ‘pão de forma’, ‘mãe solteira’ e ‘cartão de crédito’ que não são formalmente consideradas lexemas compostos, porém recebem o nome de lexias complexas, segundo Biderman (1978, p. 133), e serão discutidas mais adiante.

Além dos critérios colocados em questão, temos também algumas considerações de Bloomfield (1933), que classifica as formas como livres e presas. As formas livres seriam as que funcionam independentemente, e até isoladas enunciam uma ideia. Como exemplo de formas livres, podemos citar ‘mesa’, ‘braço’, ‘sol’, entre outros. Já as formas presas são aquelas que só aparecem juntas de uma forma livre e, dessa maneira, demonstram seu significado. É o caso do -s de plural em palavras como ‘mesas’, ‘braços’, etc., que só junto de uma forma livre é que tem um valor semântico.

Câmara Jr. (1989 [1970], p. 70) completa as considerações de Bloomfield, quando acrescenta o conceito de forma dependente. Esta não é livre, pois não funciona isoladamente, mas também não é presa, já que pode mudar de posição em relação à forma livre com que se relaciona. É o caso de pronomes como ‘me’, que podem vir antes ou depois do verbo: ‘Ele sempre me leva mais cedo’, ou ‘leve-me mais cedo’. Os artigos, por sua vez, não estão ortograficamente ligados à palavra a que se relacionam e também não mudam de posição em relação a ela, mas, ainda assim, são considerados dependentes pelo seu valor semântico, que é incompleto, quando não está acompanhado de nenhum outro lexema. Além disso, também é possível que, entre o artigo e o substantivo a que ele se refere, apareça alguma outra palavra, que pode ser um adjetivo, como em ‘A linda namorada’, ou um pronome, ‘A minha namorada’, por exemplo. O mesmo acontece com as preposições da Língua Portuguesa. Diante disso, podemos chegar ao seguinte quadro a respeito das propriedades das formas livres, presas e dependentes:

Quadro 1 - Propriedades das formas livres, dependentes e presas

	Forma livre	Forma dependente	Forma presa
Autonomia acentual	+	-	-
Autonomia formal	+	+	-
Autonomia discursiva	+	-	-

Fonte: Adaptado de Gonçalves (2019, p. 20)

Como já citado anteriormente, o conceito de ‘palavra’ pode variar de acordo com o objetivo da análise e, muitas vezes, é necessário combinar mais de um critério de delimitação de palavra para se definir o objeto. Para o presente trabalho, utilizaremos o termo ‘vocábulo’, nas definições de Câmara Jr. (1989 [1970], p. 69).

O vocábulo formal é a unidade a que se chega quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres, sem mudança de significado. Constará, portanto, de uma forma livre indivisível (ex.: luz), de uma forma livre e uma ou mais formas presas (ex.: in- + feliz), ou de duas formas livres que, se separadas, perdem o sentido de quando estão combinadas (ex.: pano de fundo). Estamos levando em consideração o ponto de vista lexical, que considera também as lexias compostas, bastante presentes neste trabalho. Mais será exposto sobre esse tópico na subseção sobre composição.

Passemos à apresentação dos conceitos-base da Morfologia: morfema, morfe e alomorfe.

2.2 Morfema, morfe e alomorfe

O termo morfema designa uma unidade abstrata mínima de significado: abstrata pois ainda não é a representação concreta do significado correspondente; e mínima pois não pode ser dividida e analisada em mais partes sem perder o seu significado. Além disso, o morfema é uma forma recorrente, que pode ser encontrada em vários vocábulos por meio de oposições.

Gonçalves (2019, p. 36) relembra a técnica da comutação para identificar morfemas, técnica que apresenta os seguintes critérios: (1) isolabilidade – o morfema deve ser isolável, passível de identificação separada da palavra; (2) contrastividade – o morfema identificado deve poder ser substituído por outros, gerando diferenças gramaticais e semânticas; (3) recorrência – o morfema não pode estar restrito a uma palavra específica, mostrando-se recorrente e produtivo; e (4) significado – o morfema deve estar associado a uma ideia ou significado específico.

Para exemplificar: quando comparamos os vocábulos ‘pedras’ e ‘pedreiro’, por exemplo, podemos reconhecer três morfemas diferentes: o morfema lexical *pedr(a)*, o morfema de {plural}, representado pelo morfe *-s*, e o morfema de {agente}, realizado pelo morfe *-eiro*. Além de possuírem significado, esses morfemas também são recorrentes na língua portuguesa, aparecendo em outras palavras (‘barcos’ e ‘barqueiros’, por exemplo).

Já o morfe, elemento citado acima, “é o segmento mínimo significativo recorrente que representa um dado morfema” (LAROCA 2005, p. 27). O morfe é, portanto, a representação concreta de um morfema, que se dá na superfície linguística. Para exemplificar, pensemos no caso do morfema de {plural} no português: a realização concreta desse morfema nas palavras ‘casas’, ‘carros’, ‘chinelos’, por exemplo, é o morfe *-s*. Ainda para o mesmo morfema de {plural}, em português, temos o morfe *-es*, que se realiza diante de radicais terminados em consoante, o que é o caso dos vocábulos ‘mares’, ‘luzes’, ‘colheres’. Segundo Costa (2016, p. 50), “podemos dizer que existe um morfema de plural, que carrega o significado de “mais de um(a)”, o qual poderá ser realizado, na superfície linguística, por meio das terminações “-es”, “-s”, além de outras que, porventura, possam aparecer”.

Essa observação leva-nos ao conceito de alomorfia. A alomorfia é a possibilidade de representação de um morfema por dois ou mais morfes diferentes. Aos morfes que são representações de um mesmo morfema dá-se o nome de alomorfes. Não só afixos, mas também raízes e bases podem apresentar diferentes alomorfes (HASPELMATH; SIMS, 2002, p. 23). Os autores resumem que as propriedades cruciais que definem morfes como alomorfes é que eles apresentam o mesmo significado e ocorrem em ambientes diferentes, em distribuição complementar, ou seja, onde um alomorfe ocorre, o seu par não pode ocorrer.

Em alguns casos, essas diferentes representações são condicionadas por contextos morfológicos e fonológicos diferentes, em outros não, como veremos a seguir.

Sobre o fenômeno da alomorfia, pode-se dizer que existem dois tipos: a alomorfia pura e a alomorfia condicionada. A alomorfia dita condicionada é acarretada por um processo fonológico, ou seja, um traço fonológico do vocábulo é que desencadeia a ocorrência de um alomorfe menos recorrente. É o caso dos vocábulos do alomorfe *-es* para o morfema de {plural} em português, por exemplo, que é acionado, principalmente, diante de bases terminadas em /R/ (mar > mares).

Para o morfema de {plural} no português, temos ainda o que se chama de alomorfe Ø (zero). Em vocábulos como ‘óculos’ e ‘lápiz’, por exemplo, não temos marcação de plural no próprio vocábulo, mas nos determinantes que podem aparecer antes ou depois (ex.: os lápis pretos). No entanto, em construções como estas, sabemos, pelo contexto, que o vocábulo se

encontra no plural; a questão é que seu morfe de plural não aparece de maneira concreta, é apenas semântico. A esse alomorfe de plural dá-se o nome de alomorfe Ø.

Existe também o que chamamos de morfema Ø. Este se dá, segundo Kehdi (2004, p. 24), diante de três condições: “1) é preciso que morfema Ø corresponda a um espaço vazio; 2) esse espaço vazio deve opor-se a um ou mais segmentos [...]; 3) a noção expressa pelo morfema Ø deve ser inerente à classe gramatical do vocábulo examinado”. O exemplo sugerido pelo autor é a oposição entre as formas ‘falava’ e ‘falávamos’. Podemos depreender o morfema indicativo de primeira pessoa do plural, representado pelo morfe -mos, enquanto na forma ‘falava’ (o que existe é apenas uma desinência modo-temporal -va), não temos nenhum morfema que indique as noções de primeira ou terceira pessoa do singular, a que ela se refere. Segundo o autor, é a ausência de marca que sugere a noção de pessoa nesse caso, ou seja, a ausência de um morfema é significativa. Temos, portanto, um morfema Ø, e não um alomorfe Ø, visto que não está em concorrência com outros morfes que representem as mesmas propriedades (1ª ou 3ª pessoa do singular).

2.3 Base, raiz e radical

Passemos a outras classificações de morfemas, começando pela base. A base, segundo Rocha (1999, p. 100), “é uma sequência fônica recorrente, a partir da qual se forma uma nova palavra, ou através da qual se constata que uma palavra é morfologicamente complexa”. A partir do vocábulo ‘florista’, por exemplo, em oposição a outros vocábulos próximos, como ‘floreira’, podemos perceber que a base ‘flor’ foi a que deu origem às novas formações. Rocha (1999) afirma ainda que a base não necessariamente é uma palavra da língua, podendo ser uma forma presa, como no vocábulo ‘agricultura’, em que a base corresponde à forma presa agr-. O autor diz que, apesar de não ser uma palavra da língua, “apresenta um conjunto de traços semânticos bem definidos” (ROCHA, 1999, p. 100). O mesmo autor classifica as bases presas como formas presas (cf. subseção 1.1), junto dos afixos, desinências e vogais temáticas (p. 63).

Além disso, vale citar as palavras de Basílio (1991, p. 13) dentro desta discussão: “As palavras não são formadas apenas por uma simples sequência de elementos constitutivos; elas são também estruturadas em camadas que podem atingir vários níveis”. Diante disso, o vocábulo ‘dramatização’, por exemplo, tem como base ‘dramatizar’, que, por sua vez, tem como base ‘drama’.

Nesse último ponto, a base se difere da raiz, visto que “a raiz é um morfema comum a várias palavras de um mesmo grupo lexical, portador da significação básica desse grupo de palavras” (ROCHA, 1999, p. 112). Aronoff e Fudeman (2005, p. 2) confirmam: “Uma **raiz** é como uma base que constitui o núcleo da palavra à qual outras peças são anexadas, mas o termo refere-se apenas a unidades morfológicamente simples. Por exemplo, *disagree* é base de *disagreement*, pois é o vocábulo ao qual *-ment* se anexa, mas *agree* é a raiz”⁴. (Destaque no original – tradução nossa).

Sendo assim, no grupo lexical ‘livro’, ‘livraria’, ‘livrinho’, temos que a raiz é *livr-*. Dessa forma, em ‘livraria’ e ‘livrinho’, a base é ‘livro’ ([[livro]_{subs} + [aria]_{suf}]_{subs} e [[livro]_{subs} + [inho]_{suf}]_{subs}, ocorrendo supressão da vogal temática nominal em ambos os casos), porém a raiz continua a ser *livr-*.

Outro conceito importante é o de radical. Para Rocha (1999) e Kehdi (2004), por exemplo, o radical do item lexical ‘menino’ é *menin-*, e o elemento *-o* seria desinência masculina de gênero. Câmara Jr. (1989 [1970]) vai no sentido oposto: para ele, o radical que depreendemos do grupo ‘menino’, ‘menina’, ‘meninos’, ‘meninas’, é *menino-*, já que ele considera o elemento *-o* como vogal temática da palavra ‘menino’, e não como desinência de gênero masculino. Para o linguista, o radical conta, portanto, com a vogal temática também.

No presente trabalho, adotaremos a visão de Câmara Jr. (1989 [1970]), pois acreditamos que o falante conta, em seu léxico (repertório), com formas como ‘menino’, ‘garoto’, e não *menin-* e *garot-*, por exemplo. Costa (2016, p. 56) explica que, nesse tipo de vocábulo “ocorre a supressão da vogal temática nominal quando do acréscimo do sufixo ‘-a’, de gênero feminino”. Neste caso, temos, então ‘menino’ como radical da própria palavra e como base do vocábulo derivado ‘meninice’, por exemplo.

Diante dessa definição, para este trabalho, tomamos radical nas definições de Câmara Jr., como o item lexical sem qualquer desinência flexional, seja de número ou de gênero, apenas com a vogal temática, quando houver. Já o termo raiz não será usado aqui com frequência, pois enxergamos esse termo como ligado à ideia de etimologia da palavra, o que se faz mais útil em um estudo diacrônico, que não é o caso.

É importante ressaltar que, no presente trabalho, nas análises morfológicas, usaremos, majoritariamente, a nomenclatura ‘base’, que está relacionada aos processos de formação de

⁴“A root is like a stem in constituting the core of the word to which other pieces attach, but the term refers only to morphologically simple units. For example, *disagree* is the stem of *disagreement*, because it is the base to which *-ment* attaches, but *agree* is the root”.

novas palavras. Já o termo ‘radical’ está mais ligado aos processos de flexão e será pouco recorrente nas análises.

2.4 Afixos: prefixos e sufixos

Os afixos são morfemas que podem ser considerados formas presas, de acordo com a nomenclatura de Bloomfield (1933) comentada anteriormente. Isso pelo fato de que os afixos só produzem sentido quando anexados a bases, ou seja, formas livres. Eles estão relacionados aos processos de derivação e podem mudar o significado da palavra (ex.: feliz > in-feliz) ou mesmo mudar a classe da palavra (ex.: leal > leal-dade, em que se passou de um adjetivo para um substantivo).

Os afixos, em português, são morfemas aditivos e são de dois tipos: os prefixos, que são morfemas anexados no início dos vocábulos (ex.: des-fazer, in-fiel, re-por); e os sufixos, que são pospostos ao radical (ex.: leal-dade, fiel-mente, sabor-oso). Há, ainda, a categoria dos infixos, afixos inseridos no meio dos vocábulos, mas esses não existem no português.

2.4.1 Prefixos

Os prefixos são, geralmente, antepostos a verbos e adjetivos, como ‘refazer’ e ‘destemido’. Kehdi (2004, p. 28) afirma que os exemplos de prefixos anexados a substantivos são poucos e se verificam, mais frequentemente, em deverbais (substantivos formados a partir de verbos). O autor cita como exemplos os vocábulos ‘desrespeito’ e ‘retorno’. É válido dizer que, nesses casos, Kehdi afirma termos prefixos junto de substantivos, no entanto, não temos, neste ponto, casos de derivações prefixais. O autor defende que o que aconteceu foi, na verdade, uma derivação regressiva: os vocábulos ‘desrespeito’ e ‘retorno’ são derivados, respectivamente, de ‘desrespeitar’ e ‘retornar’, por regressão. Estes últimos é que foram, de fato, formados pela adjunção de um prefixo a verbos, o que é bastante recorrente na língua portuguesa, ou seja, a derivação prefixal ocorreu num momento anterior, com os verbos⁵.

Além disso, ressaltamos que a adjunção de um prefixo não altera a classe gramatical da palavra. Gonçalves (2019, p. 53) adiciona que prefixos “não são cabeças categoriais das construções morfológicas”, com raras exceções, como [a[moral]_{subs}]_{adj} e [anti[rugas]_{subs}]_{adj}, ou seja, temos raros casos em que o prefixo determina (e modifica) a classe gramatical do

⁵Mais sobre a derivação regressiva será visto na subseção 2.7.1.

vocábulo a que é anexado. Retomaremos esse tópico na subseção sobre derivação prefixal (2.7.1).

2.4.2 Sufixos

Já os sufixos podem ser verbais (ex.: ágil + -izar > agilizar), ou nominais, anexando-se a substantivos (ex.: mort[e] + -al > mortal) ou a adjetivos (ex.: mortal + -idade > mortalidade). Eles, ao contrário dos prefixos, podem alterar a classe da palavra a que se anexam. São considerados um mecanismo de adaptação dos vocábulos de uma língua, porque modificam um vocábulo para que ele atenda a novas exigências do contexto linguístico, seja ele sintático ou semântico, como retomaremos na subseção sobre derivação sufixal (2.7.1). Há também o sufixo adverbial: -mente.

Pode-se afirmar, ainda, que os sufixos são cabeças categoriais, ao contrário dos prefixos – uma vez que determinam (e muitas vezes modificam) a classe gramatical da palavra a que se anexam – e também cabeças morfológicas de palavras complexas, já que quase sempre determinam o gênero da palavra resultante (GONÇALVES, 2019, p. 53). Os prefixos, por sua vez, como estão sempre posicionados à esquerda da base, nunca respondem pela informação de gênero.

2.5 Desinências

As desinências são morfemas terminais e estão ligadas ao processo de flexão, seja de gênero e número (nos nomes) ou modo-tempo e número-pessoa (nos verbos). Alguns autores, como Laroca (2005), tratam as desinências como ‘sufixos flexionais’, fazendo referência direta ao emprego desse tipo de morfema que se dá nos processos de flexão. Já Kehdi (2004) faz uso das nomenclaturas ‘desinência de gênero’ e ‘desinência de número’ para as desinências nominais, termo que usaremos neste trabalho.

2.5.1 Desinência de gênero

É preciso ressaltar que grande parte dos substantivos possuem gênero inerente, ou seja, não são passíveis de flexão, pois apresentam gênero único, a citar ‘computador’, ‘árvore’, ‘sala’, etc. No entanto, alguns deles são suscetíveis a esse processo: ‘menino-menina’, ‘camponês-camponesa’, ‘peru-perua’. Nos três casos apresentados, podemos identificar o morfema de {feminino} representado pelo morfe -a.

No entanto, temos, na língua, casos em que a realização da flexão de gênero pode apresentar dificuldades de descrição, como em ‘valentão-valentona’, ‘mandão-mandona’, ‘leão-leoa’.

Em relação aos pares ‘valentão-valentona’, ‘mandão-mandona’, Laroca (2005) defende o fenômeno da alomorfia do sufixo aumentativo -ão, variando com -on. E quando se trata de leão-leoa, ou outros que não sejam nomes no aumentativo, a autora se refere à alomorfia entre -ão e -õ-, seguida da desnasalação de -o diante da desinência -a.

Já Câmara Jr. (1989 [1970]) não faz uso da explicação por meio de alomorfes para esses casos. Ele propõe a análise desse tipo de ocorrência por meio da consideração de formas teóricas, segundo as quais as formas de algumas palavras não aparecem na superfície, mas estão na estrutura profunda da língua. Um exemplo seria a explicação da formação do feminino de ‘leão’ (‘leoa’), que o autor afirma estar na forma teórica *leon. A partir dessa forma de base, que está presente em derivações como ‘leonino’, por exemplo, ocorre a supressão da nasal ‘n’ ao ser anexado o morfe de feminino -a. No entanto, por acreditarmos que, na Morfologia, existem formas em concorrência, consideraremos, neste trabalho, a alomorfia como mecanismo natural das línguas e, portanto, ela estará presente em nossas análises.

Além disso, alguns casos de feminino no português se dão por derivação e não por flexão, como pode ser observado em ‘conde-condessa’, ‘profeta-profetisa’. Não estamos aqui diante de um caso de alomorfe para o sufixo feminino -a, mas diante de um caso de derivação, em que cada uma das palavras tem gênero inerente (‘conde’ é masculino, ‘condessa’ é feminino). Nesses casos, o próprio sufixo derivacional traz consigo a noção gramatical do gênero (cf. 1.4.2). Trata-se de sufixos que só formarão palavras do gênero feminino.

Existem, ainda, outros casos de alomorfia para a flexão de gênero em português: (1) alternância vocálica (avô-avó), também chamada de morfema alternativo por Kehdi (2004, p. 43)⁶; (2) os radicais em /aN/ com tema em -o suprimem a semivogal quando na forma feminina (irmão - irmã); (3) o sufixo derivacional -eu (‘europeu’), junto à desinência de gênero ‘a’, tem a vogal ‘u’ do tema suprimida e, em virtude do hiato gerado -ea, desenvolve uma ditongação /ei/ antes do /a/, gerando ‘europeia’. Há, inclusive, uma alternância entre timbre fechado e timbre aberto para a vogal tônica, no masculino e feminino ([eu.ro.'peʊ] - [eu.ro.'peɪ.a]) (CÂMARA JR., 1989, p. 90); (4) alternância vocálica submorfêmica (grosso –

⁶ Vale ressaltar que a visão de Kehdi sobre o par avô-avó não leva em consideração uma descrição fonológica mais aprofundada. Nota-se que em ambas as formas temos a junção da vogal da base (-o) com a desinência de gênero, provocando um caso de crase em avô (-o + -o) e a abertura da vogal em avó (-o + -a).

grossa, [ˈgro.sɔ] – [ˈgrɔ.sa]); (5) e alomorfe Ø para os vocábulos chamados comuns-de-dois-gêneros pela gramática tradicional, nos quais o gênero da palavra é indicado pelo determinante (‘o artista- a artista’). É importante deixar claro, no entanto, que embora Kehdi não tenha apontado, os casos de alomorfia de (1) a (4) são fonologicamente condicionados.

2.5.2 *Desinência de número*

Da mesma forma que temos o morfema Ø para masculino e -a para feminino, no português, temos o morfema Ø para singular e, para o morfema de {plural}, os alomorfes -s, Ø e -es (em palavras terminadas em consoante). Na oposição ‘bolsa - bolsas’, podemos identificar o morfema Ø para o singular e o alomorfe -s para o plural; já na oposição ‘dor - dores’, temos mais uma vez o morfema Ø para o singular e o alomorfe -es para o plural, que se concretiza ortograficamente como -es e foneticamente como [ɪs]; em ‘o lápis- os lápis’, temos o morfema Ø para o singular e o alomorfe Ø para o plural, enquanto o número é indicado pelo determinante; por fim, em ‘lençol - lençóis’, temos o morfema Ø de singular e o alomorfe -es (foneticamente [ɪs]) de plural (aqui realizado ortograficamente como -is), diante da queda do /l/, desencadeando uma ditongação, como explica Laroca (2005 p. 39).

2.5.3 *Desinências verbais*

As desinências verbais estão divididas em dois grupos: modo-temporais (ou sufixos modo-temporais) e número-pessoais (ou sufixos número-pessoais). Elas exprimem, respectivamente, as informações de tempo e modo, e número e pessoa nos verbos, e estão ligadas ao processo de flexão verbal. Nesse ponto, as desinências verbais diferenciam-se das desinências nominais, uma vez que uma forma indecomponível comporta, simultaneamente, dois conteúdos. Gonçalves (2019, p. 58) explica que “a informação temporal se superpõe à de modo e aspecto, da mesma forma que a de pessoa aparece fundida com a de número”. Segundo o autor, esse fenômeno morfológico é chamado de *portmanteau*⁷ e pode ser explicado como “uma sequência fonológica que não pode ser analisada em unidades menores, mas representa dois ou mais componentes distintos de significado”.

A exemplo de outras línguas, como o francês, no português também encontramos a ordem modo-temporal e número-pessoal nas formas flexionadas. Kehdi (2004, p. 33) apresenta uma lista das desinências modo-temporais do português, entre as quais a que mais

⁷ É importante ressaltar que o termo *portmanteau* possui outros significados para outros estudiosos. Araújo (2000, p. 6) explica que “Portmanteau (palavra-valise) é o resultado de um processo de composição no qual duas palavras são sobrepostas ou concatenadas, com eventual perda de material segmental (elementos fonológicos ou silábicos) resultando na formação de uma nova palavra.”

nos interessa é a -do, por ser recorrente em nosso *corpus*, indicada como desinência modo-temporal da forma verbo-nominal particípio passado. Retomaremos essa discussão na subseção 1.8.1, em que trataremos da gradiência gramatical.

2.6 Vogal temática

As vogais temáticas são vogais que marcam as classes dos nomes e verbos e se encontram junto ao radical para formarem uma base, à qual será adicionada um afixo. Em relação às vogais temáticas nominais, Kehdi (2004, p. 35) estabelece uma diferença entre as vogais temáticas -o, -a e -e e as desinências de gênero -o e -a no português. Para a identificação das desinências de gênero, seria preciso fazer a comutação entre as formas flexionadas de um mesmo vocábulo. No exemplo ‘menin-o – menin-a’ temos, segundo o autor, desinências de gênero, pois a comutação de um pelo outro muda o gênero da palavra. Enquanto no caso ‘livr-o – livr-a’, a comutação entre as duas vogais não está indicando mudança de gênero e seriam, portanto, vogais temáticas, a primeira nominal e a segunda verbal, pertencendo a palavras diferentes, o que descaracteriza o processo de flexão.

Porém, como já explicitado anteriormente, neste trabalho, não será adotado o ponto de vista de Kehdi (2004) para a questão das vogais temáticas, visto que acreditamos que, mesmo em vocábulos passíveis de flexão de gênero, a forma presente na consciência lexical do falante é aquela do masculino, de morfema flexional Ø, e não apenas um radical sem vogal temática (menin-). Acreditamos que o que está no léxico é ‘menino’, forma não marcada para gênero, ou seja, o morfema Ø indica masculino. Outro argumento a favor disso é o fato de que, quando precisamos generalizar o substantivo, usamos a forma do masculino. Por exemplo, um professor tem ‘alunos’ e ‘alunas’, mas, quando se refere a eles de maneira geral, diz ‘meus alunos’, usando a forma do masculino. Isso prova que a forma ‘aluno’ é responsável, também, pela transmissão do conceito “aluno”, sem a definição do gênero especificamente. Vale ainda afirmar que vocábulos terminados em vogal tônica ou em consoante são considerados atemáticos.

Já em relação às vogais temáticas verbais, não parece haver grandes divergências entre os autores. Elas são três (-a, -e, -i) e indicam as conjugações dos verbos (primeira, segunda e terceira, respectivamente). Dentre elas, a mais produtiva é a da primeira conjugação, visto que novas formações verbais, se ocorrerem, pertencerão a ela (KEHDI, 2004 p. 36). Ademais, as vogais temáticas possuem variações e sofrem processos fonológicos quando diante das desinências. É o caso, por exemplo, da vogal temática -e do verbo ‘vender’ que, diante da

desinência modo-temporal -ia, sofre alçamento e crase (vende + ia > vendi + ia > vendia). Dessa forma, podemos afirmar que a vogal temática nunca será Ø, pois, quando ela não aparece na realização da palavra, isso se deve ou ao processo morfofonológico de supressão ou ao processo de crase.

Tendo explicitado os tipos de morfema existentes no português, passemos à discussão sobre os processos de formação de palavras.

2.7 A formação de palavras

Segundo Biderman (1978, p. 139), o léxico é “a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades”, ou seja, é a identidade de um povo, sua cultura, sua história, documentada em palavras criadas e adaptadas pelos próprios falantes para suprir suas necessidades sociais e comunicativas de acordo com o tempo e espaço em que vivem.

O léxico é um patrimônio linguístico do homem, e que está em constante movimento, sendo renovado pelos próprios falantes por meio da formação de novas palavras, que o expandem e suprem as necessidades linguísticas, que mudam de acordo com o tempo, contexto histórico e social.

Mais especificamente, a formação de palavras vem cumprir algumas funções. Uma delas é a mudança categorial (BASÍLIO, 1991, p. 9): muitas vezes, é preciso mudar a categoria da palavra por conta de uma exigência sintática, e é muito mais prático adaptar um vocábulo do que criar um totalmente novo a cada nova ideia que se precise expressar. Se tomarmos o adjetivo ‘feliz’ em ‘Ela é tão feliz que contagia!’ e reformularmos essa frase, poderá haver a necessidade de usarmos um vocábulo de classe gramatical diferente, mas que mantenha o sentido parecido: ‘A felicidade dela contagia’. Rocha (1999, p. 80) trata essa função como de mudança categorial e itera que ela é uma exigência do próprio sistema linguístico.

Há também a função discursiva, que está ligada à necessidade do falante de expressar sua subjetividade (BASÍLIO, 1991, p. 8), também tratada como função expressiva de avaliação por Rocha (1999, p. 80). É o que ocorre, por exemplo, com a construção de vocábulos no diminutivo ou aumentativo, em frases como ‘Mãezinha, posso sair hoje?’, numa situação em que o vocativo ‘mãezinha’, no diminutivo, demonstra carinho por parte do locutor, ou mesmo a intenção de agradar seu interlocutor ao fazer um pedido.

Além disso, estamos constantemente nos readaptando e precisando de nomes para ações, lugares, características, sentimentos. A formação de palavras também é útil na rotulação dessas novas realidades (BASÍLIO, 2006, p. 31). É o caso de ‘para-brisa’, por exemplo, que surgiu com a invenção do carro, ou mesmo ‘orelhão’, que surgiu quando foi inventado o telefone público.

Por fim, formar novos vocábulos também cumpre uma função de economia: às vezes uma única palavra possui o mesmo significado que um sintagma de três ou mais palavras, como por exemplo ‘louvável’, que significa ‘algo digno de louvor’.

É importante ressaltar que novas formações estão presentes em classes abertas de palavras. Aronoff e Fudeman (2005, p. 40) propõem a separação das palavras em palavras de conteúdo e palavras de função⁸, mencionando, como exemplos das primeiras, os substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, e, como exemplos das segundas, os determinantes, pronomes, conjunções e verbos auxiliares. Gonçalves (2019, p. 20) completa que o primeiro grupo (palavras de conteúdo) constituem um sistema aberto. Seu inventário é flexível e pode receber novos membros em função da cultura. Já as palavras de função formam um sistema fechado e mais fixo, com um número limitado de membros.

Em Basílio (1980, p. 49), deparamo-nos com os conceitos de regras de formação de palavras (RFPs) e regras de análise estrutural (RAEs), que, segundo a autora, são mecanismos inerentes aos falantes que lhes possibilitam formar novas palavras (RFP) e reconhecer novas palavras (RAE) até então não presentes em seu léxico. Além disso, a autora resalta que ambos os mecanismos formam um ciclo e se complementam. Isso quer dizer que, a cada nova palavra reconhecida pelo falante, foram acionadas RAEs para compreendê-la, ao passo que, para criar vocábulos antes inexistentes, o falante aciona as RFPs que já conhece e que são produtivas dentro de sua língua.

Rocha (1999, p. 36) exemplifica:

O conhecimento que o falante tem do léxico de sua língua facultar-lhe-á fazer uma série de generalizações a respeito desse léxico. A gramática subjacente de um indivíduo registrará, por exemplo, relações paradigmáticas do tipo: pescar, pescador; criar, criador; paquerar, paquerador. Com base nessa relação paradigmática, o falante poderá criar palavras novas como (?)*fabricador* e (?)*apelidador* [...] ⁹. (Destaque no original).

⁸ *Content words* e *function words* (tradução nossa).

⁹ Segundo o autor, o ponto de interrogação entre parênteses, colocado antes de uma palavra, indica um item lexical possível segundo as regras morfológicas, mas não existente na comunidade linguística.

Para a representação de uma RFP (relacionada a uma derivação sufixal), podemos utilizar o seguinte esquema:

$$(1) [[X] a] Y] b$$

onde **X** é a base que dá origem à formação da nova palavra, **a** é a categoria gramatical da base, **Y** é o sufixo anexado e **b** é a classe gramatical do vocábulo derivado. Segue um exemplo prático, que mostra o substantivo ‘adaptação’ sendo formado a partir do verbo ‘adaptar’ e do sufixo -ção:

$$(2) [[adaptar]_{\text{verbo}} -ção]_{\text{subs}}$$

Aronoff (1976, p. 22) detalha que:

As regras regulares a que nos referimos serão denominadas de *Regras de Formação de Palavras* (RFP’s). Uma regra especifica um conjunto de palavras sobre o qual ela pode operar. Esse conjunto, ou qualquer membro desse conjunto, nós denominaremos de *base* dessa regra. Toda RFP especifica o rótulo sintático e a subcategorização da palavra resultante, bem como a sua interpretação semântica, que é uma função da interpretação da base. (Destaques no original)¹⁰.

Vale, ainda, observar que as RAEs estão necessariamente ligadas ao estabelecimento de relações paradigmáticas, referentes ao critério da recorrência, utilizado no reconhecimento de morfemas (cf. seção 2.2). Embora o falante consiga identificar estruturas não recorrentes em palavras isoladas, como ‘casebre’, ‘andarilho’, ‘bebum’, ele não aplica a elas uma RAE, já que “regras não se aplicam a casos isolados” (ROCHA, 1999, p. 42). Esse processo de apreensão de estruturas não recorrentes é chamado fossilização (p. 94).

Além disso, é importante lembrar que uma RAE não necessariamente corresponde a uma RFP, isso porque algumas estruturas podem não ser mais produtivas para gerar novos vocábulos hoje em dia, mas são reconhecidas pelos falantes mesmo assim. Rocha (1999, p. 42) cita, como exemplo, os vocábulos ‘celeste’, ‘campestre’ e ‘róseo’, originados pelos sufixos -este, -estre e -eo, respectivamente, os quais não produzem mais vocábulos na língua nos dias de hoje.

¹⁰ “The regular rules referred to above will be termed Word Formation Rules (WFR). Such a rule specifies a set of words on which it can operate. This set, or any member of this set, we will term the *base* of that rule. Every WFR specifies a syntactic label and subcategorization for the resulting word, as well as a semantic reading for it, which is a function of the reading of the base”.

Por fim, por mais que a criação de novas palavras seja algo constante e esperado pelo sistema linguístico, é preciso lembrar que ela não se dá de maneira totalmente aleatória, uma vez que novas palavras precisam fazer sentido dentro de uma comunidade linguística, para que o falante consiga transmitir sua ideia, apelando para as RAEs internalizadas nos seus interlocutores. Sendo assim, a transgressão sufixal pode bloquear a criação de novos vocábulos que transpassem as RFPs em questão. O sufixo -mento, por exemplo, é conhecido por formar substantivos a partir de verbos ([[cruzar]_{verbo} -mento]_{subs}, [[orçar]_{verbo} -mento]_{subs}, [[sentir]_{verbo} -mento]_{subs}), por isso, apesar de ser altamente produtivo em nossa língua, ele não pode se ligar a adjetivos com o mesmo fim semântico (*bonitomento, *velhomento etc.).

Há, ainda, os casos em que a aplicação de uma RFP é gramatical, mas também não acontece, por conta de bloqueios paradigmáticos¹¹ (ARONOFF, 1976, p. 43). Por mais que uma base preencha as condições de uma RFP, a formação de um novo vocábulo a partir dela e um sufixo é bloqueada por uma outra formação já institucionalizada. É o caso de (*)fabricador: a base ‘fabricar’ é um verbo e poderia, segundo a RFP, ligar-se ao sufixo -dor para formar um substantivo (como acontece com [[cuidar]_{verbo} -dor]_{subs}, por exemplo), mas ela é bloqueada pela forma institucionalizada ‘fabricante’.

Existem, também, palavras reais, institucionalizadas e reconhecidas dentro de uma comunidade linguística, mas que são relativamente novas e, por isso, não estão dicionarizadas. Os chamados neologismos são uma das partes centrais dos objetivos deste trabalho e serão abordados na subseção 2.10.

Passemos, agora, à caracterização dos dois processos mais produtivos na formação de palavras em português: a derivação e a composição.

2.7.1 Derivação

O processo de derivação se caracteriza, principalmente, pela adição de um afixo, seja ele um prefixo ou um sufixo, a uma base, com exceção da derivação regressiva, como veremos mais à frente, nesta mesma subseção. A derivação difere-se da composição pelo fato de formar uma palavra nova a partir de uma única base. Neste processo, o novo vocábulo formado conserva ainda uma relação de significado com essa base. No português, podemos destacar quatro tipos de derivação morfológica: prefixal, sufixal, parassintética e regressiva.

¹¹ É importante ressaltar a diferença entre restrição pragmática e bloqueio paradigmático: aquela impede a formação de novos vocábulos que não sejam lexicalmente relevantes dentro de um determinado sistema linguístico, enquanto este impede a formação de vocábulos que sem encaixam em uma RFP produtiva, mas são bloqueados por formas já existentes.

Além deles, há um caso de derivação morfossintática, chamado de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, ou CONVERSÃO. Neste processo, não ocorrem alterações estruturais no vocábulo, mas apenas semânticas e sintáticas, de acordo com sua função na sentença. A derivação imprópria ocorre quando um vocábulo de uma determinada classe de palavras é utilizado com funções diferentes da sua, ou seja, apresentando funções de outra classe de palavras. Existem vários casos, como de adjetivos que assumem a função de substantivo (“Temos os melhores **ouvintes** nessa rádio”), substantivos que assumem a função de adjetivo (“Pedro é muito **burro**, vendeu sua casa na praia por uma mixaria”), verbos que se comportam como substantivos (“O **sonhar** está cada dia mais raro”), entre outros (KEHDI, 1992, p. 29). Ao passar de uma categoria gramatical a outra, a unidade lexical absorve as características de sua nova classe. Um exemplo claro são os adjetivos que assumem a função de advérbios nas frases, como “Respirar **fundo**”, por exemplo. Nesse caso, o adjetivo ‘fundo’ perde sua propriedade de variação de gênero e número, característica dos adjetivos, e torna-se invariável, como outros advérbios de modo. Alguns casos de derivação imprópria foram identificados no corpus deste trabalho e serão discutidos mais à frente.

A DERIVAÇÃO PREFIXAL ou PREFIXAÇÃO ocorre mais comumente com verbos e adjetivos (des- + ‘fazer’ > ‘desfazer’; i- + ‘legal’ > ‘ilegal’), embora tenhamos construções como ‘descaso’, por exemplo. Segundo Gonçalves (2019, p. 136), os prefixos produtivos em português se originam do latim e do grego, em que tinham função de preposição ou advérbio. Há prefixos que ainda se associam a preposições e são bastante produtivos em português, como entre- e sobre-, e que também aparecem dissociados de outra base, como forma dependente, sendo característicos do que Sandmann (1989) chama de prefixoides¹². A principal característica da prefixação é a manutenção da classe da palavra-base à qual o prefixo foi adicionado, isso quer dizer que o prefixo nunca muda a classe de um vocábulo no português, apenas muda a semântica da palavra-base.

O mesmo não ocorre na DERIVAÇÃO SUFIXAL ou SUFIXAÇÃO: na maioria das vezes, a anexação de um sufixo muda a classe da palavra-base. O sufixo -mento, por exemplo, regularmente se junta a verbos para formar substantivos (lançar > lançamento, julgar > julgamento); contudo, em ‘boiada’, temos o sufixo -ada, que formou outro substantivo ao se juntar à base ‘boi’, também substantivo. Ou seja, a derivação sufixal pode ou não mudar a

¹² O mesmo termo é usado por Rocha (1999, p. 164) para designar o que ele chama de “falsos prefixos”, que são sequências fônicas não-recorrentes, anexadas a bases livres e que apresentam um sentido exclusivo, específico e não-previsível. O autor cita como exemplo o vocábulo ‘resguardar’, em que res- comporta-se caracteristicamente como um prefixo, mas não é recorrente, por não aparecer em nenhuma outra palavra da língua portuguesa como prefixo.

classe da palavra. A sufixação pode ser classificada de acordo com a classe gramatical da base lexical a que está vinculada: deverbal, denominal ou deadjetival.

Não podemos ignorar o fato de que a formação de novos vocábulos não se dá apenas a partir de bases livres já existentes (palavras de conhecimento do falante), mas também de formas presas (ROCHA, 1999, p. 117). Pensemos nos paradigmas ‘pastel – pastelaria - pasteiro’ e ‘carpintaria - carpinteiro’. Em ambos, por meio das RAEs, podemos destacar os sufixos -aria e -eiro, que significam, respectivamente, ‘lugar onde se faz/fabrica X’ e ‘pessoa que faz/fabrica X’, em que X é a base da qual se derivaram as novas palavras. No caso do primeiro paradigma, X é uma base livre (‘pastel’), dotada de significado, ao passo que, no segundo paradigma, a base carpint- não existe livremente na língua. No entanto, não podemos dizer que ela não possui “um conjunto de traços semânticos bem definidos” (ROCHA, 1999, p. 117), tornando possível a sua combinação com outras formas presas. Além de carregarem valor semântico, as bases presas (1) também apresentam variações (gastr-, gastro-, agr-, agri-, agro- etc.), em que as vogais -i e -o atuam como vogais de ligação, e (2) podem ligar-se a sufixos, outras bases presas ou bases livres.

Existe ainda, em português, a DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA, em que um prefixo e um sufixo se anexam a uma base simultaneamente, ou seja, não há um nível de análise anterior em que esse vocábulo não possua o prefixo ou o sufixo, a adjunção de ambos é obrigatoriamente simultânea. Existe grande produtividade nesse tipo de derivação com a regra lexical ‘en- + substantivo + -ar’: são os casos de ‘encadernar’, ‘ensaboar’, ‘envenenar’. Observe-se que, nesses casos, a ausência, seja do prefixo, seja do sufixo, não forma vocábulos da língua (cadernar*, saboar*, venenar*). Essa dinâmica de anexação simultânea faz com que a ocorrência se dê por meio de um circunfixo e não de um prefixo e um sufixo. Gonçalves (2019, p. 138) apresenta uma lista dos principais circunfixos do português, por meio da qual é possível observar que a parassíntese, em português, é bastante produtiva na formação de verbos a partir de nomes (substantivos e adjetivos). Por esse motivo, esse processo será pouco expressivo nos dados deste trabalho.

Quadro 2 - Principais circunfixos do português

Base	Circunfixo	Produto
Joelho	a- (base) -ar	Ajoelhar
Cólera	en- (base) -izar	Encolerizar
Pedaço	des- (base) -ar	Despedaçar
Manhã	a- (base) -ecer	Amanhecer
Rijo	en- (base) -ecer	Enrijecer
Gordo	en- (base) -ar	Engordar
Claro	es- (base) -ecer	Esclarecer

Fonte: Adaptado de Gonçalves (2019, p. 138)

Em seu trabalho mais recente, Silva (2021, p. 14) argumenta que, no caso dos verbos parassintéticos, “tanto os prefixos quanto os sufixos ocorrem em outras formações”, além de cumprirem funções diferentes na parassíntese, e refuta a formação de verbos parassintéticos por meio de um afixo único, descontínuo, que, em teoria, deveria cumprir uma única função e remeter a um único significado.

Por último, temos os casos de DERIVAÇÃO REGRESSIVA, em que um vocábulo é formado a partir da eliminação de um determinado sufixo. No português, esse mecanismo dedica-se à nominalização de verbos, ou seja, criação de substantivos deverbais. Kehdi (1992) delimita essa ocorrência pelo seguinte critério: se o substantivo denota ação, então ele é derivado do verbo, como é o caso de ‘luta’, substantivo deverbal derivado de ‘lutar’; porém, se ele denota algum objeto ou substância, então é o verbo que é derivado dele, como no caso de ‘remédio’, que não pode ser considerado um deverbal, pois é ele que origina o verbo ‘remediar’, e não o contrário. Gonçalves (2019, p. 140) ressalta que, nesse caso, o nome denota algo mais concreto e, por isso, é ponto de partida para a formação do verbo. O autor ainda explica que, nesse processo, ocorre a retirada das marcas verbais do vocábulo (marca de infinitivo -r e vogal temática) seguida de acréscimo das marcas nominais (vogal temática que dificilmente coincide com a vogal temática da forma verbal).

Depois da explicação e exemplificação dos processos derivacionais, passemos agora à caracterização da composição.

2.7.2 Composição

Esse processo de formação lexical consiste na combinação de duas ou mais bases livres, ou seja, de vocábulos já existentes (KEHDI, 1992, p. 35). Em alguns casos, podemos

encontrar a combinação com alguma forma dependente, seguindo a nomenclatura de Câmara Jr. (1989 [1970]), como em ‘pé-de-moleque’, em que ocorre a preposição ‘de’ (forma dependente), entre as bases do composto. A diferença básica entre a derivação e a composição é que, na derivação, tem-se uma base à qual será afixada uma forma presa, enquanto na composição são necessárias, pelo menos, duas bases combinadas.

Na maioria das vezes, as bases que compõem um novo vocábulo perdem seu sentido original para, junto de outra base, formarem um sentido completamente novo, não necessariamente ligado ao anterior. Gonçalves (2019, p. 141) sintetiza:

As composições podem ocorrer de modo descritivo, ou seja, nomear objetos por meio de suas características objetivas mais relevantes (‘cantor-compositor’, nomeação de alguém que canta e compõe); ou como resultado do uso imaginativo da linguagem, ou seja, da nossa capacidade de metaforizar (‘louva-a-Deus’, inseto insetívoro cuja posição de ataque lembra a de alguém em prece; ‘papel-toalha’, papel descartável com a função de secar) e metonimizar (‘boia-fria’, trabalhador rural; ‘maria-gasolina’, mulher que gosta de homens que têm carro).

Outro resultado do uso imaginativo da linguagem é o caso de ‘pé-de-moleque’, que dá nome a um doce a partir dos substantivos ‘pé’ e ‘moleque’, e que nada têm a ver com esse campo semântico; ‘amor-perfeito’, que dá nome a uma flor; ‘pé-de-meia’, que se refere à economia de dinheiro; e outros.

As composições são classificadas de acordo com o grau de fusão de seus elementos: podem ser de justaposição ou aglutinação. Na aglutinação, “os vocábulos ligados se fundem num todo fonético” (KEHDI, 1992, p. 37) e um dos elementos, ou todos, perde(m) traços fonéticos, ou sofre(m) alterações fonéticas, como podemos ver em ‘vinagre’ (vinho + acre), ‘planalto’ (plano + alto), ‘vinicultura’ (vinho + cultura) etc. Já na justaposição, não há perda de traços fonéticos, nem alterações, e cada vocábulo conserva sua individualidade. Casos de justaposição podem ser observados em ‘copo-de-leite’, ‘vale-transporte’, ‘bate-boca’. Villalva (2008) ressalta, ainda, que a aglutinação seria o estágio final de um processo de lexicalização, no qual os resquícios de composicionalidade se perdem por completo e que, sincronicamente, não devem mais ser consideradas compostas.

Laroca (2005, p. 76) discute ainda um terceiro tipo de composição. Segundo a autora, a justaposição e a aglutinação são tipos da composição dita vocabular, ao passo que existe também a composição sintagmática, também mencionada por Alves (1990, p. 133), que se dá quando os integrantes de determinado sintagma estão sintaticamente muito ligados, não tendo

uma ligação formal entre si, apenas semântica. É o que se observa em ‘cesta básica’, ‘condomínio fechado’ e outros. Nesses casos, podemos observar que existe uma perda da relação “determinante X determinado”. Em ‘cesta básica’, ‘básica’ não está mais adjetivando ‘cesta’, as duas bases juntas têm um significado próprio, ou seja, o sintagma passa a ser entendido como um bloco.

Os exemplos mostrados até aqui caracterizam-se como compostos de bases livres (incluindo ou não formas dependentes em seu interior), mas é preciso considerar, ainda, casos de composição envolvendo bases presas¹³ (ROCHA, 1999, p. 189). Segundo Gonçalves (2019, p. 142), essas formas caracterizam “um vocabulário universal técnico-científico e filosófico-literário de inspiração predominantemente greco-latina” e, por isso, são formas bastante produtivas, permitindo a criação de novos termos técnicos por analogia a outros já existentes.

Ao final desta subseção, é preciso citar que, em muitos vocábulos, a identificação do processo de derivação ou composição é uma questão de pontos de vista: dependendo da adoção do ponto de vista sincrônico ou diacrônico, uma mesma forma pode ser considerada sufixo, em um caso, e base, no outro. É o caso da forma ‘super’, diacronicamente considerada um prefixo que significa “posição acima de, abundância, excesso”, e presente em palavras como ‘supermercado’. No entanto, hoje em dia, ela já é empregada como forma livre (‘super legal’), principalmente na modalidade oral, com a função de advérbio. Portanto, é importante deixar clara a perspectiva utilizada para analisar os vocábulos, para evitar confusões na descrição. Neste trabalho, adotamos uma perspectiva sincrônica à época de criação do corpus.

2.8 Os nomes em português

Ainda nesta seção sobre Morfologia, cabe discutirmos a questão das classes de palavras e, sendo as classes de palavras das quais tratamos neste trabalho, é indispensável que se façam algumas considerações acerca dos substantivos e adjetivos.

A princípio, os gramáticos latinos sequer diferenciavam os adjetivos dos substantivos. Na Gramática latina, ambos eram considerados “nome” (CASTILHO, 2010, p. 511). A partir

¹³ Esses casos são tratados por nomes diferentes a depender do autor. Rocha (1999), chama de composição erudita, enquanto Gonçalves (2019) chama de composição neoclássica, ambos remetendo à utilização de bases originárias de outras línguas (principalmente o latim e o grego). A esse respeito, Rocha aprofunda-se ao dizer que não faz sentido, em uma abordagem sincrônica, remeter a radicais gregos e latinos, e sim chamá-los de bases presas.

do século XVIII, as duas categorias passaram a ser tratadas separadamente por questões morfológicas e sintáticas.

Wierzbicka (1986) mostra como as propriedades semânticas dos substantivos e dos adjetivos são usadas de maneiras diferentes. Ela afirma que “Substantivos [...] tendem a se referir a agrupamentos de características permanentes e/ou evidentes das entidades. Isso apresenta um contraste em relação aos adjetivos, que tendem a referir-se a características menos evidentes e/ou temporárias” (tradução nossa)¹⁴. A autora também argumenta que, por essa razão, substantivos são usados mais regularmente para referenciar e categorizar, enquanto os adjetivos são mais atributivos.

Pensemos no sintagma ‘A mulher doente’, em que o substantivo ‘mulher’ se refere a um conjunto de características, de certa forma, permanentes, típicas dessa categoria, ao passo que ‘doente’ é utilizado para filtrar a categoria, atribuindo uma característica específica e, possivelmente, temporária.

Sintaticamente, os adjetivos são “as expressões que ocorrem na função atributiva, como constituintes de um sintagma nominal [...]” ou “na função predicativa, como constituintes de um sintagma verbal” (QUIRK et al *apud* CASTILHO, 2010, p. 512). Eles são, portanto, a classe gramatical responsável por atribuir características, delimitar e determinar os substantivos.

Morfológica e sintaticamente, os substantivos podem variar de acordo com caso¹⁵, gênero, número e determinância¹⁶. A marcação de caso está presente em línguas como o latim e o japonês (SHOPEN, 2007, p. 7), mas não no português contemporâneo. Por outro lado, marcações de gênero e número têm grande peso no português e se estendem, sintaticamente, aos adjetivos que os modificam. Essas observações são encontradas também em manuais de gramática, como em Bechara (2009, p. 117), que afirma que a estrutura interna do substantivo consiste:

[...] na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* [...] (grifo nosso).

¹⁴Nouns tend to refer to groupings of the permanent and/or conspicuous characteristics of entities. This is in contrast to adjectives, which tend to refer to a single temporary and/or less conspicuous characteristic.

¹⁵ No PB atual não há resquícios morfológicos da classificação em casos, mas os elementos assumem diferentes funções sintáticas na oração.

¹⁶ O termo usado por Shopen (2007, p.8) em inglês é *definiteness*.

Já a determinância é materializada por meio do uso de determinantes, como artigos, por exemplo, e esse mecanismo está diretamente ligado à conversão de adjetivos em substantivos, como pode ser observado no seguinte exemplo, pertencente ao nosso *corpus*:

- (3) Isso sempre fez com que ela exercesse sua profissão de maneira ímpar, mas tudo muda quando a moça encontra um **criminoso** impossível de desvendar.¹⁷

O vocábulo ‘criminoso’, em destaque no exemplo acima, é, prototipicamente¹⁸, um adjetivo, formado a partir da adjunção do sufixo -oso a um substantivo, uma RFP bastante produtiva em português. No entanto, no contexto encontrado, o vocábulo tem função de substantivo, depois de passar por uma conversão, evidenciada pelo determinante ‘um’. Nesse caso, a característica ‘criminoso’ é usada para designar um integrante indeterminado de uma categoria de pessoas que possuem essa característica (os criminosos).

Morfologicamente, os substantivos e adjetivos apresentam as mesmas características em relação às flexões de gênero e número. Além disso, eles são passíveis, também, de receber características de grau, seja por meio de intensificadores, como ‘muito’, ‘menos’, ‘mais’, ou por meio da adjunção do sufixo de superlativo -íssimo. Ainda com relação aos manuais de gramática, vejamos como as estruturas morfológicas dos substantivos e adjetivos são parecidas a ponto de serem descritas praticamente da mesma maneira:

A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na **combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações**. No português, entre as desinências, está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte ou aspecto (“qualidade”) significado no radical (*belo* – *belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. (BECHARA, 2009, p. 142 – grifo nosso)¹⁹.

Como é possível observar, a estrutura morfológica dos substantivos e adjetivos é bastante parecida, enquanto suas funções semânticas diferem-se, principalmente, em aspecto

¹⁷PALOPOLI, Y. Os melhores filmes de 2019 (até agora!) segundo o AdoroCinema. **AdoroCinema**. 6 de jul. de 2019. Acesso em: 04 de abr. 2021. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-149188/?page=2>

¹⁸Falaremos um pouco mais sobre a Teoria do Protótipo na subseção 2.8.1.

¹⁹ Aqui é importante observar que o autor está considerando grau como flexão, no entanto, sabemos que atribuição de grau é um processo derivacional em português.

(permanente/temporário). O que os difere morfológicamente é, segundo a gramática, a possibilidade de receber uma marca de grau absoluto que os adjetivos possuem e os substantivos não. No entanto, entre as formações neológicas encontradas em nosso *corpus*, está o vocábulo ‘candidatíssimo’, formado a partir do substantivo ‘candidato’ junto do sufixo -íssimo, característico do superlativo e produtivo junto de adjetivos, como também foi observado neste trabalho. Acredita-se que o fato de os falantes usarem uma RFP típica de adjetivos para novas formações a partir de substantivos seja mais uma prova de que essas duas classes não são gramaticalmente bem delimitadas.

Além das relações semânticas, sintáticas e morfológicas entre adjetivos e substantivos que permeiam as análises deste trabalho, foram encontrados alguns outros exemplos difíceis de classificar em nosso *corpus*. Observemos dois deles a seguir:

(4a) Só existe uma regra: a lista considera apenas filmes **lançados** no Brasil em 2019, então mesmo que determinada obra tenha **estreado** lá fora com uma canção icônica, só conta se chegou aqui, ok?

(4b) Viciante e **aclamada**, essa canção de Post Malone está na lista de melhores do ano e não podia faltar aqui.²⁰

Em 4a, os dois vocábulos destacados correspondem morfológicamente ao particípio passado dos verbos ‘lançar’ e ‘estrear’, respectivamente, configurando, portanto, resultados de um processo de flexão verbal, por meio da desinência modo temporal -do. Sintaticamente, o vocábulo ‘estreado’ está em uma função prototípica de verbo no particípio passado: como verbo principal de uma locução verbal, nesse caso com o verbo ‘ter’ como auxiliar (verbo auxiliar + PP), construção em que o particípio passado não sofreria flexão de gênero e número mesmo que o sujeito variasse. Já o vocábulo ‘lançados’ encontra-se logo em seguida ao substantivo ‘filmes’, caracterizando-o (função típica dos adjetivos, e não dos verbos) e submetendo-se à flexão de número para concordar com o substantivo que modifica.

Em 4b, a flexão verbal do particípio passado exerce ainda mais claramente a função de adjetivo: o vocábulo ‘aclamada’ forma um paralelismo sintático com outro adjetivo, ‘viciante’, no início da frase, para caracterizar o substantivo ‘canção’, sujeito da oração, e, além de não ser possível recuperar um verbo elíptico nessa estrutura, o vocábulo também se submete à flexão de gênero, concordando com o substantivo a que se refere. Ele possui,

²⁰ VIANNA, K. Awesome Mix Vol. 2019: As canções mais marcantes do cinema. **AdoroCinema**. 16 de dez. de 2019c. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-152262/>. Acesso em: 04 de abr. 2021.

2.8.2 *Intersective gradience*

Intersective gradience é uma gradiência que se dá entre duas categorias, em que existiria um terceiro grupo de elementos que possuiriam propriedades da primeira e da segunda categorias em questão. Ambas seriam, então, convergentes pelo fato de existirem elementos que apresentam características tanto de uma quanto de outra. Seria, portanto, uma gradiência intercategorial.

Acreditamos que, ao considerar a gradiência gramatical e a localização dos elementos em um contínuo, as análises linguísticas se realizam de maneira mais completa, sendo feita de fato uma descrição do elemento que se pretende estudar, sem ser necessário “forçá-lo” formalmente em uma categoria cujas características não representam bem o elemento em questão. É, portanto, necessário reconhecer a fluidez natural da linguagem, pois, dessa forma, é possível entender com mais clareza a transformação inevitável das línguas.

Paralela à ideia de gradiência gramatical, temos a ideia de um contínuo entre flexão e derivação, cada vez mais comum entre os pesquisadores. Apesar de existirem critérios que separam a flexão da derivação, alguns autores como Gonçalves (2007, p. 163) adicionam que:

os critérios não atuam de modo coerente e preciso: o mapeamento dos traços que diferenciam flexão de derivação deve ser encarado como tentativa de diagnosticar os afixos de uma língua e não como um veredicto sobre sua verdadeira localização no componente morfológico.

Portanto, consideramos, além da gradiência gramatical, também uma gradação entre os critérios que diferenciam a flexão e a derivação. Por fim, vale ressaltar que nos valemos dessa teoria para a separação dos vocábulos a serem analisados, visto que escolhemos analisar a classe dos nomes, que abrange vocábulos entre substantivos e adjetivos.

2.9 **Análise em constituintes imediatos**

Para encerrar esta seção, passemos à explicação da análise morfológica em Constituintes Imediatos (doravante CI), que será utilizada para analisar a formação dos vocábulos do corpus.

Nas palavras de Kehdi (1992, p. 12) o vocábulo “não é uma sequência de morfemas, mas uma superposição de blocos binários”. Para exemplificar, peguemos o substantivo ‘realização’. Primeiramente, podemos depreender o sufixo -ção, que exprime ação ou

resultado da ação, e se liga, comumente, a verbos ('realizar', no caso). No próximo nível, vemos o sufixo -izar, formador de verbos a partir de adjetivos ('real', no caso). Isso nos mostra que o vocábulo se constitui pela sobreposição de camadas, e cada uma dessas camadas possui um elemento central (a base) e um periférico (o afixo).

Kehdi (1992, p. 13) ressalta as vantagens da análise em CI: (1) não é atribuído aos morfemas antecedentes e consequentes o mesmo grau de aderência, evitando uma descrição longa e não correspondente à verdadeira formação do vocábulo; (2) cada camada depreendida pode ser analisada considerando as características de sua classe gramatical. Isso quer dizer que o vocábulo 'realização' não é diretamente derivado do vocábulo 'real', mas sim do vocábulo 'realizar', que, por sua vez, é derivado do vocábulo 'real'. Sendo assim, a análise em CI nos permite verificar o verdadeiro funcionamento dos afixos. Abaixo, podemos observar o diagrama de análise dessas palavras.

$$(7) \begin{array}{c} [[\text{realiza}]^{\text{22}}_{\text{verbo}} + [\text{ção}]_{\text{suf}}]_{\text{subs}} \\ [[\text{real}]_{\text{adje}} + [\text{izar}]_{\text{suf}}]_{\text{verbo}} \end{array}$$

Na seção 5, dedicada às análises morfológicas, veremos como se dão as descrições em constituintes imediatos dos vocábulos do nosso *corpus*.

Antes de concluir esta seção, é importante dedicarmos um espaço à definição dos neologismos, tendo em vista que a análise dessas novas formações também é cara a este trabalho.

2.10 Neologismos

Um neologismo é, por definição, uma nova formação na língua. No entanto, essa definição apresenta controvérsias e é mais complexa do que aparenta, uma vez que o significado de 'novo' pode ser bastante subjetivo. Por isso, esta seção é dedicada à discussão das dificuldades de definição de um neologismo, seus critérios, quais os critérios adotados neste trabalho e uma discussão introdutória das formações neológicas encontradas no *corpus* aqui coletado.

²²É importante ressaltar que, na formação de 'realização', o que entra na base é o tema do verbo, e não o infinitivo, e que isso acontece com praticamente todas as palavras formadas por derivação sufixal a partir de verbos.

A discussão em torno dos neologismos começa com a constatação de que o léxico, dentre os componentes linguísticos de um falante, é caracterizado por sua variação e renovação constantes. As mudanças que ocorrem nos campos científico, artístico, econômico e tecnológico refletem-se no léxico das línguas. Correia e Almeida (2012, p. 21) afirmam que esse componente linguístico é constituído por dois tipos de informação: (1) a regular, que corresponde às regras morfológicas e semânticas internalizadas no falante, que lhe permitem identificar e atribuir significados, além de produzir estruturas não ouvidas antes²³; e (2) a idiossincrática, constituída por unidades lexicais que fazem parte da memória do falante. Podemos entender, portanto, que o repertório de informações idiossincráticas é renovado e passa a circular e a fazer parte da memória de outros falantes com a condição de que esteja baseado nas regras morfológicas e semânticas características daquele sistema linguístico²⁴.

No entanto, essa renovação não se dá de maneira homogênea e sincrônica para todos os falantes. A respeito da relatividade da novidade dos neologismos, Cabré (2015, p. 79) explica que:

[...] em algum momento uma unidade considerada um neologismo perde essa propriedade, porque, por meio do uso, ou simplesmente por meio do ouvido, ela deixa de ser um elemento novo.

Trata-se de um conceito relativo porque o que pode ser novo para um grupo de falantes, pode não o ser para outro, pelo fato de uma unidade ter tido seu uso restrito a um grupo social e apenas em um dado momento teve seu uso generalizado em outros grupos ou âmbitos²⁵. (Tradução nossa).

Dessa forma, ao propor uma análise sobre neologismos, é preciso deixar claro quais os critérios adotados para considerar certas formações como sendo neológicas. O chamado (1) critério lexicográfico (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 22) é adotado em larga escala e consiste na consulta de dicionários, à procura de registros das palavras. Esse critério também é chamado de corpus de exclusão (ALVES, 2009, p. 1821). Neste trabalho, contamos com a consulta de dicionários on-line da língua portuguesa, como Priberam²⁶ e Dicio²⁷ que

²³ É possível traçar um paralelo com o que Basílio (1980) apresenta como RFPs e RAEs (cf. subseção 2.7).

²⁴ Veremos também que regras morfológicas e semânticas de outros sistemas linguísticos de ampla circulação, como é o caso do inglês, podem influenciar na renovação e circulação de palavras novas.

²⁵ [...] en algún momento una unidad que se ha considerado un neologismo pierde esta propiedad, porque a través del uso, o simplemente a través del olvido, deja de ser un elemento nuevo. Se trata de un concepto relativo porque lo que para un grupo de hablantes puede ser nuevo, puede no serlo para otros por el hecho de que una unidad haya tenido un uso restringido a un grupo social y sólo en un momento dado haya generalizado su utilización en otros grupos o ámbitos.

²⁶ <https://dicionario.priberam.org/>

²⁷ <https://www.dicio.com.br/>

costumam ser de rápida atualização por terem como suporte principal o meio digital, e que consideramos representativos da língua.

Diante desse primeiro critério, podemos olhar para o vocábulo ‘abracinho’, encontrado em nosso *corpus*, e considerá-lo neologismo, por não estar presente nos dicionários consultados. No entanto, a derivação sufixal em -inho é bastante produtiva no português, para atribuir valor referente a tamanho, demonstrar carinho ou, até mesmo, desprezo. Sendo assim, esse vocábulo não atende ao critério (2) de sentimento de novidade, caracterizado por Correia e Almeida (2012) como de natureza psicológica, ou seja, mesmo na primeira vez que um falante entrar em contato com esse vocábulo, pode não o considerar novidade por reconhecer, ainda que inconscientemente, a RFP responsável por essa formação.

Sendo insuficientes os critérios mencionados até aqui, é preciso, ainda, atentar-se ao (3) critério da instabilidade formal, que considera uma unidade neológica se essa apresentar “sinais de instabilidade de natureza morfológica, fonética ou ortográfica” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 22). Como exemplo, podemos citar o vocábulo ‘candidatíssimo’, também presente em nosso *corpus*. Além de não estar presente nos dicionários consultados, a RFP aplicada a essa formação apresenta um comportamento instável, uma vez que o mais comum é a formação de um adjetivo superlativo (por exemplo, ‘belíssimo’) a partir de outro adjetivo (‘belo’) e do sufixo -íssimo. Contudo, ‘candidatíssimo’ é formado a partir de um substantivo (‘candidato’). Essa instabilidade pode acarretar o sentimento de novidade no falante que se depara com essa construção pela primeira vez.

Há também outros sinais, no nível ortográfico, que podem indicar o caráter inédito de uma unidade lexical, como o uso de aspas, itálico ou outros destaques disponíveis, além de apresentar variações de grafia, o que é bastante comum com estrangeirismos, por exemplo.

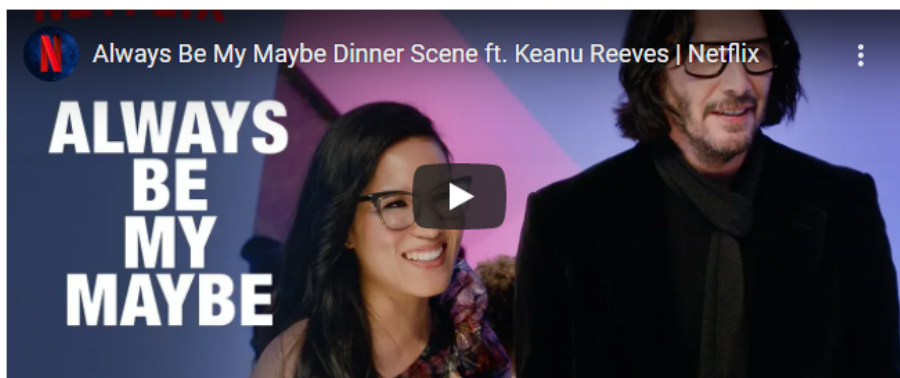
O blog AdoroCinema tem, como público, interessados em cinema e produções audiovisuais, leitores que estão acostumados com vocábulos estrangeiros característicos desse campo semântico, devido à forte influência das produções hollywoodianas. Isso explica a grande presença de estrangeirismos nas matérias. Vocábulos como ‘streaming’, ‘remake’ e ‘hit’ são comuns e nem sempre são destacados com itálico ou outros recursos, provavelmente por serem recorrentes e conhecidos do público. No entanto, há exemplos de estrangeirismos

que aparecem em destaque, como é o caso de ‘cameo’²⁸, trazido entre aspas, mostrado a seguir:

Figura 1 - Trecho com estrangeirismo entre aspas

4. "Sail" (Meu Eterno Talvez)

Mais do que exaltar uma música boa, esse momento aqui é, simplesmente, uma celebração sobre a existência de Keanu Reeves em nossas vidas. Num dos melhores “cameos” do ano, o astro de John Wick afeta as regras de tempo e espaço, surpreendendo todo mundo... Ou seja, é só mais um dia comum para o moço.



Fonte: Vianna, 2019c²⁹.

Segundo Faraco (2001, p. 7), estrangeirismos são “as palavras e expressões de outras línguas usadas correntemente em algumas áreas do nosso cotidiano”. Essa descrição contempla bem os estrangeirismos encontrados no *corpus* deste trabalho, uma vez que eles são representativos de uma área específica do nosso cotidiano, formada pelo cinema e outras produções audiovisuais. Área essa, como já dito, fortemente influenciada pela língua inglesa – assim como várias outras áreas, devido à hegemonia da língua inglesa como língua global – e também devido à expressiva produção de origem estadunidense nesse tipo de arte.

Correia e Almeida (2012, p. 18) falam de dois tipos de neologia: a estilística, relacionada à expressividade do discurso e remete a ideias não novas, mas de maneira inédita; e a denominativa, que corresponde à necessidade de nomear novas realidades. É nesse segundo tipo que podemos alocar muitos dos estrangeirismos encontrados no *corpus*. Tomemos como exemplo o vocábulo ‘streaming’, que, em inglês, refere-se à atividade de

²⁸Segundo o dicionário Cambridge on-line, *cameo* refere-se a uma pequena participação ou aparição de um famoso em uma peça ou filme. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/cameo>. Acesso em: 20 jan. 2022.

²⁹ Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-152262/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

ouvir som ou assistir vídeos diretamente da internet³⁰. Esse tipo de atividade tornou-se mais comum depois do aparecimento de plataformas de vídeo, como *Netflix*, e de música, como *Spotify*. A partir de então, foi necessário emprestar uma palavra estrangeira para se referir a esse tipo prática, que, por sua vez, é diferente de baixar ou fazer o download de uma mídia para consumi-la. Alves (2009) também conceitua o vocábulo emprestado de uma outra língua como neologismo e esses vocábulos compõem grande parte do grupo de palavras não registradas nos dicionários consultados para este trabalho, por isso foram considerados. No entanto, é importante ressaltar que esses empréstimos não foram completamente incorporados à língua portuguesa, por isso não apresentam nossos padrões de escrita ou refletem nossas RFPs, mas, ainda assim, podem ser comentados do ponto de vista semântico e sintático, como veremos na análise. A esse respeito, Garcez e Zilles (2001, p. 17) explicam que:

[...] os empréstimos recentes podem ser mais facilmente identificáveis, por ainda não terem completado o processo de incorporação à língua pela padronização escrita. Em sua essência como objetos linguísticos, no entanto, não é razoável tratá-los como diferentes dos que vieram antes, já que são todos frutos do contato linguístico.

Dessa forma, este trabalho passa pela consideração de vocábulos de diferentes origens, mas que se articulam dentro do PB atual, contribuindo para práticas de comunicação, e por isso recebem espaço nas análises.

2.11 Considerações finais

Nesta seção, dedicamo-nos à exposição de conceitos do campo da Morfologia que serão mobilizados ao longo das análises e de pontos de vista teóricos que embasam esta pesquisa. Destacamos, aqui, algumas divergências entre autores na nomenclatura de conceitos e mostramos quais delas serão usadas neste trabalho. Além disso, apresentamos a questão da gradiência gramatical, que nos foi de extrema importância na hora de selecionar o *corpus* e a análise em CI, que será utilizada para a primeira etapa de análise dos vocábulos.

Por fim, discorreremos sobre alguns dos principais aspectos das formações neológicas e como esses aspectos estão materializados no *corpus* recolhido, além de mostrarmos os critérios utilizados para a consideração de vocábulos como neologismos. Também destacamos

³⁰ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/streaming>. Acesso em: 20 jan. 2022.

a forte presença de estrangeirismos neste trabalho e como pretendemos analisá-los mais à frente. A próxima seção é dedicada à apresentação de conceitos da área da Fonologia.

3. EMBASAMENTO TEÓRICO: FONOLOGIA

As línguas naturais caracterizam-se por se formarem da união de significados com significantes. Os significantes são os sons da fala, isto é, a realidade material sonora que carrega o significado. A escrita, por sua vez, não passa de uma representação gráfica dos dois elementos básicos constitutivos da linguagem.

Cagliari, 2002.

Esta seção é dedicada ao levantamento e explicitação de conceitos fonológicos, desde os mais introdutórios (como ‘fonema’, ‘fone’, ‘alofone’, entre outros) até os mais específicos, relativos à Teoria da Geometria de Traços (como, ‘traço distintivo’, ‘nó’ e outros), que embasam as análises fonológicas deste trabalho, além de uma breve apresentação de conceitos da Fonologia lexical, também relevante para a descrição dos processos morfofonológicos.

3.1 Fonética e Fonologia

Primeiramente, é preciso deixar claro em que nível de análise encontram-se as descrições propostas nesta tese. Como mencionado anteriormente, é nosso objetivo fazer uma análise morfofonológica de substantivos e adjetivos derivados que formam nosso *corpus*. Dessa forma, é preciso comentar, a princípio, as diferenças entre as áreas da Fonética e da Fonologia, para esclarecermos o objeto e a metodologia de descrição.

É comum dizer que as duas áreas estudam os sons da língua e diferenciá-las explicando que a Fonética é descritiva e a Fonologia é interpretativa. Segundo Massini-Cagliari e Cagliari (2012, p. 113), ambas tomam o mesmo objeto de estudo, mas de pontos de vista diferentes. Mori (2012, p. 159) ressalta que a diferença entre as duas áreas foi consagrada por Trubetzkoy, em 1929, quando uma das “ciências do som” se ocuparia do ato de fala e a outra do sistema da língua. Tomando como base a visão saussureana, essas áreas se detêm no estudo do significante. Sendo assim, pode-se afirmar, como faz Mori (2012, p. 158) que “o significante, na fala, é estudado pela Fonética, [enquanto] na língua, o significante é estudado pela Fonologia”.

A Fonética se preocupa com a descrição e análise dos aspectos físicos dos sons da fala, ela “visa ao estudo dos sons do ponto de vista articulatório, verificando como os sons são articulados ou produzidos pelo aparelho fonador” (MATZENAUER, 2014, p. 11). Silva (2015, p. 110) adiciona que essa disciplina da linguística “apresenta os métodos para

descrição, classificação e transcrição dos sons da fala”. Um exemplo de descrição fonética seria dizer que o som [p] é articulado com uma corrente de ar pulmonar egressiva³¹, sem vibração das cordas vocais, com uma obstrução do fluxo de ar realizada pelos lábios, seguida de uma explosão.

Dentro da área da Fonética, é possível distinguir três pontos de vista específicos: a Fonética Articulatória, que olha para a forma de produção dos sons (incluindo os movimentos do aparelho fonador que estão envolvidos nesse processo); a Fonética Acústica, que analisa a maneira como os sons são transmitidos (verificando suas propriedades físicas); e a Fonética Auditiva, que se interessa pela maneira como os sons são percebidos pelos falantes (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2012, p. 114).

Como explicita Matzenauer (2014, p. 12), “os sons são meio de veiculação de significados, [por isso] são empregados e percebidos pelos falantes da língua não com base em todas as suas características fonéticas, mas a partir da função que desempenham na língua”, ou seja, a partir da interpretação fonológica que o falante faz, mesmo que de maneira inconsciente³².

Sendo assim, a Fonologia tem como objetivo a análise interpretativa dos sons de uma determinada língua, tendo como objeto de estudo o valor desses sons dentro de determinado sistema. Ela se interessa pelo estudo dos fones segundo sua função dentro de uma língua específica, a relação significativa entre eles e sua junção para formar sílabas, morfemas e palavras. De forma resumida, a fonologia é a:

Disciplina da linguística que investiga o componente sonoro das línguas naturais do ponto de vista organizacional. Determina a distribuição dos sons e o contraste entre eles, com ênfase na organização dos sistemas sonoros. [...] Relaciona-se com o estudo gramatical do conhecimento linguístico, ou seja, a **competência** (SILVA, 2015, p. 110 – grifo no original).

No trecho acima, a autora usa um termo da Teoria Gerativa, de Chomsky (1965), quando se refere à competência do falante, ou seja, à gramática internalizada de que ele faz uso ao produzir e interpretar sons dentro do sistema linguístico que mobiliza. Sendo assim, é possível afirmar que a Fonética apreende os sons realizados pelos falantes e sua diversidade,

³¹ “Em sons produzidos com a corrente de ar egressiva o ar se dirige para fora dos pulmões e é expelido por meio da pressão exercida pelos músculos do diafragma” (SILVA, 2001, p.27).

³² Com ‘inconsciente’, queremos dizer que o falante, ao interpretar os sons que escuta, não o faz de maneira metalinguística, mobilizando conceitos da fonologia.

enquanto a Fonologia abstrai essa diversidade em favor do sistema que caracteriza a língua (MATZENAUER, 2014, p. 13).

Faz parte do domínio da Fonologia identificar fonemas e alofones em uma língua, por exemplo, visto que essa classificação se relaciona com o valor (distintivo ou não) desses segmentos dentro dos sistemas. Dessa forma, no nível morfofonológico de análise, busca-se observar a interação entre as combinações dos sons significativos (fonemas) do sistema para a formação de morfemas e palavras.

É preciso lembrar, no entanto, que, ao identificar os elementos sonoros dentro do sistema, a Fonologia faz uso da descrição proposta pela Fonética, o que indica que as duas áreas são complementares.

Passemos agora à discussão dos termos de que se utiliza a Fonologia para classificar e analisar os sons das línguas.

3.2 Fonema, fone e alofone

Como dito anteriormente, as representações mentais que os falantes têm dos sons não são exatamente iguais às propriedades físicas desses sons, elas são vinculadas aos fonemas da língua e cada língua tem um sistema fonológico diferente. Mori (2012, p. 161) explica que “cada língua dispõe de um número determinado de unidades fônicas cuja função é determinar a diferença de significado de uma palavra em relação a uma outra” e que essas unidades são o que chamamos de fonemas. Pode-se dizer, portanto, que o fonema é uma unidade de som significativa e distintiva no sistema da língua em que ele é tomado como tal.

Cabe à área da Fonologia descrever os fonemas das línguas e é possível fazer isso por meio de uma série de testes, que envolvem critérios de oposição, distribuição complementar, semelhança fonética e variação livre (MORI, 2012, p. 164). Em relação ao critério de oposição, uma técnica comum para identificar fonemas de uma língua é a observação de pares mínimos. Eles são observados quando temos dois itens lexicais idênticos, com apenas um segmento diferente entre si. É o caso do par ve[l]a e ve[ʎ]a, por exemplo, em que a troca de um segmento por outro provoca mudança não só no significante, mas também no significado, o que leva à conclusão de que os segmentos [l] e [ʎ] são fonemas no sistema do português.

Nem sempre é possível encontrar pares mínimos verdadeiros para identificar os fonemas de uma língua, o que leva à busca por oposições em ambientes análogos, sequências que têm dois ou até três segmentos que se diferenciam entre si. Segundo Mori (2012, p. 165) essa técnica é eficaz “desde que as diferenças entre os sons não sejam atribuídas aos sons

vizinhos”, ou seja, desde que não sejam casos de distribuição complementar. Nas palavras de Cagliari (2002b, p. 36), pares análogos são “pares de palavras que apresentam um ambiente idêntico para os sons foneticamente semelhantes (SFS) sob investigação, sem, contudo, constituírem pares mínimos”.

A observação do fenômeno da distribuição complementar, por sua vez, pode nos revelar alofones de um sistema. Os alofones são diferentes realizações de um mesmo fonema e eles ocorrem de maneira condicionada, diante de contextos fonológicos específicos. Quando dois segmentos são ditos em distribuição complementar, isso quer dizer que eles ocorrem em ambientes exclusivos, ou seja, no ambiente fonológico em que um deles ocorre, o outro não pode ocorrer. Segundo Cagliari (2002b, p. 27), “essa força do ambiente sobre os sons, modificando-os, tem por finalidade fazer com que o som seja mais semelhante aos que o influenciaram ou, pelo contrário, fazer com que o som seja diferenciado de seus vizinhos”.

Um exemplo pode ser observado em algumas pronúncias do português, em que o segmento [t], em palavras como ‘tia’, é pronunciado [tʃ]. Isso acontece pois, por influência da vogal [i], o [t] é palatalizado e realizado como a sequência africada ([tʃ]). Como em português não são encontrados pares mínimos que confirmam a oposição entre [t] e [tʃ], esses segmentos podem ser considerados como alofones de um mesmo fonema, dentro do nosso sistema³³.

Outro fenômeno fonológico que pode ser observado nos sistemas são os casos de variação livre, em que diferentes realizações de um segmento acontecem independentemente do contexto fonológico. De acordo com Silva (2001, p. 133), “dois segmentos em variação livre ocorrem no mesmo ambiente sem prejuízo de significado. Ou seja, temos duas pronúncias possíveis”. Nesses casos, a escolha por um ou outro alofone no mesmo contexto não altera o significado do item lexical e, segundo Mori (2012, p. 169), os estudos sociolinguísticos afirmam que essas variantes são controladas por variáveis sociolinguísticas. Um exemplo em português que aparece em vários estudos, como Silva (2001) e Cagliari (2002b), é o caso de [ka'mada] e [kẽ'mada], duas possíveis pronúncias para o mesmo lexema: em uma temos a vogal pretônica sem o traço nasal ([a]) e na outra há o traço nasal ([ẽ]). E, por mais que a pronúncia nasalizada em um dos casos seja por interferência da consoante nasal seguinte ([m]), isso não torna essa pronúncia obrigatória, e alguns falantes simplesmente pronunciam a vogal sem o traço nasal.

³³ É importante deixar claro que eles correspondem a alofones e não fonemas dentro de um sistema específico, uma vez que a mesma classificação pode não ser verdade em outros sistemas.

Mais sobre os fonemas do português será comentado durante as análises, mas, por hora, basta concluir que o fonema é uma representação linguística abstrata e, por isso, não pode ser pronunciado (SILVA, 2015, p. 109); o fone é a realização do fonema, ou seja, é uma unidade sonora atestada na produção da fala e registrada entre colchetes na transcrição fonética; e o alofone, por sua vez, é um fone que apresenta equivalência funcional com outro(s) fone(s), “constituindo um conjunto de realizações de um mesmo fonema” (SILVA, 2015, p. 52).

Os fonemas têm propriedades específicas em relação ao local do aparelho fonador e à maneira como são produzidos. Essas propriedades podem ser descritas por meio de traços distintivos.

3.3 Os traços distintivos

De acordo com Trubetzkoy (1981), o fonema é tratado como a menor unidade da língua suscetível de análise, ou seja, elemento indivisível que não pode ser analisado em unidades menores. No entanto, sabe-se hoje que o fonema é formado por um conjunto de propriedades, chamadas de traços. Matzenauer (2014, p. 17) explica que “traços distintivos são as propriedades mínimas, de caráter acústico ou articulatório, como ‘nasalidade’, ‘sonoridade’, ‘labialidade’, ‘coronalidade’, que, de forma coocorrente, constituem os sons das línguas”.

Para se entender um pouco mais sobre esse conjunto de propriedades, é possível partir da proposta feita por Chomsky e Halle (1968), que considera os traços distintivos como de caráter binário, ou seja, os segmentos de som de uma língua são caracterizados pela combinação de presenças ou ausências dos traços e, para o modelo gerativista dos dois autores, o traço é a unidade mínima que tem realidade psicológica e valor operacional (MATZENAUER, 2014, p. 16).

Além disso, Chomsky e Halle (1968) consideram os traços como universais, o que quer dizer que eles formam um conjunto fixo e restrito, independente da língua em questão, representando a capacidade de produção de sons do aparelho vocal humano. O que muda, portanto, de uma língua para outra, é a escolha dos traços que são, de fato, distintivos no seu sistema. Cagliari (2002b, p. 85) completa, dizendo que “essas camadas que compõem os segmentos [de som] são as propriedades fonéticas dos sons da fala, mas são usadas pela fonologia como propriedades distintivas ou não (redundantes) – com relação ao valor de informação fonológica”.

Ao se compararem sons foneticamente semelhantes, por exemplo, pode-se perceber que eles possuem uma base em comum, de traços que são comuns em ambos, e se diferem em apenas um traço. É o caso, por exemplo, das consoantes /f/ e /v/, que possuem traços idênticos, exceto pelo da [sonoridade]³⁴, em relação ao qual /f/ é [-sonoro] e /v/ é [+sonoro]. Por possuírem vários traços em comum, essas duas consoantes fazem parte de uma classificação mais geral, chamada de ‘classe natural’, da qual falaremos mais adiante.

Chomsky e Halle (1968) propuseram, então, um conjunto de traços com base no potencial articulatório do aparato vocal humano e que são encontrados em diferentes línguas. Deter-nos-emos, aqui, nos traços utilizados para a descrição do sistema do português, os quais, a princípio, estão divididos em 5 grandes grupos: traços de classes principais, traços de cavidade, traços de modo de articulação, traços de fonte e traços prosódicos.

3.3.1 Traços de classes principais

Segundo Mori (2012, p. 173), esses traços dividem os segmentos de uma língua em classes mais significativas e por isso são assim chamados. Passemos a eles:

- 1) **Soante:** esse traço refere-se aos sons produzidos a partir de uma certa configuração do trato vocal que permite a sonorização (ou vozeamento) espontânea. São consideradas [+soante] as vogais, as líquidas, os *glides* e as nasais. As obstruintes têm a característica [-soante], pois sua configuração torna a sonorização espontânea impossível.
- 2) **Silábico:** os segmentos que constituem núcleo (ou pico) de sílaba possuem o traço [+silábico], como é o caso das vogais e das líquidas e nasais silábicas. Mori (2012, p. 174) ressalta que esse traço serve para diferenciar as vogais das consoantes, mas há línguas em que alguns tipos de consoantes podem constituir o núcleo da sílaba. Dessa forma, as teorias fonológicas não-lineares não consideram esse traço, uma vez que acreditam que a estrutura silábica de cada língua apresenta suas especificidades.
- 3) **Consonantal:** são considerados consonantais os sons produzidos com uma obstrução significativa (total ou parcial) da cavidade oral, o que é o caso das plosivas (obstrução total), fricativas, africadas, líquidas e nasais (obstrução parcial). Já as vogais e *glides* são tidos como [-consonantal].

³⁴ Os traços são formalizados entre colchetes.

Como dito no início desta subseção, os traços de classes principais são importantes pois distinguem categorias como vogais, líquidas e nasais, *glides* e obstruintes, da seguinte forma:

Quadro 3 - Categorias básicas de segmentos e sua distinção de acordo com os traços de classes principais

Categoria	Traço soante	Traço consonantal	Traço silábico
Vogais	+	-	+
Líquidas e nasais ³⁵	+	+	-
Glides	+	-	-
Obstruintes	-	+	-

Fonte: adaptado de Matzenauer (2014, p. 22)

O quadro 3.1 mostra a combinação de diferentes traços na composição e caracterização das diferentes classes, evidenciando como elas se distanciam e se aproximam.

3.3.2 Traços de cavidade

Os traços aqui apresentados referem-se aos pontos de articulação dos elementos do aparato vocal envolvidos na produção dos sons.

- 4) **Coronal:** são coronais os sons produzidos com a lâmina da língua elevada acima da sua posição neutra³⁶. São eles os dentais, alveolares, palato-alveolares, palatais e retroflexos. Na produção dos sons não coronais, a lâmina da língua permanece na posição neutra.
- 5) **Anterior:** os sons anteriores contam com uma obstrução da passagem de ar localizada na parte anterior do trato vocálico, entre os lábios e a região alveolar. Os não anteriores apresentam obstrução a partir da região palato-alveolar. Possuem o traço [+anterior] as labiais, dentais e alveolares.
- 6) **Alto**³⁷: o traço [+alto] está presente em sons em que o corpo da língua se eleva acima da posição neutra. É o caso de vogais altas, segmentos palato-alveolares, palatais e velares. Para sons [-alto], não há elevação do corpo da língua.

³⁵ No caso das líquidas e nasais silábicas, encontra-se também o traço [+silábico].

³⁶ A posição neutra é definida como “a configuração tomada pelo trato vocal imediatamente anterior à produção da fala” (MATZENAUER, 2014, p. 21).

³⁷ É importante ressaltar a diferença de tratamento dos traços alto e baixo entre os autores tomados como base para este trabalho. Matzenauer (2014, p. 23) considera os traços alto e baixo como traços de cavidade, mesmo que eles possam ser mais detalhadamente descritos como traços relacionados ao corpo da língua. Já Mori (2012, p.175) considera os traços referentes ao corpo da língua como uma categoria de traços separada dos traços de

- 7) **Baixo:** são considerados [+baixo] os sons produzidos com o abaixamento da língua em relação à posição neutra. Como exemplo, pode-se citar as faringais, glotais e vogais baixas.
- 8) **Posterior (ou recuado):** esse traço refere-se à produção de sons em que há uma retração do corpo da língua em relação à posição neutra, como pode ser observado com as velares, uvulares, faringais, glotais e vogais posteriores.
- 9) **Arredondado:** são arredondados os sons produzidos com o estreitamento do orifício dos lábios. Vogais arredondadas e consoantes labiais são [+arredondado]³⁸.

Os quatro últimos traços apresentados permitem diferenciar as vogais orais altas, baixas, centrais e posteriores no português, de acordo com o seguinte quadro:

Quadro 4 - Vogais orais do português

Traços	i	u	e	ɛ	o	ɔ	a
Alto	+	+	-	-	-	-	-
Baixo	-	-	-	+	-	+	+
Posterior	-	+	-	-	+	+	+
Arredondado	-	+	-	-	+	+	-

Fonte: adaptado de Mori (2012, p. 177)

Dentre os traços relacionados ao corpo da língua (que consideramos, neste trabalho, como traços de cavidade), Mori (2012, p. 177) cita, ainda, o traço [ATR] (*advanced tongue root*), que está associado, geralmente, às vogais (SILVA, 2015, p. 66). Ele se refere ao deslocamento da raiz da língua em direção à parte anterior da cavidade bucal. Em meio às vogais do português, esse traço está presente em [ɛ], [ɔ] e [u].

- 10) **Nasal³⁹:** o traço nasal está presente em sons cuja produção conta com o abaixamento do véu palatino, fazendo com que o ar seja liberado pelo nariz.

cavidade. Para este trabalho, consideramos que os traços referentes ao corpo da língua e à forma dos lábios fazem parte da categoria de traços de cavidade, uma vez que se relacionam com os pontos de articulação do trato vocálico.

³⁸Clements e Hume (1995) consideram também o traço [labial] como um traço de cobertura, que serve para se referir a qualquer constrição dos lábios e abarca o traço [arredondado].

³⁹ Segundo Matzenauer (2014, p.23), os traços [nasal] e [lateral] são traços de abertura secundária e estão entre os traços de cavidade. Já Mori (2012, p.180) os considera como traços de modo de articulação.

- 11) **Lateral:** os sons laterais contam com a elevação da lâmina da língua e o abaixamento do centro da língua na sua produção. Isso faz com que o ar escape por um ou ambos os lados da boca (próximo aos dentes).

3.3.3 Traços de modo de articulação

Os traços apresentados nesta subseção mostram os processos articulatórios usados na produção dos sons. Esses processos são definidos pelos articuladores do trato vocal, por isso a divergência de classificação dos traços pode ser observada entre os autores aqui citados.

- 12) **Contínuo:** consideram-se contínuos os sons que são produzidos sem obstrução total da passagem de ar. É o caso das vogais, semivogais, líquidas e fricativas.
- 13) **Metástase (ou soltura) retardada:** “Apresentam metástase retardada os sons cuja soltura do ar é inicialmente bloqueada e, depois, é liberada com turbulência” (MATZENAUER, 2014, p. 24). Esse traço diferencia as consoantes plosivas das africadas ([tʃ] e [dʒ]).
- 14) **Tenso:** esse traço se refere à maneira como a musculatura supraglotal se tensiona na produção dos sons. No caso dos sons [+tenso] há considerável esforço muscular, uma vez que os órgãos articulatórios se mantêm tensos por um período relativamente longo, se comparado com os sons [-tenso]. Esse traço se aplica apenas às vogais e Silva (2015, p. 209) especifica que “o traço [ATR] é mais comumente utilizado para diferenciar vogais médias-baixas e vogais médias-altas em português”.

3.3.4 Traços de fonte

Por fim, resta comentar sobre os traços de fonte, que se relacionam aos tipos de fonação, provocados pelas cordas vocais e laringe, envolvidos na produção dos sons.

- 15) **Sonoro (ou vozeado):** os sons produzidos com a vibração das cordas vocais são considerados sonoros ou vozeados. Já os sons [-sonoro] são produzidos com a glote aberta e, portanto, sem vibração das cordas vocais.
- 16) **Estridente:** traço presente apenas nas fricativas e africadas, caracterizado acusticamente por um ruído estridente, ou ainda, pela presença de mais ruído do que seus correspondentes não estridentes (MORI, 2012, p. 180).

Antes de se encerrar a subseção dedicada aos traços distintivos, é preciso salientar sua importância como instrumento formal de demonstração do funcionamento das línguas. É por meio dos traços que conseguimos verificar a distância entre os segmentos e descrever, com

mais precisão, os processos fonológicos de um sistema. Além disso, foi por meio da análise dos traços que se fez possível o estabelecimento de classes naturais e regras que funcionam nesses conjuntos não arbitrários de segmentos. Matzenauer (2014, p. 30) explica que “[...] dois ou mais segmentos constituem uma *classe natural* quando é necessário, para especificar a classe, um número de traços menor do que o número necessário para caracterizar cada membro da classe isoladamente”, ou seja, quando dois ou mais segmentos têm uma base de traços em comum.

Ainda com relação à dinâmica de traços dentro de um mesmo sistema, faz-se necessário comentar a diferença entre traços distintivos e redundantes. Essa classificação dos traços também varia de língua para língua, de modo que um traço pode ser considerado distintivo em um sistema e redundante em outro. Para verificar essa característica, é preciso verificar a existência de alofones dentro do sistema. No caso do português, tomemos [t] e [tʃ], que, como comentado anteriormente, são alofones de um mesmo fonema e não aparecem no mesmo contexto fonológico.

Ao analisarmos os traços que compõem esses dois sons, temos⁴⁰:

[t]	[tʃ]
+ consonantal	+ consonantal
- silábico	- silábico
- soante	- soante
- contínuo	- contínuo
- metástase ret.	+ metástase ret.
- nasal	- nasal
- lateral	- lateral
+ anterior	- anterior
+ coronal	+ coronal
- alto	- alto
- posterior	- posterior
- arredondado	- arredondado
- baixo	- baixo
- vozeado	- vozeado
+ tenso	+ tenso
- estridente	+ estridente
- ATR	+ ATR

É possível observar que os dois segmentos se diferem apenas em 3 traços: [anterior], [metástase retardada] e [estridente]. Matzenauer (2014, p. 33) afirma que o traço [anterior] é

⁴⁰ No apêndice deste trabalho é possível encontrar a matriz de traços completa dos sons do português, adaptada de Cristóvão Silva (2015, p.212).

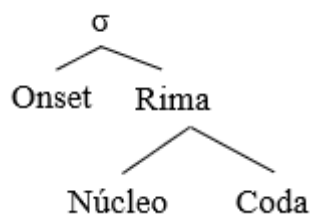
distintivo em português, ao comparar os segmentos [p] e [k], por conseguinte, pode-se concluir que os traços [metástase retardada] e [estridente] são redundantes em português, ou seja, sua presença ou ausência não configuram mudança de fonema, não acarretando, portanto, mudança no significado.

Por fim, é importante ressaltar que os traços se apresentam como uma unidade da gramática que possui valor contrastivo dentro dos modelos teóricos que os consideram. Ademais, eles pressupõem 3 características: 1) a da **universalidade**, que diz que os traços são universais; 2) a da **distintividade**, que prega que os traços são distintivos, uma vez que podem distinguir um fonema do outro; 3) e a da **classificação**, segundo a qual os traços reúnem os segmentos em classes naturais, as quais podem ser observadas em padrões e processos fonológicos recorrentes (MATZENAUER; MIRANDA, 2017, p. 51).

Depois de entendermos um pouco melhor como os traços que compõem os segmentos são divididos e funcionam, e antes de passarmos à apresentação da Teoria da Geometria de Traços, escolhida para as análises fonológicas deste trabalho, é necessária uma breve apresentação sobre a estrutura silábica do Português Brasileiro.

3.4 Estrutura silábica

A unidade silábica se caracteriza por um fonema ou uma combinação de fonemas realizados em uma só emissão de ar. Para deixarmos claros os elementos a serem referidos nas análises, mostraremos, aqui, o modelo da teoria métrica da sílaba, de Selkirk (1982), que divide a sílaba em *onset* (ou ataque) e rima. A rima, por sua vez, é dividida em núcleo e coda, como podemos observar no esquema a seguir:



Dentre as categorias que compõem a sílaba, o núcleo é a única que nunca pode ser vazia (COLLISCHONN, 2014, p. 100) e sempre será ocupada por uma vogal, no português, sendo o segmento de maior proeminência da sílaba, enquanto o *onset* e a coda serão constituídos por consoante, quando estiverem presentes. Sílabas que possuem a coda preenchida são chamadas de sílabas travadas e, no português, são apenas as róticas, as sibilantes, as nasais e as laterais que podem ocupar essa posição (SILVA, 2015, p. 76).

A composição da sílaba está diretamente relacionada ao seu peso silábico, ou seja, se são sílabas leves ou pesadas, e esse peso interfere na atribuição do acento. Segundo Collischonn (2014, p. 102), sílabas com rimas ramificadas são as sílabas consideradas pesadas, ou seja, quando a rima da sílaba for constituída por uma vogal e uma consoante ou duas vogais (em um ditongo), essa sílaba será considerada pesada. O mesmo não é observado em sílabas de ataque (*onset*) ramificado, tendo em vista que o ataque não é relevante para a determinação do peso silábico.

3.5 A Geometria de traços

Para chegarmos à Teoria da Geometria de traços, passemos antes, rapidamente, pelo modelo não-linear proposto por Chomsky e Halle, na obra *The Sound Pattern of English* (1968), quando uma matriz de traços binários não ordenados foi proposta. A representação binária e não ordenada apresenta limitações na análise fonológica, pois cada matriz de traços caracteriza apenas um segmento específico e o apagamento de um segmento determina, também, o apagamento toda a matriz que o compõe. No entanto, esse modelo contribui para explicar a dinâmica de aplicação de regras fonológicas a uma classe natural e não apenas a sons individuais. Além disso, ele abriu caminho para as fonologias não lineares (MATZENAUER, 2014, p. 45).

A esse respeito, Matzenauer e Miranda (2017, p. 47) apontam que:

Menos de 20 anos depois [do *SPE* de Chomsky e Halle], o Modelo Autossegmental de Clements (Clements, 1985, 1991; Clements e Hume, 1995), questionando a linearidade das representações fonológicas, introduz uma perspectiva hierárquica para o ordenamento dos traços.

Com o advento da fonologia não linear, passou-se a considerar a organização interna dos traços de forma hierárquica, ou seja, os traços não estão dispostos de forma aleatória na matriz, mas obedecem a uma hierarquia de disposição. Fora isso, ao entender que não há uma relação restrita entre o segmento e sua matriz de traços, os modelos não lineares mostram que os traços podem se estender além de seus segmentos e o apagamento de um determinado segmento não apaga, necessariamente, todos os traços que o compõem. Cagliari (2002b, p. 125) completa que “esta abordagem difere basicamente da forma como os traços eram tratados, ou seja, formando matrizes, cujo resultado era apenas um feixe de elementos

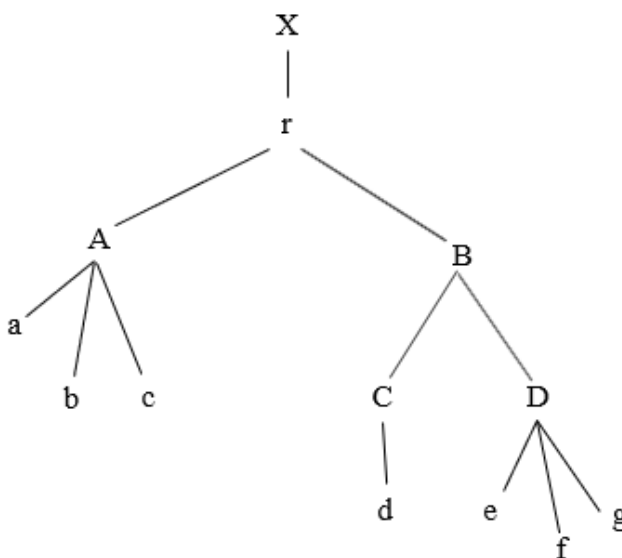
ajuntados aleatoriamente. As regras agiam sobre as matrizes, no modelo antigo. Agora, agem sobre os traços”.

O modelo não linear da Fonologia Autossegmental não trata dos segmentos como matrizes inteiras de traços, mas considera autossegmentos, permitindo a independência de partes dos sons das línguas (conjuntos de traços), além de considerá-los dentro de uma estrutura interna hierarquizada. Cada traço (ou conjunto de traços) tem, portanto, autonomia e pode se relacionar de forma solidária com outros traços, o que anula o Princípio da Bijetividade, segundo o qual cada feixe de traços corresponde exclusivamente (de um para um) a um segmento específico.

Segundo Cagliari (2002b, p. 125), a Teoria da Geometria de Traços faz parte do modelo autossegmental e, por isso, considera as propriedades distintivas (traços) como autossegmentos que ocupam um lugar próprio na hierarquia. Isso possibilitou a tomada e análise do som em partes independentes. Ao lugar específico ocupado pelos autossegmentos dá-se o nome de *tier* ou camada.

A geometria de traços proposta por Clements (1985) e depois revista por Clements e Hume (1995) representa os segmentos com base numa organização interna que se dá por meio de nós hierarquicamente ordenados. Dentro dessa organização arbórea, os nós terminais mostram os traços fonológicos e os nós intermediários equivalem a classes de traços. A seguir, é possível observar a estruturação proposta por Clements e Hume (1995, p. 249), por meio do diagrama:

Figura 2- Diagrama representativo da Geometria de Traços



Fonte: Clements e Hume (1995, p. 249)

Como explica Matzenauer (2014, p. 48), nesse diagrama, *r* representa o nó de raiz, que corresponde ao segmento de som. Os nós intermediários **A**, **B**, **C** e **D** representam nós de classes e dominam elementos ou grupos de elementos que funcionam como classes naturais em regras fonológicas. Segundo essa representação, os nós **C** e **D** encontram-se no mesmo nível (*tier*) e são dominados por **B**. Por fim, tem-se os nós terminais **a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f** e **g**, que representam traços fonológicos, e **X**, que corresponde a uma unidade abstrata de tempo.

A estrutura em árvore permite a demonstração dos processos fonológicos, como a assimilação, por exemplo, que se dá devido ao espriamento de um traço ou de um conjunto de traços reunidos sob um mesmo nó de classe, e pode ser representado pelo alongamento da linha de associação⁴¹ correspondente. Nas análises, mais adiante, será possível notar que a representação das regras na geometria de traços se dá por espriamento ou desligamento das linhas de associação.

Ainda com base no diagrama, vale comentar um dos princípios da geometria de traços, segundo Clements e Hume (1995, p. 250), que diz que as regras fonológicas constituem uma só operação, o que mostra que as regras naturais se referem a traços individuais ou nós de classes. Uma regra fonológica não seria natural, portanto, se afetasse os traços **c** e **g**, por exemplo. Matzenauer (2014, p. 49) resume, dizendo que “somente conjuntos de traços que tenham um nó de classe em comum podem funcionar juntos em regras fonológicas”.

Antes de observarmos a representação arbórea de um segmento do português, passemos por uma breve explicação da divisão hierárquica em nós e o traços que eles agrupam. É importante ressaltar que essa divisão em nós não é aleatória, ela se baseia no funcionamento fonológico das línguas e os nós têm razão de existir, uma vez que os traços que estão sob seu domínio são afetados sincronicamente em regras fonológicas.

3.5.1 Nó de raiz

Representado por **r** no diagrama anterior, o nó de raiz domina todos os traços e representa a unidade fonológica em si. Ele é constituído pelos traços [soante], [aproximante]⁴² e [vocóide]⁴³ e a combinação de presenças e ausências desses traços dividem os segmentos

⁴¹ Os nós são ligados por linhas de associação (MATZENAUER, 2014, p.48).

⁴² O traço [aproximante] foi proposto por Clements e Hume (1995) para substituir o traço [consonantal] de Chomsky e Halle (1969) (MATZENAUER; MIRANDA, 2017, p.49).

⁴³ O traço [vocóide] foi proposto por Clements e Hume (1995) para substituir o traço [silábico] de Chomsky e Halle (1969) (MATZENAUER; MIRANDA, 2017, p.49).

em quatro grandes classes: obstruintes, nasais, líquidas e vogais, as quais apresentam uma escala de sonoridade a partir da presença desses traços, como mostram Clements e Hume (1995, p. 269):

Tabela 1 - Escala de sonoridade das principais classes de segmentos

Classes	[soante]	[aproximante]	[vocóide]	Escala de sonoridade
Obstruinte	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Líquida	+	+	-	2
Vogal	+	+	+	3

Fonte: Clements e Humes (1995, p. 269)

A escala de sonoridade se relaciona diretamente com a estrutura da sílaba, visto que o grau de sonoridade dos segmentos determina suas possíveis posições e combinações internas na formação da sílaba. De acordo com Collischonn (2014, p. 109), a organização interna da sílaba obedece a uma ordem crescente de sonoridade em direção ao núcleo, que chega a um pico (geralmente correspondente a uma vogal) e depois decresce. Essa escala é estipulada, levando em consideração esses traços distintivos e, segundo ela, tem-se como fonemas mais sonoros as vogais, seguidas das líquidas, nasais e obstruintes, nessa ordem.

3.5.2 *Nó laríngeo*

O nó laríngeo domina os traços [sonoro] e [aspirado]⁴⁴ que são, necessariamente, espalhados ou apagados juntos. Portanto, eles configuram um nó que pode se desligar ou se espalhar como um todo.

3.5.3 *Nó de cavidade oral*

Este nó também engloba traços que sofrem influência das regras fonológicas em conjunto, sendo eles o traço [contínuo] e o nó dos pontos de consoante.

3.5.4 *Nó de pontos de consoante*

O nó de pontos de consoante ou pontos de C engloba os traços de ponto de articulação, como [labial], [coronal], [dorsal] e seus dependentes. Isso significa que esses traços, diante das regras, se espalham como um todo. O exemplo do português mencionado por Matzenauer

⁴⁴ Considerado não distintivo (não fonológico) no português (SILVA, 2015, p. 64).

(2014, p. 56) é o das consoantes nasais que assimilam o ponto de articulação da plosiva seguinte, passando a ser [labial], [coronal] ou [dorsal] de acordo com a consoante seguinte. Um exemplo a ser citado é de palavras formadas a partir do prefixo in-: a nasal do prefixo assume o ponto de articulação da consoante seguinte. É por isso que no vocábulo ‘improvável’ temos a nasal labial – como a consoante /p/ - representada ortograficamente por ‘m’, e no vocábulo ‘incrível’ temos a nasal dorsal – como a consoante /k/ - representada ortograficamente por ‘n’.

3.5.5 *Nó vocálico*

O nó em questão domina, segundo a geometria de traços, os traços de ponto e de abertura das vogais, juntando-os em uma unidade funcional, que se espriam simultaneamente.

3.5.6 *Nó de pontos de vogal*

Clements e Hume (1995) utilizam os mesmos traços de ponto de articulação tanto para consoantes quanto para vogais. Portanto, é importante que, nas vogais, esses traços correspondam a uma unidade específica, hierarquicamente dependente do nó vocálico, que, por sua vez, está submetido ao nó de pontos de C. O nó de pontos de vogal também é trazido como nó de pontos de V. Ao final desta seção, será apresentada a árvore de traços da vogal [ε], por meio da qual será possível observar essa hierarquia.

3.5.7 *Nó de abertura*

O nó de abertura encontra-se no mesmo nível do nó de pontos de V, ou seja, hierarquicamente dependente do nó vocálico, e abarca os traços de abertura das vogais. Clements (1989) propõe apenas um traço para a abertura das vogais ([aberto]), representado hierarquicamente em camadas. Dessa forma, a subdivisão hierárquica das alturas das vogais do português ficaria assim:

Quadro 5 - Graus de abertura das vogais do português

Graus de abertura	i/u	e/o	ε/ɔ	a
Aberto 1	-	-	-	+
Aberto 2	-	+	+	+
Aberto 3	-	-	+	+

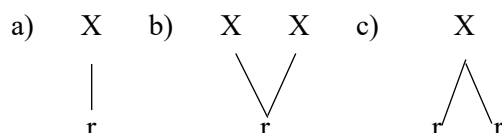
Fonte: adaptado de Matzenauer (2014, p. 60)

Tendo como referência a organização hierárquica dos nós, podemos passar, agora, à caracterização dos segmentos e exemplos de suas representações arbóreas de acordo com a geometria de traços.

3.5.8 A representação de segmentos

Esta subseção dedica-se à apresentação dos tipos de segmentos sugeridos por Clements e Hume (1995), que foram identificados a partir desse novo entendimento dos segmentos como conjunto hierarquizado de traços, proposto pela Fonologia Autossegmental.

Antes de passarmos, portanto, à explanação dos segmentos simples, complexo e de contorno, é preciso explorarmos as diferenças em relação à unidade temporal que domina o nó de raiz, trazidas por Matzenauer (2014, p. 48):



Para entender as relações acima, é preciso lembrar que **X** corresponde a uma unidade abstrata de tempo (ver subseção 3.5) e **r** equivale ao nó de raiz. Dessa forma, o segmento representado em a) corresponde a uma vogal ou consoante simples, cujo nó de raiz (e seu conjunto de traços formadores) ocupam uma unidade de tempo. Em b) temos um nó de raiz ocupando duas unidades de tempo, o que é o caso de vogais longas ou consoantes geminadas. Por fim, tem-se, em c), um segmento de contorno, uma vez que a unidade de tempo é ocupada por dois nós de raiz, contendo conjuntos de traços de segmentos diferentes. É o caso das consoantes africadas, por exemplo, como veremos mais a seguir.

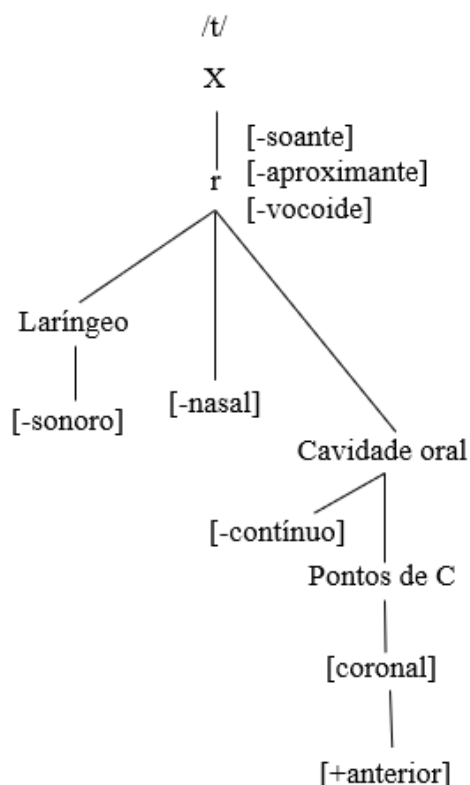
Clements e Hume (1995, p. 253) colocam como segmento simples aqueles que apresentam somente um nó de raiz e se caracterizam por apenas um traço de articulação ([labial] ou [coronal] ou [dorsal]).

Ainda segundo os autores, um segmento é dito complexo quando apresentar um nó de raiz, mas pelo menos dois traços diferentes de articulação oral. Esses dois traços podem estar no mesmo *tier*, como é o caso da plosiva labiovelar [kp] (exemplo do iorubá) (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 253), ou em *tiers* diferentes, o que é comum em casos de palatalização e velarização, por exemplo (op. cit, p. 287).

Há também segmentos considerados de contorno, os quais apresentam sequências de diferentes traços e são representados por dois nós de raiz dominados por uma única unidade de tempo. Matzenauer (2014, p. 64) diz que “candidatos naturais para esse tipo de segmento são as consoantes africadas e as plosivas pré e pós-nasalizadas.

De acordo com os conceitos até aqui apresentados, é possível propor a representação do segmento /t/, segundo a geometria de traços, da seguinte maneira:

Figura 3 - Geometria do segmento /t/



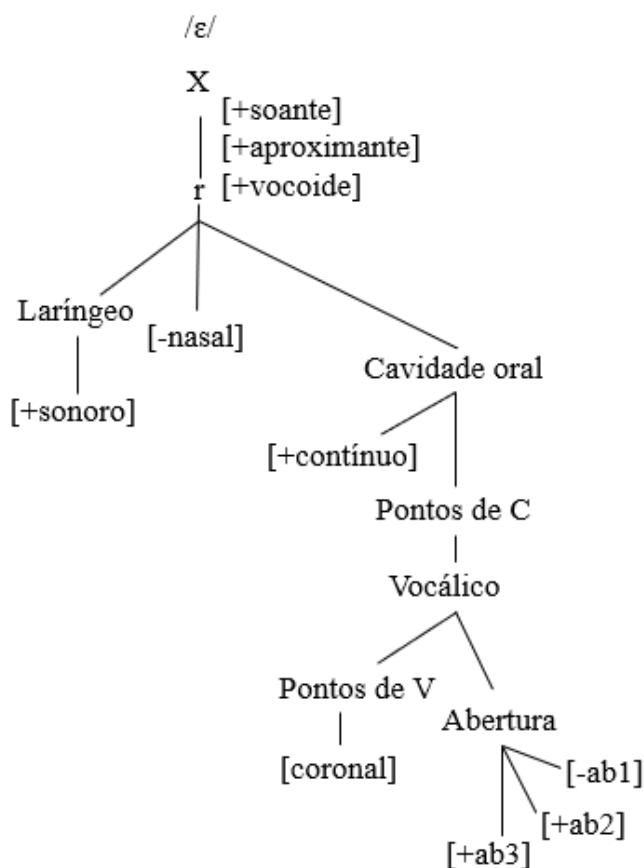
Fonte: elaboração própria.

Como é possível observar na árvore acima, o nó de raiz apresenta valor negativo para os traços [soante], [aproximante] e [vocoide], o que caracteriza esse segmento como uma obstruente. Também submetido ao nó de raiz, temos o traço [nasal], ausente no segmento em questão. No nó laríngeo, observamos também o valor negativo para o traço [sonoro], o que

diferencia o segmento /t/ de /d/ ([+sonoro]). Ainda submetido ao nó de raiz, o nó de cavidade oral apresenta o traço [-contínuo], ou seja, há obstrução total da passagem de ar na produção do segmento /t/. Esse nó domina também o nó de pontos de C, o qual apresenta os traços [coronal] e [+anterior], indicando que o segmento em questão é produzido por meio do levantamento da lâmina da língua acima da posição neutra e com uma obstrução da passagem de ar na região anterior da boca (alvéolos).

Vejamos também como funciona a representação de uma vogal do sistema do português, conforme a geometria de traços:

Figura 4 - Geometria do segmento /ε/



Fonte: elaboração própria.

No caso da vogal /ε/, é possível observar, primeiramente, os traços presentes no nó de raiz: [+soante], [+aproximante] e [+vocoide], totalmente opostos aos traços de /t/. Esse fato explica por que /t/ e /ε/ estão em pontas opostas da escala de sonoridade (uma obstruinte e uma vogal). No nó laríngeo, vemos que o traço [sonoro] está presente, o que é uma característica de todas as vogais. Ainda no nó de raiz, vemos que a vogal em questão não apresenta o traço [nasal]. Já no nó de cavidade oral, é possível observar que o segmento é

[+contínuo] ou seja, produzido sem interrupção da passagem de ar, outra característica comum a todas as vogais. Submisso ao nó de cavidade oral, está o nó de pontos de C, que, no caso das vogais (que apresentam o nó vocálico), abarca o nó de pontos de V e de abertura. No nó de pontos de V, vemos que o segmento em questão é [coronal] (traço considerado monovalente⁴⁵), ou seja, é articulado a partir do levantamento da ponta da língua, o que é o caso de vogais anteriores⁴⁶, como o /ε/. Por fim, no nó de abertura, observa-se que /ε/, por ser uma vogal média-baixa, possui dois dos três traços de abertura possíveis ([+ab3] e [+ab2]), propostos para o sistema do português.

Depois de vermos mais claramente como se dispõem os traços de determinado segmento dentro da estrutura hierarquizada, passemos à explanação dos princípios propostos pela teoria da Geometria de Traços para a análise de processos fonológicos.

3.5.9 Princípios da Geometria de Traços

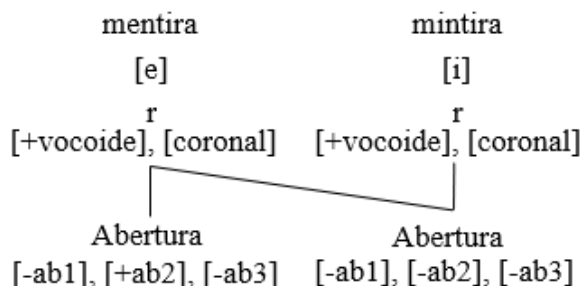
Para que a análise dos processos fonológicos seja feita da maneira correta, é preciso se atentar aos princípios que regem a geometria de traços, a começar pelo proposto por Clements e Hume (1995, p. 250), que diz que as regras fonológicas constituem uma única operação. Matzenauer (2014, p. 49) explica esse princípio dizendo que “somente um conjunto de traços que tenham um nó de classe em comum podem funcionar juntos em regras fonológicas”.

Outro princípio que impõe limites à aplicação de regras é o Princípio de Não cruzamento de linhas de associação, segundo o qual linhas de associação ligando elementos de *tiers* diferentes não podem se cruzar. Esse princípio está relacionado a uma condição de boa formação e prediz que regras de assimilação de traços estarão restritas a segmentos imediatamente adjacentes. Como exemplo, Matzenauer (2014, p. 65) menciona a regra em que nasais assimilam o ponto de articulação de uma consoante adjacente.

No entanto, há casos de harmonia vocálica, como nas vogais médias pretônicas do português, em que a regra afeta vogais não imediatamente adjacentes, independentemente do número de consoantes entre elas, como é possível observar a seguir:

⁴⁵ Segundo Clements e Hume (1995, p. 292), alguns traços são binários, ou seja, podem ser representados pela sua ausência ou presença, e outros são monovalentes, como é o caso dos traços de ponto.

⁴⁶ Faz-se importante lembrar que “a Fonologia Autossegmental conseguiu caracterizar consoantes e vogais com os mesmos traços. Assim, existe a vantagem de ser possível agrupar consoantes e vogais em uma mesma classe natural” (MATZENAUER; MIRANDA, 2017, p. 75).

Figura 5 - Espraçamento nas pretônicas

Fonte: adaptado de Matzenauer e Miranda (2017, p.76)

O Princípio do Contorno obrigatório (PCO) coloca que elementos adjacentes idênticos são proibidos, assim como traços ou nós adjacentes idênticos em uma mesma camada. Para evitar a violação do PCO, algumas línguas utilizam o processo de dissimilação.

Além da dissimilação, o PCO pode acarretar outros processos fonológicos, como a haplogogia. Alguns exemplos são analisados por Silva (2017, p. 108), como a formação de nomes com o sufixo -ção: em 'aparição', temos a haplogogia⁴⁷ da última sílaba do tema do verbo, 'aparece' ([se]), diante da adjunção do sufixo -ção, uma vez que as consoantes de ataque dessas sílabas apresentam traços em comum.

Por fim, tem-se o Princípio de Restrição de Ligação, que restringe a aplicação de uma regra à forma que nela é representada. Portanto, esse princípio prediz que uma regra se aplicará somente a estruturas com o mesmo número de linhas de associação que a sua descrição estrutural específica. Ele é fundamental à correta descrição e aplicação de regras que envolvem mais de uma camada.

3.6 A Fonologia lexical

Por mais que um dos objetivos principais deste trabalho seja mostrar, através da análise por meio da Geometria de Traços, como se dão os processos morfofonológicos desencadeados a partir da sufixação, processo mais produtivo na formação de palavras derivadas presentes no *corpus*, notamos que as contribuições da Fonologia lexical nos ajudam a identificar em qual nível de formação de uma nova palavra esses processos se dão. Sendo assim, esta subseção dedica-se à apresentação dos principais conceitos em torno da FL (Fonologia lexical).

⁴⁷ Além do processo de haplogogia, é possível identificar também o alçamento da vogal pretônica 'e' para 'i'.

Schwindt (2006, p. 312) afirma que a Fonologia Lexical “ênfatiza a intrincada relaçaõ entre morfologia-fonologia”. A representaçaõ por meio da FL mostra-se importante a este trabalho uma vez que ela estuda “[T]udo o que diz respeito à fonologia e à interface com a morfologia: estuda entidades prosódicas que se estendem da unidade menor, a sílaba, à unidade maior, o enunciado, e **processos de formaçaõ de palavras e dos membros que a constituem**” (BISOL, 2017, p. 82 – grifo nosso). Pelas palavras de Bisol, percebemos que a FL compreende dois componentes: o lexical e o pós-lexical, este último tratando do domínio da frase, que não é o foco deste trabalho. Wetzels (1991, p. 25), acrescenta que na FL, um determinado subconjunto de regras fonológicas age em interaçãõ com as regras e componentes de formaçaõ de palavras, ou seja, sendo assim, aproximamo-nos da morfofonologia. Lee (1995, p. 6) explica que:

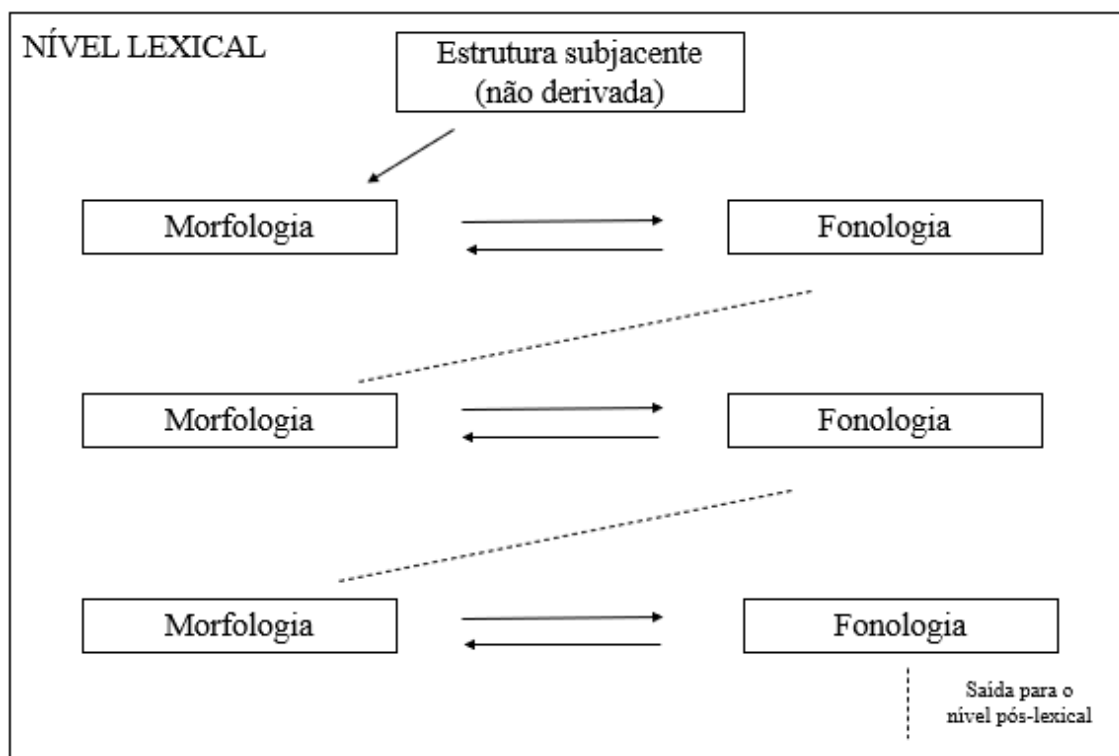
Neste modelo, há dois tipos distintos de regras fonológicas: um tipo que se aplica no léxico, que corresponde às chamadas Regras Lexicais; um outro tipo, cuja aplicaçaõ se dá na saída da sintaxe, fora do léxico, e que corresponde às chamadas Regras Pós-lexicais.

O autor ressalta também as principais propriedades das regras lexicais, de maior relevância para este trabalho, sendo elas:

- A. A referência à estrutura interna das palavras;
- B. A ciclicidade;
- C. Sua antecedência em relaçaõ às regras pós-lexicais.

É possível dizer que, no nível lexical, ou seja, no nível da formaçaõ de palavras, a FL vê as regras morfológicas e fonológicas como altamente embricadas, sendo assim, “regras fonológicas relevantes se aplicam à saída de toda regra morfológica” (LEE, 1995, p. 4). Schwindt completa que “o morfema deixa de ser visto apenas como uma sequênciade segmentos, pois morfologia e fonologia interagem lado a lado (2006, p. 313). Uma possível representaçaõ da aplicaçaõ das regras morfológicas e fonológicas no nível lexical, de acordo com a FL, seria:

Figura 6 - Funcionamento da interação morfologia-fonologia segundo a FL



Fonte: Adaptado de Lee (1995, p. 5).

As três interações mostradas na imagem podem também ser chamadas de ciclos e não há, necessariamente, 3 deles na formação de toda saída para o nível pós-lexical. Massini-Cagliari (1999, p. 95) explica que a classe de regras que operam no nível lexical é composta de dois subtipos:

- (a) as que envolvem ajustes que são desencadeados pela combinação de morfemas, como a regra de abrandamento velar no português, que transforma o /k/ de *eletrik-* em /s/ diante do morfema *-idade*, formando *eletricidade*, e (b) aquelas que operam modificações na estrutura segmental, requeridas quando a forma subjacente não satisfaz as condições fonotáticas que consideram uma sequência uma palavra bem-formada, como, por exemplo, as regras de silabificação e as epênteses daí recorrentes.

Schwindt (2006, p. 313) elucida que “Na parte mais profunda do léxico estão as raízes – os itens não-derivados da língua. Ao ingressar no nível 1, essas raízes estão sujeitas a processos morfológicos e fonológicos, em plena interação”. Dessa forma, o resultado de um nível de interação (output) será sempre o *input* ou forma de entrada do nível seguinte.

Para ilustrar melhor algumas dessas regras, vejamos o exemplo baseado em Bisol (2017, p. 89). A autora ilustra a ocorrência de três ciclos de interação na formação do vocábulo ‘*roseiral*’. Aqui usaremos um exemplo do próprio *corpus*, o adjetivo ‘*realístico*’:

Quadro 6 - Ciclos de interação entre a morfologia e a fonologia no nível lexical

Estr. subjacente	/real/	/real-ista/	/realista-ico/	
/real/ADJ			Morfologia	1º ciclo
Silabificação	re.al		Fonologia	
Acento	re.'al			
Adjunção		re.al.ista	Morfologia	2º ciclo
Silabificação		re.a.lis.ta	Fonologia	
Acento		re.a.'lis.ta		
Adjunção			realista.ico	3º ciclo
Apg. de VT			realistø.ico	
Silabificação			re.a.'lis.ti.co	
Acento			re.a.'lis.ti.co	
Neutr. átona final			re.a.lis.ti.cu	
Estr. de superfície	[xe.'au]	[xe.a.'lis.ta]	[xe.a.'lis.ti.ku]	

Fonte: Adaptado de Bisol (2017, p. 89)

No exemplo foi possível observar a formação de uma palavra simples (1º ciclo), a formação de um derivado imediato (2º ciclo) e a formação de um derivado de outro derivado (3º ciclo). Ao longo dos ciclos 1, 2 e 3, podemos ver que a regra de silabificação é aplicada de maneira cíclica, ou seja, é recorrente a cada novo ciclo de derivação – característica das regras de aplicação lexical, apenas.

Considerando, portanto, os fundamentos da Fonologia lexical, é possível observar e apontar o momento de atuação de uma regra fonológica logo após a adjunção, como veremos nas seções 5 e 6, referentes às análises morfológicas e fonológicas, respetivamente.

3.7 Considerações finais

Esta seção foi dedicada à apresentação e explicação dos principais conceitos da área da Fonologia, já que eles estarão presentes na análise fonológica dos vocábulos do *corpus* deste trabalho. Além disso, debruçamo-nos, também, sobre os principais conceitos e pressupostos da Teoria da Geometria de traços, teoria de análise fonológica escolhida para guiar as análises deste trabalho, uma vez que acreditamos que sua proposta de descrição por meio de árvores de traços hierarquicamente dispostos ajudar-nos-á a mostrar como os processos morfofonológicos são desencadeados no português brasileiro atual. Por fim, mostramos alguns dos conceitos fundadores da Fonologia lexical e como eles são observados e apontados em novas formações no nível lexical, contemplando a interação morfologia-

fonologia e mostrando-se uma ferramenta valiosa para análises morfofonológicas. Esse tipo de interação vai se mostrar nas análises, ao longo das seções 5 e 6.

Passamos agora ao detalhamento da metodologia utilizada no trabalho e do *corpus* coletado.

4. METODOLOGIA E *CORPUS*

Esta seção é dedicada a uma breve apresentação do gênero blog e, mais precisamente, do blog AdoroCinema, fonte dos vocábulos que compõem o *corpus* deste trabalho, suas características e particularidades. Além disso, pretende-se mostrar aqui o caminho metodológico percorrido para se chegar às análises morfológicas propostas nesta tese, começando pela seleção de matérias do blog, passando pela recolha dos vocábulos, até chegar às análises propriamente ditas.

Começemos com uma breve discussão sobre gêneros e a apresentação do blog AdoroCinema.

4.1 O gênero *blog*

É certo que as novas tecnologias mudam, entre outras coisas, a maneira como nos comunicamos. E a mudança nas dinâmicas de comunicação acarreta mudanças na maneira como organizamos nossos discursos. O ambiente da internet permite que, muitas vezes, o que se escreve seja apagado ou mesmo editado, o que faz com que as pessoas não se policiem tanto em relação à norma culta, por exemplo, na hora de escrever. Marcuschi (2002, p. 20) afirma que:

não é difícil constatar que nos últimos dois séculos foram as novas tecnologias, em especial as ligadas à área da comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais. Por certo, não são propriamente as tecnologias per se que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Assim, os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão por sua vez propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos.

Algumas plataformas são bons exemplos disso, como o Twitter, que permite um número limitado de caracteres para um texto, por isso a linguagem sofre adaptações para se encaixar nos suportes, mas também faz com que o suporte ou plataforma se modifique e se adapte às necessidades da comunicação. Um exemplo são as *threads* nessa mesma plataforma. Com o significado de “fio” ou “linha” em português, a *thread* é uma forma de prolongar um tweet (uma publicação na plataforma Twitter) para além do limite de caracteres. Muitas contas do Twitter, principalmente de notícias, têm usado essa opção para falar sobre reportagens mais longas e mais detalhadas, sem precisar desvincular um tweet de outro.

Quando na mesma *thread*, os tweets são sempre apresentados em conjunto para os leitores. Um exemplo foi a recente nota da página oficial do ex-presidente Lula na plataforma, em que os detalhes sobre a nota de defesa são dados por meio de um fio ou *thread*:

Figura 7 - Primeiro tweet do fio - página oficial do ex-presidente Lula no Twitter

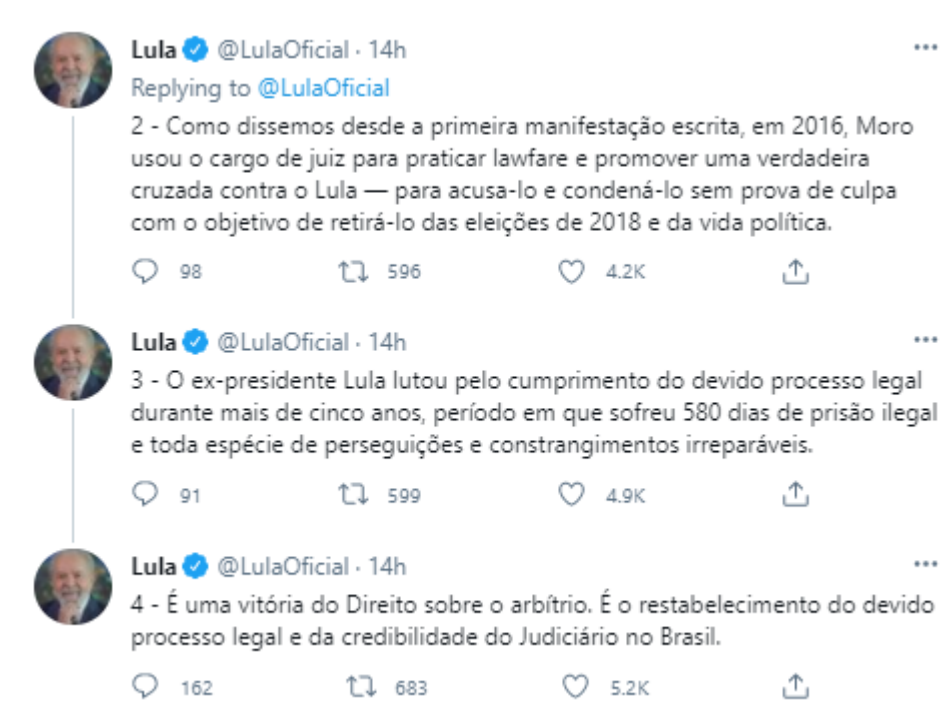


Fonte: Twitter, 2021⁴⁸.

Percebe-se que no canto inferior esquerdo há um hiperlink que leva para o restante do fio:

⁴⁸LULA. NOTA DA DEFESA. 1 - O plenário do STF formou maioria para manter íntegro o julgamento realizado pela 2ª Turma que reconheceu que o ex-juiz Sergio Moro quebrou a regra de ouro da jurisdição: agiu de forma parcial em relação ao ex-presidente Lula. Foto: Ricardo Stuckert. 22 de abril de 2021. Twitter: @LulaOficial. Disponível em: <https://twitter.com/LulaOficial/status/1385365057551355904>. Acesso em: 22 abr. 2021.

Figura 8 - Restante do fio - página oficial do ex-presidente Lula no Twitter



Fonte: Twitter, 2021.

O exemplo do Twitter mostra como os gêneros emergentes na internet se adaptam às necessidades comunicativas enquanto a linguagem nesses gêneros também se renova.

O *blog* é um desses gêneros emergentes na internet, está nesse espaço virtual, online, de rápida atualização e adaptação e foi escolhido por concentrar opções variadas de assuntos. Ademais, ao acessar um blog de notícia como o AdoroCinema, é possível ter acesso a todas as matérias publicadas desde o início do endereço virtual, o que facilita o recorte temporal mais atual, em busca de vocábulos que estão, de fato, circulando nos meios de comunicação e, até mesmo, novas formações, uma vez que neologismos também são importantes para o escopo geral deste trabalho.

Para Barbosa e Rojo (2015, p. 68), o blog surge como uma consequência das TDICs (tecnologias digitais da informação e da comunicação). Segundo as autoras:

Como o funcionamento, os instrumentos e as relações sociais nas esferas mudam, os gêneros também se modificam de acordo com essas alterações. Um bom exemplo é o aparecimento das tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDICs), que provocaram modificações nos gêneros por elas incorporados, gerando duplos, e criaram cartas/*e-mail*, conversas/*chat* ou bate-papo, diário/*blog* e assim por diante. (Destaque no original).

Como veremos com mais detalhes a seguir, o *blog* de notícias AdoroCinema representa bem a modernidade dos gêneros que nasceram na internet. Dentro de uma matéria/post do blog é possível encontrar diversos hiperlinks que levam a outros posts relacionados. Em vez de juntar todos os posts em um só texto sobre o assunto, o tema ou notícia é fragmentado em vários tópicos para que o leitor decida o que quer ler ou não.

Figura 9 - Matéria com diversos hiperlinks



Fonte: AdoroCinema, 2019⁴⁹.

4.2 O *blog* AdoroCinema

O blog AdoroCinema é um endereço que surgiu já neste suporte do computador, para falar sobre notícias da Sétima arte, bem como para divulgar resenhas dos filmes em destaque, do momento, ou mesmo de filmes mais antigos, e suas matérias e posts são de autores diversos. Além disso, o blog reúne matérias especiais sobre categorias de filmes, além de ter expandido seu repertório para outros tipos de entretenimento, tais como séries e festivais de cinema, por exemplo.

Como visto anteriormente, muitas vezes, dentro de uma mesma matéria ou post, encontramos vários hiperlinks que levam para novos textos, por isso, foi necessário especificar e limitar um número de textos de onde recolher os vocábulos para análise. Dessa forma, foram selecionados os textos da seção de matérias especiais do ano de 2019: as

⁴⁹ Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-150085/>. Acesso em: 23 abr. 2021.

matérias especiais são textos postados com menos frequência durante o ano, mas, ao mesmo tempo, são mais longos que as notícias mais frequentes. Eles são compostos por notícias e resenhas sobre séries e filmes, agrupadas em categorias especiais (‘As 30 séries mais aguardadas de 2019’, como pode ser visto no anexo, p. 179) e, por muitas vezes, discorrerem um pouco sobre o enredo dessas obras, trazendo vocabulário de campos semânticos variados.

Para o recorte deste trabalho, foram selecionadas, portanto, as 19 matérias especiais do ano de 2019, das quais algumas estão em anexo nesta tese (a partir da página 179). É preciso ressaltar que não consideramos os hiperlinks desses posts, uma vez que eles nos levariam a novos textos que, por sua vez, também poderiam levar a outras matérias. Ademais, as matérias trazem vocábulos de campos semânticos bastante diversificados, não só da área do cinema e produções audiovisuais, além de uma linguagem bastante moderna, com muitos estrangeirismos, por exemplo, como veremos na subseção 4.4, sobre o *corpus*.

4.3 Procedimentos metodológicos

Depois de avaliar o site AdoroCinema e selecionar as matérias de onde os vocábulos seriam coletados, foi criada uma planilha para a listagem das palavras a serem analisadas. A leitura das 19 matérias especiais do ano de 2019 levaram à identificação das palavras em função de adjetivo e substantivo. A organização em planilha permite que várias colunas sejam justapostas com informações diferentes sobre a mesma linha.

Para cada linha dedicada a um vocábulo, foram dispostas 10 colunas, cada uma com uma informação diferente. Na primeira coluna foi colocada uma identificação da matéria em que aquele vocábulo foi primeiramente encontrado de acordo com o mês de postagem; na segunda coluna consta o link de acesso à matéria, para que o contexto em que a palavra foi encontrada pudesse ser facilmente acessado; a terceira coluna é dedicada ao vocábulo a ser analisado, sem flexão de gênero ou número; a quarta coluna mostra exatamente a forma como o vocábulo foi encontrado, considerando sua flexão, caso tivesse sido encontrado em sua forma flexionada; na quinta coluna foi explicitado em que função/classe de palavra o vocábulo foi encontrado; na sexta coluna consta o processo de formação a que o vocábulo foi submetido para chegar à forma atual; a sétima coluna é dedicada ao afixo formador (quando o processo identificado é uma derivação sufixal ou prefixal); na oitava coluna, foram elencadas as palavras ou bases que originaram os vocábulos; na nona coluna deixamos um campo para observações, que foi preenchido de acordo com as primeiras observações a respeito do vocábulo; e na décima e última coluna foi deixado um espaço para a análise, campo utilizado,

principalmente, nas linhas de vocábulos que causaram mais dúvidas e dedicadas à análise mais aprofundada das primeiras observações feitas. No quadro a seguir, é possível ver como ficou a configuração de parte da planilha de recolha do *corpus*:

Quadro 7 - Amostra da tabela de recolha do *corpus*

Matéria	Link	Vocábulo	Forma como foi encontrado	Categoria/função no texto	Processo de formação	Afixo	Palavra de origem
dez. 2	[link]	aberto	aberto	adje	particípio passado	-to	abrir
out.	[link]	abertura	abertura	subs	sufixação	-tura	abrir
jan.	[link]	abordagem	abordagem	subs	sufixação	-agem	abordar
dez. 2	[link]	abracinho	abracinho	subs	sufixação	-inho	abraço
dez. 1	[link]	acessado	acessados	adje	particípio passado	-do	acessar
dez.4	[link]	acessível	acessível	adje	sufixação	-vel	acessar
fev. 2	[link]	acirrado	acirradas	adje	particípio passado	-do	acirrar
dez.4	[link]	aclamado	aclamada	adje	particípio passado	-do	aclamar

Fonte: elaboração própria.

A disposição em planilha, além de ajudar na organização do *corpus*, ajuda também no momento da análise, pois é possível filtrar cada coluna de acordo com o que se quer analisar. É possível, por exemplo, criar um filtro por afixos, caso se queira comparar todos os vocábulos formados pelo sufixo -dor e depreender qual RFP eles constituem. Essa ferramenta foi bastante útil durante as análises, uma vez que foi possível separar os vocábulos por processo ou sufixo formador e comparar as semelhanças e diferenças entre eles.

Além disso, diante de um *corpus* de mais de 700 palavras, a opção de colorir as células para marcar um ou outro caso de análise que precisa ser revisto também foi bastante útil, tendo em vista que também é possível filtrar as linhas por cor de preenchimento.

Vale ressaltar que a recolha dos vocábulos contou com o auxílio dos dicionários. Depois de recolher os vocábulos derivados encontrados nas 19 matérias selecionadas, deu-se

início à análise morfológica, ou seja, os processos morfológicos que formaram essas novas palavras derivadas. Os vocábulos foram, portanto, divididos por tipo de formação e, em seguida, por sufixo formador. Com base nesses agrupamentos, foram feitas as análises mostradas na seção 5. Os neologismos encontrados também foram analisados dentro de seus tipos de formação, na tentativa de descrever as RFPs a que eles se submeteram e verificar se elas são comuns a outros vocábulos também. Ainda na seção 5, mostramos a formação dos vocábulos em constituintes imediatos, para explicitar a RFP.

Por fim, passamos à análise fonológica, por meio da Geometria de traços, também com o objetivo de descrever e demonstrar os processos morfofonológicos desencadeados e encontrar a regularidade entre eles, contando também com os preceitos da Fonologia lexical para identificar em que momento da formação o processo morfofonológico se deu.

4.4 A formação do *corpus*

Para a coleta dos vocábulos, foram selecionadas as 19 matérias especiais do ano de 2019 do blog de notícias AdoroCinema. As matérias são de tamanhos variados, mas a grande maioria é composta por duas ou mais páginas, porém, contam também com imagens, vídeos e hiperlinks.

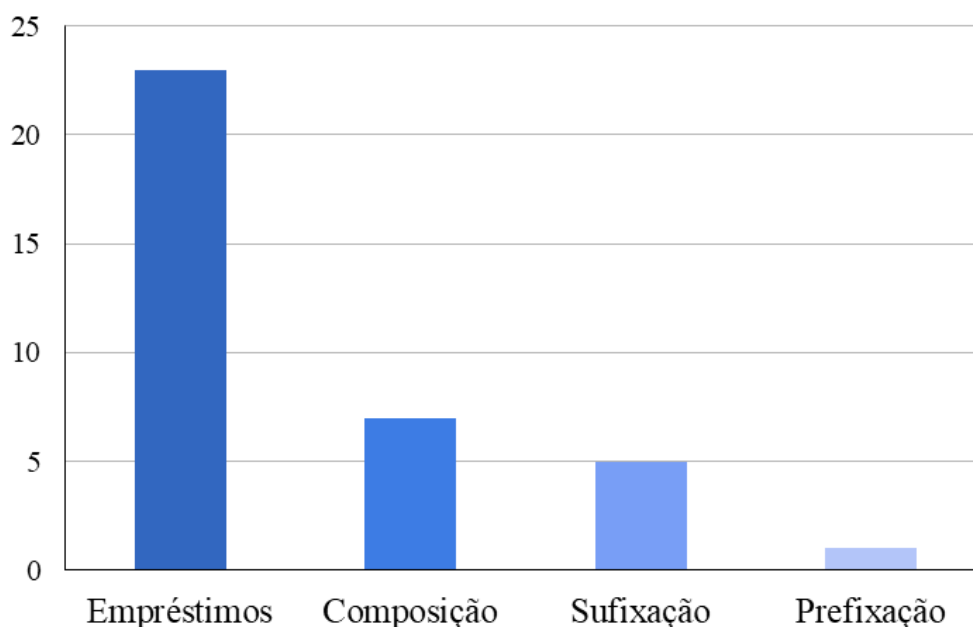
Dos 19 textos foram levantados 796 vocábulos considerados para a análise proposta neste trabalho, sendo 36 deles considerados neologismos ou estrangeirismos. Dos outros 760 vocábulos, vimos que, para alguns (50 vocábulos), não foi possível chegar a uma base sincrônica, pois sua origem remete a uma forma latina (base presa) ou empréstimo de outras línguas que já sofreram adaptações e se lexicalizaram em português (como ‘vantagem’, do francês *avantage*).

Dos 710 vocábulos considerados sincronicamente derivados, 56 foram formados por composição, 45 passaram pelo processo de prefixação e 594 foram formados por sufixação. Esses três mostraram-se como os tipos de formação mais produtivos do *corpus*. Dentro da derivação sufixal, foram identificados mais de 30 sufixos diferentes, dentre os quais os mais produtivos foram -ção para a formação de substantivos, e -do para a formação de adjetivos.

Já entre as 36 formações neológicas, 23 foram identificadas como empréstimos do inglês, evidenciando a forte influência dessa língua, principalmente na área das produções audiovisuais. Fora os empréstimos, verificamos 3 casos de neologismos formados por sufixação (‘boladona’, ‘seriador’ e ‘candidatíssimo’) e 2 casos de formações a partir do participio passado de verbos (‘oscarizado’ e ‘serializado’), cujas descrições encontram-se na

seção 5; 1 caso de prefixação e 7 casos de composição. Sendo assim, temos a seguinte distribuição dentre as formações neológicas encontradas no corpus:

Figura 10 - Proporção dos tipos de formações neológicas encontrados no corpus



Ainda nesta subseção, vamos comentar com mais detalhes os outros tipos de formações além da sufixação, que, por ser o processo mais produtivo, será o foco das análises morfológica e fonológica das seções seguintes.

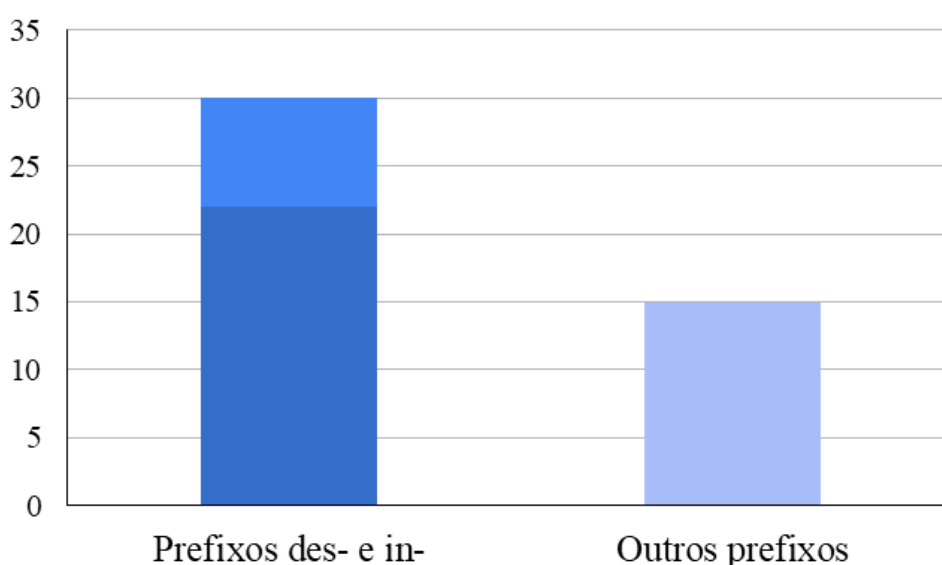
Dentre os 796 vocábulos coletados, 14 foram considerados produtos de derivação regressiva, ou seja, foram encontrados 14 substantivos que tiveram origem em verbos e perderam elementos verbais na sua formação: a terminação -r e a vogal temática. A lista dos vocábulos formados por derivação regressiva pode ser consultada no apêndice B deste trabalho (a partir da página 183).

Foram também encontrados 45 vocábulos que passaram pelo processo de prefixação. Como a prefixação não é responsável pela mudança de classe gramatical, as bases dessas formações são todas nominais: adjetivos e substantivos. Houve casos em que a base da prefixação era um adjetivo e o vocábulo formado encontra-se na função de substantivo, como no exemplo ‘imprevisto’: “Do começo ao fim, a narrativa jamais perde ao fôlego enquanto posterga a chegada à festa através de diferentes **imprevistos** durante a noite”. (DEMEROV, 2019. Grifo nosso). Porém, essa ocorrência está relacionada à frequente flutuação gramatical entre as duas classes em questão, e não à função gramatical do processo de derivação prefixal.

Os dois prefixos mais produtivos no *corpus* foram in- e des-, que juntos foram responsáveis por 75% das formações (30 vocábulos) e a lista dessas formações encontra-se no

apêndice B deste trabalho (a partir da página 183). É importante destacar a presença de um neologismo entre as derivações prefixais: ‘co-protagonista’. O prefixo co- tem o sentido de companhia, concomitância, simultaneidade, e é comum no campo semântico da cinematografia, em palavras como ‘coadjuvante’ e ‘coprodução’, por exemplo, também presentes no *corpus*. A novidade está justamente no uso desse prefixo com a palavra ‘protagonista’, que carrega o sentido de único, principal, primeiro, mas que foi ressignificada de acordo com as novas necessidades de nomeação: no caso, estamos diante de uma série televisiva que apresenta duas atrizes principais. É possível visualizar a proporção dos prefixos mais produtivos no gráfico a seguir:

Figura 11 - Proporção dos prefixos mais recorrentes no *corpus*

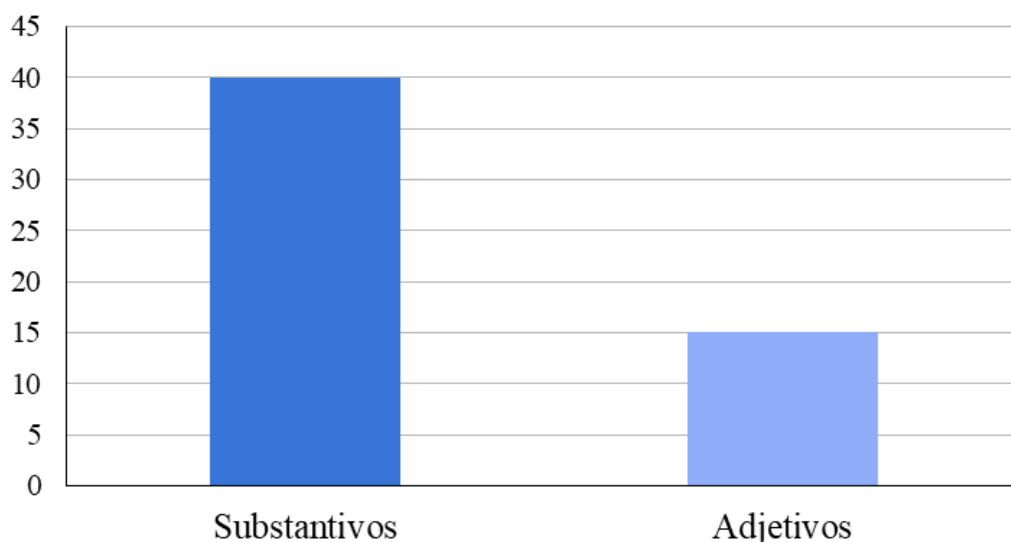


Os casos de composição foram mais numerosos, mostrando que esse tipo de formação é, inclusive, o mais produtivo quando se trata de formações neológicas. Ao todo foram 56 formações identificadas a partir de composição, seja de bases livres (‘bomba-relógio’, ‘carro-chefe’) ou presas (‘cinéfilo’, ‘xenofobia’).

Além das 56 formações compostas recorrentes no PB, 7 formações neológicas também foram classificadas como produto de composição. Por não se encontrarem como lexias descritas nos dicionários consultados, foram consideradas neologismos: ‘universo-bolha’, ‘varandas gourmet’, ‘quartinhos dos fundos’, ‘autoconfessional’, ‘recém-oscarizada’, ‘atores-fetiche’ e ‘filme-ensaio’. Tanto entre os neologismos quanto entre as formações não neológicas, vemos que a produtividade por composição na classe dos substantivos é maior – com 40 substantivos formados ao todo, e apenas 15 adjetivos entre as formações não

neológicas, e 4 substantivos e 2 adjetivos nas formações neológicas – como representado no gráfico a seguir:

Figura 12 - Proporção de substantivos e adjetivos formados a partir de composição



De acordo com os objetivos deste trabalho, não foi feita uma análise mais detalhada das formações por composição, mas a lista dos vocábulos assim classificados encontra-se nos apêndices desta tese (p. 183).

Foi encontrado, também, um caso de parassíntese, com o vocábulo ‘contemporâneo’: tem como base o substantivo ‘tempo’, que dá origem a um adjetivo.

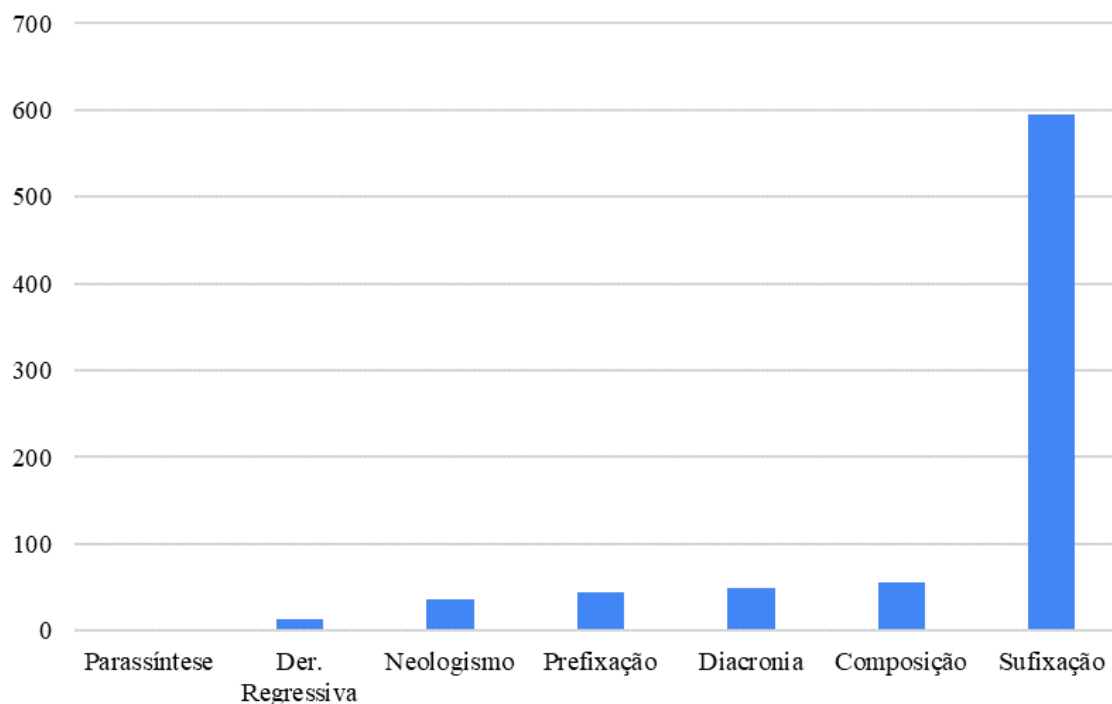
Por fim, ao comentar os dados gerais do *corpus*, é preciso falar que a grande maioria dos vocábulos considerados neológicos são, na verdade, estrangeirismos, ou seja, empréstimos de outra língua. Dos 36 neologismos, 23 são estrangeirismos, sendo 22 deles de origem na língua inglesa, o que mostra a grande influência dessa língua, ainda mais evidente no universo das produções audiovisuais, ainda muito dominado pela indústria de Hollywood. A única exceção é o vocábulo *super saiyajin*, de origem japonesa, do desenho *Dragon Ball*, que dá nome a uma categoria de personagens que faz parte do universo do desenho. A lista das formações neológicas também se encontra nos apêndices deste trabalho (p. 183). Podemos resumir as informações sobre os dados coletados na tabela a seguir:

Tabela 2 - Tipos de formação encontrados no *corpus*

Tipo de formação	Quantidade de vocábulos	%
Parassíntese	1	0,12
Derivação regressiva	14	1,76
Neologismos	36	4,52
Prefixação	45	5,65
Origem diacrônica	50	6
Composição	56	7
Sufixação	594	74,6
Total	796	100

Fonte: elaboração própria

Sendo assim, temos a seguinte proporção de produtividade entre os vocábulos coletados:

Figura 13 - Proporção dos tipos de formação encontrados no *corpus*

4.5 Considerações finais

Nesta seção, abordamos algumas das principais características do gênero *blog* e o *blog* AdoroCinema, de onde foram recolhidos os vocábulos para a análise deste trabalho. Passamos, em seguida, pelos procedimentos usados para recolher os vocábulos, e o principal recurso utilizado para listagem e classificação do *corpus*: uma planilha no software *Google Sheets* que permitiu dispor as informações em colunas e que conta com ferramentas como filtros, personalização de cores e outras que ajudaram na separação e análise inicial do *corpus*.

Por fim, chegamos aos principais dados quantitativos extraídos do *corpus*: vimos que foram recolhidas quase 796 palavras para análise, dentre as quais 746 foram consideradas sincronicamente derivadas. A partir daí, observamos que o processo de formação de palavras mais produtivo foi a sufixação, principal ponto de análise deste trabalho, seguida da composição, prefixação e, por fim, derivação regressiva, contando, ainda, com um caso de parassíntese. Dentre as formações neológicas, no entanto, vimos que a composição se mostrou mais produtiva, logo depois dos estrangeirismos e empréstimos, responsáveis pela grande maioria das novas formações.

Passamos, a seguir, para a análise mais detalhada do processo de derivação sufixal: além de ser o processo de formação mais produtivo e responsável pela definição e mudança da classe de palavra dos vocábulos, foi também o principal tipo de formação que desencadeou processos morfofonológicos, diferentemente da composição e prefixação. Na próxima seção veremos os sufixos recorrentes no *corpus* e uma descrição inicial dos processos morfofonológicos sofridos pelos vocábulos ao longo de seu processo de formação, que será mais aprofundada na seção 6, quando da análise fonológica.

5. ANÁLISE MORFOLÓGICA: SUFIXAÇÃO

É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, reflectem-se perfeitamente em alguns dos sufixos.

Graça Maria Rio-Torto, 1998.

A presente seção dedica-se à apresentação e descrição dos sufixos formadores dos vocábulos do *corpus*. Eles estão dispostos em ordem alfabética e cada subseção conta com a enumeração dos vocábulos formados a partir daquele sufixo, a descrição dessas formações por meio dos constituintes imediatos, uma breve análise semântica dessas formações seguida da associação dos sufixos às RFPs correspondentes e os primeiros comentários a respeito dos processos morfofonológicos desencadeados nas formações, processos estes que serão representados de forma mais detalhada na seção 6.

5.1 Vocábulos formados em -agem

Começamos pela descrição do processo de derivação sufixal por meio do sufixo -agem, responsável pela formação de 4 dos 594 vocábulos do *corpus* formados por derivação sufixal, o que representa menos de 1% dos processos de formação.

Segundo Pezatti (1990, p. 163), esse sufixo se origina da forma francesa *-age* e alguns vocábulos, como ‘vantagem’ e ‘personagem’, presentes em nosso *corpus*, foram empréstimos diretos do francês (*avantage* e *personnage* respectivamente), sendo, portanto, impossível identificar sincronicamente uma base que sirva para a sua formação.

O sufixo -agem é responsável pela formação de substantivos abstratos do gênero feminino e, apesar de poder formá-los a partir de bases nominais (‘frio’ + -agem > ‘friagem’; ‘malandro’ + -agem > ‘malandragem’), os vocábulos encontrados em nosso corpus foram formados a partir de bases verbais, como pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 8 - Derivação sufixal em -agem

Vocábulo	Processo de formação
abordagem	[[aborda] _{verbo} + [agem] _{suf}] _{subs}
filmagem	[[filma] _{verbo} + [agem] _{suf}] _{subs}
montagem	[[monta] _{verbo} + [agem] _{suf}] _{subs}
passagem	[[passa] _{verbo} + [agem] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria

É importante ressaltar que o sufixo se anexa ao tema do verbo, formado pelo seu radical junto da vogal temática. Dentre os exemplos encontrados no *corpus* para esse tipo de formação, é possível afirmar que o processo morfofonológico de crase é desencadeado pela adjunção do sufixo aos temas verbais de primeira conjugação (VT ‘a’ + -agem).

A respeito do valor semântico dessas formações, Pezatti (1990, p. 164) afirma que “os derivados de tema nominal indicam estado ou propriedade (Cf. camaradagem, friagem, estiagem, vagabundagem), enquanto os derivados de tema verbal indicam ação ou resultado de ação (Cf. adubagem, cilindragem, moagem, abordagem)”. O sentido de resultado de uma ação pode ser recuperado em três dos quatro vocábulos coletados no *corpus*, já o vocábulo ‘passagem’ aparece com sentido de “caso, acontecimento”⁵⁰ e não remete diretamente ao ato ou efeito de ‘passar’.

Há, ainda, os casos dos vocábulos ‘vantagem’ e ‘personagem’, que foram recolhidos para esta lista por analogia à terminação -agem. Porém, depois de uma análise mais aprofundada, verificou-se que os vocábulos não possuem uma base sincrônica que pode ser depreendida em sua análise e são, na verdade, originários de empréstimos do francês *avantage* e *personnage*, respectivamente.

5.2 Vocábulos formados em -al

Como pode ser observado no quadro a seguir, o sufixo -al, formador de adjetivos comuns de dois gêneros mostrou-se bastante produtivo, dando origem a 44 de 594 vocábulos (7,5%). Dentre eles, alguns assumiram, na verdade, a função de substantivos nos textos em que aparecem, por isso estão marcados com um asterisco (*) no quadro a seguir:

⁵⁰ “Dentro de um apartamento, o performer evoca **passagens** da sua vida misturadas a trechos de sua arte.” (CARMELO, 2019).

Quadro 9 - Derivação sufixal em -al

Vocábulo	Processo de formação
ambiental	[[ambiente] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
anual	[[ano] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
brutal	[[bruto] _{adje} + [al] _{suf}] _{adje}
comercial	[[comércio] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
conceitual	[[conceito] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
convencional	[[convenção] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
cultural	[[cultura] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
digital	[[dígito] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
educacional	[[educação] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
emocional	[[emoção] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
essencial	[[essência] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
excepcional	[[exceção] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
experimental	[[experimento] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
festival	[[festivo] _{adje} + [al] _{suf}] _{subs} *
final	[[fim] _{subs} + [al] _{suf}] _{subs} *
fundamental	[[fundamento] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
governamental	[[governo] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
habitual	[[hábito] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
inicial	[[início] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
intencional	[[intenção] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
leal	[[lei] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
marginal	[[margem] _{subs} + [al] _{suf}] _{subs} *
mental	[[mente] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
mortal	[[morte] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
mundial	[[mundo] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
musical	[[música] _{subs} + [al] _{suf}] _{subs} *
nacional	[[nação] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
normal	[[norma] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
oficial	[[ofício] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
original	[[origem] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
peçoal	[[pessoa] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
policial	[[polícia] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
preferencial	[[preferência] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}

profissional	[[profissão] _{subs} + [al] _{suf}] _{subs} *
racial	[[raça] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
sensacional	[[sensação] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
sexual	[[sexo] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
temporal	[[tempo] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
terminal	[[término] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
tradicional	[[tradição] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
universal	[[universo] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
verbal	[[verbo] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
visceral	[[víscera] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}
vocal	[[voz] _{subs} + [al] _{suf}] _{adje}

Fonte: elaboração própria

O sufixo em questão forma adjetivos comuns de dois gêneros e atemáticos a partir de bases nominais. Das 44 formações, apenas duas se deram a partir de bases adjetivais (‘bruto > brutal’ e ‘festivo > festival’), enquanto 42 tiveram como base um substantivo.

Além disso, é importante ressaltar que alguns dos adjetivos assim formados exercem, na verdade, a função de substantivos nos contextos em que foram encontrados. É o caso de ‘festival’, ‘final’, ‘marginal’ e ‘musical’. No entanto, faz-se necessário apontar que esses substantivos passaram, na verdade, por um processo de conversão, ou derivação imprópria, e se diferem, portanto, de substantivos formados pelo sufixo -al responsável pela formação de substantivos, como é o caso de ‘arrozal’, ‘milharal’, ‘cafezal’ e outros. Há, portanto, em português, dois sufixos com mesma configuração morfêmica e fonêmica, no entanto, semanticamente, eles são diferentes e, por isso, formam classes de palavras diferentes, com propriedades semânticas distintas. Enquanto o sufixo formador de adjetivos X-al tem o sentido de relativo a X, podendo ser X um substantivo concreto ou abstrato, o sufixo formador de substantivos X-al tem o sentido de conjunto de X, sendo X um substantivo concreto. Sendo assim, para os vocábulos encontrados no *corpus* deste trabalho, temos a seguinte RFP vigente:

(1) RFP: [X]_{subs} > [[X] al]_{adje} “relativo a X”

Do ponto de vista morfofonológico, diferentes processos podem ser identificados diante da adjunção do sufixo -al, sendo eles:

- A. O alçamento da vogal final ‘o’ para ‘u’ diante de -al (‘anual’, ‘conceitual’, ‘habitual’ e ‘sexual’);
- B. A evidência da base latina da palavra de origem, como em ‘educação’ > ‘educacional’, de base latina *educatio*, e ‘exceção’ > ‘excepcional’, de base latina *exceptio*, -onis;
- C. Apagamento da vogal temática (‘mortal’, ‘musical’, ‘mental’, ‘digital’);
- D. Crase com a vogal temática (‘cultural’, ‘visceral’);
- E. Alçamento da VT de ‘a’ para ‘i’ (‘racial’).

Há, ainda, o caso do vocábulo ‘principal’, em que não foi possível recuperar uma base sincrônica. Sua origem está na forma latina *principalis*. A mudança da base nos casos dos vocábulo ‘vocal’ e ‘temporal’ também tem explicação diacrônica, nas formas latinas *vocem* e *temporalis*.

5.3 Vocábulo formado em -ância/-ência e -ança

Os sufixos -ância/-ência e -ança são conhecidos por formarem substantivos femininos a partir de bases verbais. Enquanto -ância e -ança juntam-se a temas verbais da primeira conjugação, -ência aparece junto de temas verbais da segunda e terceira conjugações. Há, também, a forma -ença, formadora de ‘crença’, por exemplo, e que também se junta a bases verbais da primeira e da segunda conjugação, mas nenhuma ocorrência com esse sufixo foi encontrada no *corpus*. Passemos aos exemplos:

Quadro 10 - Derivação sufixal em -ância/-ência e -ança

Vocábulo	Processo de formação
andança	[[anda] _{verbo} + [ança] _{suf}] _{subs}
coerência	[[coeri] _{verbo} + [ência] _{suf}] _{subs}
concorrência	[[concorre] _{verbo} + [ência] _{suf}] _{subs}
confiança	[[confia] _{verbo} + [ança] _{suf}] _{subs}
efervescência	[[efervesce] _{verbo} + [ência] _{suf}] _{subs}
esperança	[[espera] _{verbo} + [ança] _{suf}] _{subs}
exigência	[[exigi] _{verbo} + [ência] _{suf}] _{subs}
existência	[[existi] _{verbo} + [ência] _{suf}] _{subs}
herança	[[herda] _{verbo} + [ança] _{suf}] _{subs}
ignorância	[[ignora] _{verbo} + [ância] _{suf}] _{subs}
influência	[[influi] _{verbo} + [ência] _{suf}] _{subs}
lembrança	[[lembra] _{verbo} + [ança] _{suf}] _{subs}

mudança	[[muda] _{verbo} + [ança] _{suf}] _{subs}
resistência	[[resisti] _{verbo} + [ência] _{suf}] _{subs}
tendência	[[tende] _{verbo} + [ência] _{suf}] _{subs}
vingança	[[vinga] _{verbo} + [ança] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria

Em um estudo diacrônico aprofundado, Lacotiz (2014, p. 308-334) propõe sete divisões semântico-categoriais das quais fazem parte os vocábulos formados a partir dos sufixos em questão. No entanto, para os objetivos deste trabalho, vale lembrar que não se pretende fazer uma análise diacrônica exaustiva da evolução desses vocábulos, mas sim analisar seu comportamento morfofonológico sincronicamente. Sendo assim, compete-nos observar que as formações a partir dessa RFP dão nome ao processo/ação ou ao resultado/produto da ação do verbo que têm como base. Dessa forma, podemos propor a seguinte RFP para esses sufixos:

(2) RFP: [X]_{verbo} > [[X] ância/ança]_{subs} “processo/resultado/produto de X”

No nível morfofonológico, podemos verificar a queda da vogal temática da base verbal se considerarmos que os sufixos começam, de fato com as vogais /a/ e /e/. Se pensarmos, no entanto, que os sufixos são, na verdade, -ncia e -nça, não temos processos morfofonológicos desencadeados diante de bases de primeira e segunda conjugação (com exceção de ‘herança’, que será comentado a seguir); nesse caso, apenas as bases de terceira conjugação apresentam abaixamento da vogal temática, de /i/ para /e/, diante da nasal /N/. Porém, segundo Lacotiz (2014, p. 308), “[O]s sufixos -ança/-ença, -ância/-ência, em português, procederam de -antia/-entia latinos” e fazem parte da “extensão -ntia” (p. 310), portanto, consideramos os sufixos iniciados por vogal.

No caso do substantivo ‘herança’, podemos observar a ocorrência de haplologia: [herda] + [ança] > *herdança > herança. Como veremos na seção 6, a consoante /d/ possui traços em comum com a consoante do sufixo, /s/, o que pode explicar a haplologia pela ação do PCO (Princípio do Contorno Obrigatório).

5.4 Vocábulos formados em -ano

De 7 adjetivos formados por meio de derivação sufixal em -ano, 5 deles são adjetivos pátrios. Para além do *corpus* deste trabalho, também é possível verificar que esse sufixo é bastante produtivo na formação de gentílicos pelo grande número de exemplos que podem ser citados (‘angolano’, ‘boliviano’, ‘coreano’, ‘mexicano’ etc).

Quadro 11- Derivação sufixal em -ano

Vocábulo	Processo de formação
cubano	[[Cuba] _{subs} + [ano] _{suf}] _{adje}
iraniano	[[Irã] _{subs} + [ano] _{suf}] _{adje}
italiano	[[Itália] _{subs} + [ano] _{suf}] _{adje}
mediano	[[médio] _{adje*} + [ano] _{suf}] _{adje}
metropolitano	[[metrópole] _{subs} + [ano] _{suf}] _{adje}
nigeriano	[[Nigéria] _{subs} + [ano] _{suf}] _{adje}
peruano	[[Peru] _{subs} + [ano] _{suf}] _{adje}

Fonte: elaboração própria

Todos os adjetivos gentílicos têm como base o nome do país de origem e os outros 2 adjetivos formados em -ano também possuem bases substantivas. Dessa forma, podemos pensar na seguinte RFP:

(3) RFP: [X]_{subs} > [[X] ano]_{adje} “relacionado a/originário de X”

Para os substantivos de vogal temática ‘a’, pode-se observar a crase da vogal da base com a vogal inicial do sufixo. Já a base ‘Peru’ (palavra oxítona terminada em vogal) é atemática e formou um hiato com a vogal inicial do sufixo, o que, como vimos na adjunção de outros sufixos iniciados em vogal, não é comum. Além disso, o traço nasal na base ‘Irã’ (/i.’raN/) se estendeu para compor o ataque da sílaba formada pela inserção da vogal /i/ antes do sufixo -ano. Já no vocábulo ‘metropolitano’, temos a presença do alomorfe -tano, iniciado por consoante para evitar a formação de um hiato no produto.

5.5 Vocábulos formados em -ão

O sufixo -ão é bastante conhecido por formar substantivos ou adjetivos no aumentativo em português. Essa característica semântica pode ser observada em 2 dos 5 vocábulos encontrados com esse sufixo no *corpus* deste trabalho.

Quadro 12 - Derivação sufixal em -ão

Vocábulo	Processo de formação
bolão	[[bola] _{subs} + [ão] _{suf}] _{subs}
telona	[[tela] _{subs} + [ão] _{suf}] _{subs} + flexão

Fonte: elaboração própria

No caso de ‘bolão’, o sufixo foi adicionado à base ‘bola’ e aparece com o sentido conotativo de “aposta de diversas pessoas em uma competição” e não exatamente com o sentido de uma bola grande. Já na formação ‘telona’, é possível recuperar o sufixo aumentativo -ão (‘telão’) depois de sofrer flexão de gênero. Hoje, as duas flexões estão lexicalizadas e significam coisas diferentes: ‘telão’ é, de fato, uma tela grande, enquanto ‘telona’ é um substantivo que remete a ‘cinema’, ou seja, é usado com sinônimo de ‘cinema’. Nesses dois casos, o sufixo forma substantivos a partir de outros substantivos, ou seja, não é responsável por mudanças de categoria gramatical.

Os outros 3 casos de formações em -ão não remetem ao sentido aumentativo: o substantivo ‘cristão’ denota “aquele que professa religião em Cristo” e tem como base a palavra ‘Cristo’; enquanto ‘opinião’ e ‘reunião’ são substantivos formados a partir de bases verbais, sendo elas ‘opinar’ e ‘reunir’, respectivamente. Por isso, não é possível afirmar que o mesmo sufixo -ão é responsável por todas essas formações, uma vez que elas apresentam produtos de significados distintos, além de não apresentarem bases de mesma categoria, ou seja, não correspondem à mesma RFP.

A derivação sufixal também apresentou a formação de um neologismo, o adjetivo ‘boladona’ (ou ‘boladão’, sem flexão de gênero), formado a partir do adjetivo ‘bolado’, que na linguagem informal designa “aquele que sente preocupação ou irritação”. A princípio, o significado do novo adjetivo parece ser o mesmo, apenas com uma intensidade maior, o que indica que essa nova formação surgiu por motivos de efeito discursivo. Assim como o sufixo -ão responsável pela formação de aumentativos, no caso de ‘boladona’ não houve mudança na categoria gramatical da base.

5.6 Vocábulos formados em -ar

Ao pensar no sufixo -ar, associamos rapidamente sua produtividade à formação de verbos no português. No entanto, há um outro sufixo -ar, nominal, que é responsável pela formação de adjetivos a partir de substantivos, designando relação.

Foram encontrados três adjetivos formados por meio da derivação sufixal em -ar. Eles são formados a partir de bases substantivas e representam apenas 0,5% das formações do *corpus*.

Quadro 13 - Derivação sufixal em -ar

Vocábulo	Processo de formação
espetacular	[[espetáculo] _{subs} + [ar] _{suf}] _{adje}
peculiar	[[pecúlio] _{subs} + [ar] _{suf}] _{adje}
peninsular	[[península] _{subs} + [ar] _{suf}] _{adje}

Fonte: elaboração própria

A RFP correspondente a esses vocábulos pode ser assim representada:

(4) RFP: [X]_{subs} > [[X]_{subs} ar]_{adje} “que tem característica de X”

Nos 3 exemplos aqui mostrados, é possível perceber a queda do segmento vocálico final das bases diante da adjunção do sufixo -ar, iniciado também por segmento vocálico, o que corrobora o padrão de rejeição da formação de hiatos no português brasileiro atual.

5.7 Vocábulos formados em -ário

O sufixo -ário mostrou-se produtivo diante de bases substantivas, com exceção dos vocábulos ‘comentário’ e ‘documentário’, que acreditamos ter como base os temas dos verbos ‘comentar’ e ‘documentar’, respectivamente. Observando o quadro a seguir, é possível perceber que 9 das 14 formações em -ário tiveram substantivos como produtos:

Quadro 14 - Derivação sufixal em -ário

Vocábulo	Processo de formação
cenário	[[cena] _{subs} + [ário] _{suf}] _{subs}
comentário	[[comenta] _{verbo} + [ário] _{suf}] _{subs}
confessionário	[[confissão] _{subs} + [ário] _{suf}] _{subs}
diário	[[dia] _{subs} + [ário] _{suf}] _{adje}
documentário	[[documenta] _{verbo} + [ário] _{suf}] _{subs}
empresário	[[empresa] _{subs} + [ário] _{suf}] _{subs}
estagiário	[[estágio] _{subs} + [ário] _{suf}] _{subs}
funcionário	[[função] _{subs} + [ário] _{suf}] _{subs}
latifundiário	[[latifúndio] _{subs} + [ário] _{suf}] _{subs}
lendário	[[lenda] _{subs} + [ário] _{suf}] _{adje}
minoritário	[[minoria] _{subs} + [ário] _{suf}] _{adje}
orçamentário	[[orçamento] _{subs} + [ário] _{suf}] _{adje}
revolucionário	[[revolução] _{subs} + [ário] _{suf}] _{adje}
usuário	[[uso] _{subs} + [ário] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria

Souza (2006, p. 29), em um estudo mais aprofundado sobre o sufixo -ário, divide as formações encontradas em 7 grupos de afinidade semântica: objeto, adjetivo, locativo, agente profissional, agente circunstancial⁵¹, beneficiário e classificador zoológico. De acordo com essa classificação, o *corpus* deste trabalho apresenta exemplos de adjetivos (diário, lendário, minoritário, orçamentário e revolucionário), agente profissional (empresário, estagiário, funcionário, latifundiário), agente circunstancial (usuário) e locativo (cenário, confessionário).

Temos ainda os vocábulos ‘comentário’ e ‘documentário’, que parecem não se encaixar em nenhuma das categorias semânticas propostas por Souza. Além disso, eles se mostram como resultado das ações de comentar e documentar, respectivamente. E, por mais que o vocábulo ‘documentário’ possa exercer a função de adjetivo, no contexto em que foi

⁵¹ Segundo a autora, “diferentemente do grupo agente profissional, este designa atividades de caráter transitório e uma condição marcada pela circunstância” (SOUZA, 2006, p. 38).

coletado, apresenta-se como substantivo⁵²: “filme de caráter informativo, didático ou de divulgação”⁵³.

Além dos 14 vocábulos formados por derivação sufixal em -ário, foram encontrados mais 3 vocábulos que apresentam essa mesma terminação, mas cuja origem só pode ser recuperada de maneira diacrônica. São eles o adjetivo ‘hilário’, de origem latina *hilaris*, o adjetivo ‘majoritário’, empréstimo do francês *majoritaire*, e o adjetivo ‘solitário’, também de origem latina *solitarius*.

5.8 Vocábulos formados em -ato, -ado e -ada

Segundo Sandmann (1989, p. 37), os sufixos -ado e -ato são responsáveis pela formação de substantivos abstratos. E, apesar de Sandmann estar olhando para um *corpus* bastante pequeno correspondente a esse sufixo em sua obra (ele menciona apenas a palavra ‘campesinato’), pode-se observar outra semelhança entre os sufixos -ato e -ado no *corpus* deste trabalho: ambos formam substantivos a partir de outros substantivos, com exceção da formação ‘novato’, que está presente no *corpus* na função de substantivo⁵⁴, mas foi formada a partir da base adjetival ‘novo’, como pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 15 - Derivação sufixal em -ato

Vocábulo	Processo de formação
assassinato	[[assassino] _{subs} + [ato] _{suf}] _{subs}
campeonato	[[campeão] _{subs} + [ato] _{suf}] _{subs}
estrelato	[[estrela] _{subs} + [ato] _{suf}] _{subs}
formato	[[forma] _{subs} + [ato] _{suf}] _{subs}
novato	[[novo] _{adje} * + [ato] _{suf}] _{subs}
sindicato	[[sindicó] _{subs} + [ato] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria

⁵²“A Première Brasil vem, ao todo, com 25 filmes em sua tradicional competição: nove ficções, oito documentários e oito ficções na mostra Novos Rumos.” (ADOROCINEMA, 2019).

⁵³ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/document%C3%A1rio>. Acesso em: 15 mai. 2021.

⁵⁴“Num ano onde a tradicional American Horror Story foi desqualificada do gênero, Sharp Objects e Escape at Dannemora disputavam a estatueta, mas a atenção dos votantes foi voltada para dois novatos na disputa”. (VIANNA, 2019b).

Observemos também o quadro da derivação sufixal em -ado:

Quadro 16 - Derivação sufixal em -ado

Vocábulo	Processo de formação
aprendizado	[[aprendiz] _{subs} + [ado] _{suf}] _{subs}
patriarcado	[[patriarca] _{subs} + [ado] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria

Diante da adjunção de ambos os sufixos, foi possível observar a supressão das vogais temáticas da base, ou mesmo crase no caso de vogal temática ‘a’ (‘estrelato’) e, no caso de ‘campeonato’, o espraçamento do traço nasal do ditongo final em ‘campeão’ para a primeira sílaba do sufixo.

Nesta subseção, também chamamos atenção para o sufixo -ada, que, apesar de pouco produtivo, mostrou características parecidas com as de -ato e -ado: forma substantivos a partir de substantivos, como pode ser visto no quadro a seguir:

Quadro 17 - Derivação sufixal em -ada

Vocábulo	Processo de formação
barbada	[[barba] _{subs} + [ada] _{suf}] _{subs}
risada	[[riso] _{subs} + [ada] _{suf}] _{subs}
temporada	[[tempo*] _{subs} + [ada] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria

Apesar de ter um sentido denotativo de “beijo inferior do cavalo”, o substantivo ‘barbada’ aparece no texto com o sentido conotativo de “páreo fácil, jogo fácil de ganhar”⁵⁵. Os processos de supressão ou crase da vogal temática também são correntes na adjunção do sufixo -ada, com exceção do vocábulo ‘temporada’, que tem como base um alomorfe do radical, tempor-, que gera também ‘temporal’, por exemplo. Esse alomorfe tem origem na flexão *temp-oris* do latim⁵⁶.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/barbada/>. Acesso em: 15 mai. 2021.

⁵⁶ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/tempo>. Acesso em: 15 mai. 2021.

5.9 Vocábulos formados em -ção

O sufixo mais produtivo na formação de substantivos dentro deste *corpus* foi o sufixo -ção (/sawN/) e seu alomorfe -são (/zawN/). Ele foi responsável pela formação de 104 vocábulos, representando 17,5% das derivações sufixais. A seguir, temos o quadro representativo desses vocábulos, disposto em 4 colunas, e não apenas 2, devido à sua extensão:

Quadro 18 - Derivação sufixal em -ção

Vocábulo	Processo de formação	Vocábulo	Processo de formação
adaptação	[[adapta] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	imersão	[[imergi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
aflição	[[afligi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	inclusão	[[inclui] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
alienação	[[aliena] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	indicação	[[indica] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
alucinação	[[alucina] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	indignação	[[indigna] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
ambientação	[[ambienta] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	informação	[[informa] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
animação	[[anima] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	inovação	[[inova] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
apresentação	[[apresenta] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	inscrição	[[inscreve] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
apropriação	[[apropria] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	interpretação	[[interpreta] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
aprovação	[[aprova] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	investigação	[[investiga] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
ascensão	[[ascende] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	ligação	[[liga] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
aspiração	[[aspira] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	manifestação	[[manifesta] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
associação	[[associa] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	manipulação	[[manipula] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
atenção	[[atenta] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	manutenção	[[mante] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
atuação	[[atua] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	menstruação	[[menstrua] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
avaliação	[[avalia] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	nomeação	[[nomea] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
aviação	[[avia] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	obstinação	[[obstina] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
caracterização	[[caracteriza] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	ocupação	[[ocupa] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
celebração	[[celebra] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	opressão	[[oprimi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
colaboração	[[colabora] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	organização	[[organiza] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
competição	[[competi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	participação	[[participa] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
composição	[[compo] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	percepção	[[percebe] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
compreensão	[[compreende] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	precarização	[[precariza] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
conclusão	[[conclui] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	premiação	[[premia] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
condição	[[condize] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	preservação	[[preserva] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
condução	[[conduzi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	pretensão	[[pretende] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
confeção	[[confecciona] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	previsão	[[preve] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}

confirmação	[[confirma] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	prisão	[[prende] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
confusão	[[confundi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	produção	[[produzi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
conotação	[[conota] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	programação	[[programa] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
continuação	[[continua] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	proibição	[[proibi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
convicção	[[convence] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	projeção	[[projeta] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
cooptação	[[coopta] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	reação	[[reagi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
decisão	[[decidi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	reconciliação	[[reconcilia] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
decoração	[[decora] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	redação	[[redigi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
dedicação	[[dedica] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	reflexão	[[refleti] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
denominação	[[denomina] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	renovação	[[renova] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
direção	[[dirigi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	repercussão	[[repercuti] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
discussão	[[discuti] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	representação	[[representa] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
diversão	[[diverti] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	reputação	[[reputa] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
divisão	[[dividi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	resolução	[[resolve] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
duração	[[dura] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	revelação	[[revela] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
edição	[[edita] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	revolução	[[revolve] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
empolgação	[[empolga] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	sensação	[[senti] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
exceção	[[excede] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	separação	[[separa] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
exibição	[[exibi] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	situação	[[situa] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
exposição	[[expor] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	subversão	[[subverte] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
expressão	[[expressa] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	tentação	[[tenta] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
finalização	[[finaliza] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	terceirização	[[terceiriza] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
fiscalização	[[fiscaliza] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	transformação	[[transforma] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
geração	[[gera] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	transição	[[transita] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
gravação	[[grava] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	transmissão	[[transmiti] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}
iluminação	[[ilumina] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}	visão	[[ver] _{verbo} + [ção] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria

A RFP de que faz parte esse sufixo pode ser assim representada:

(5) RFP: [X]_{verbo} > [[X]_{verbo} ção]_{subs} “ato de X”

Diante da sua alta produtividade, a formação com sufixo -ção também desencadeia variados processos morfofonológicos. Por se tratar de um sufixo iniciado por consoante, não

há muitos casos de queda da vogal temática, como observamos em outros tipos de formação, portanto, o processo morfofonológico mais comum desencadeado foi a haplologia.

Essa recorrência já foi observada em outros trabalhos, como Silva (2017, p. 105), que afirma que a haplologia foi “o processo mais comum na formação dos substantivos deverbiais com o sufixo -s/ção, correspondendo a um total de, aproximadamente, 60% das ocorrências formadas com este sufixo”. No *corpus* deste trabalho, esse processo foi desencadeado em 29 de 104 vocábulos, acontecendo em 28% dos casos.

Podemos observar que a maioria das bases verbais que passam pelo processo de haplologia quando da sufixação em -s/ção são da terceira conjugação (-ir), com 15 dos 29 vocábulos. Esse padrão também foi apontado por Silva (2017, p. 108):

Com as tabelas 3.5 e 3.6 e os gráficos 3.3 e 3.4, que apresentam informações referentes às ocorrências coletadas nos jornais de Araxá-MG e Araraquara-SP, podemos perceber que a Haplologia simples, em que ocorre somente o apagamento da última sílaba da base verbal quando esta se une ao sufixo -s/ção para formar os substantivos verbais, afeta os substantivos formados a partir de bases dos verbos das três conjugações (-ar, -er e -ir), **sendo maior o número de ocorrências nos substantivos derivados de verbos da terceira conjugação.** (Grifo nosso).

As sílabas das bases verbais que sofrem haplologia são formadas, em sua maioria, pelas consoantes /t/ ([subverte] + [ção]), /d/ ([dividi] + [ção]) e /ʒ/ ([dirigi] + [ção]). Como será visto mais à frente, na seção 6 essas consoantes possuem alguns traços em comum com a consoante /s/, presente no ataque do sufixo -ção, o que pode explicar o processo desencadeado pela ação do PCO (Princípio do Contorno Obrigatório).

Além de casos de haplologia, há também casos de alteração (1) na vogal temática, como em ‘conclusão’ ([conclui] + [ção] > *concluisão > conclusão) ou (2) na vogal que antecede o sufixo, depois da haplologia, como em ‘direção’ ([dirigi] + [ção] > *dirigisão > *dirição > direção). No processo já descrito por Silva (2017, p. 133), temos que:

[...] os processos que ocorrem nas vogais da sílaba da base verbal, anteriores ao sufixo, após a haplologia, são distintos nas três conjugações. Nos substantivos formados a partir de verbos da primeira e da segunda conjugações, além da haplologia, ocorre, principalmente, o alteamento da vogal do radical [...]

Dentre os exemplos deste *corpus*, além de ‘direção’, podemos citar ‘inscrição’ ([inscreve] + [ção] > *inscreveção > *inscreção > inscrição). Já no caso de substantivos

formados a partir de verbos da terceira conjugação, o que observamos é a haplologia combinada à desnasalização, como em ‘confusão’ ([confundi] + [ção] > *confundição > *confusão > confusão) ou junto do abaixamento da vogal da base, como em ‘redação’ ([redigi] + [ção] > *redigição > *redição > redação).

Há, ainda, um caso de haplologia, junto de desnasalização e alteamento da vogal da base, representado por ‘prisão’ ([prende] + [ção] > *prendeção > *prensão > *presão > prisão).

Também chamamos atenção para os casos que parecem ser de inserção de uma sílaba, nos exemplos ‘exposição’, ‘composição’ e ‘sensação’ (depois da haplologia). No entanto, o que acontece nos três casos é alomorfia na base verbal. Em ‘expor’ e ‘compor’, temos a raiz ‘por’ que tem como alomorfe a forma ‘pus’, presente em formas conjugadas do verbo:

(6) ‘pus’, ‘puseste’, ‘pôs’, ‘pusemos’, ‘puseram’, ‘puseram’

Silva (2017, p. 116) comenta que “podemos, também, afirmar que o radical usado nessa derivação com -ção é o alomorfe pos-, o que geraria o tema ‘pose’, sendo a regra, portanto, [pose] + [ção]_{suf} → [poseção]_{subst}.”. Diante do alteamento da vogal temática, comum para bases verbais de segunda conjugação, teríamos, então, ‘exposição’ e ‘composição’. Em ‘sensação’, com a base verbal ‘sentir’, vemos o alomorfe sens-, comumente presente em formas nominais, como ‘sensor’ e ‘sensual’, por exemplo.

É preciso comentar, também, o caso de ‘previsão’, em que não ocorre haplologia, mas ocorre o alçamento da vogal temática: [preve] + [ção] > *prevesão > previsão. Câmara Jr. (1989 [1970], p. 103) explica que os verbos de segunda e terceira conjugação pertenciam, no sistema verbal do latim, a uma mesma classe, em oposição à classe dos verbos de primeira conjugação. Portanto, essa alternância entre as vogais /i/ e /e/ pode ser percebida não só nas formas conjugadas dos verbos ‘ver’ e seus derivados ‘prever’, mas também nas formas nominais derivadas dessa raiz (‘visão’, ‘previsão’ etc.), além de outros verbos.

Na formação de ‘percepção’ ocorre o apagamento da vogal temática [e], do verbo ‘perceber’, e a consoante [b] sofre o processo de desvozeamento, perdendo o traço [+voz], transformando-se em [p].

Por fim, nos casos de ‘reflexão’, ‘revolução’, ‘resolução’ e ‘manutenção’, temos mudanças na base que não parecem ter origem em uma motivação fonológica sincrônica, mas sim serem uma herança dos radicais latinos. No caso de ‘reflexão’, não temos mais a consoante ‘t’ da base verbal refleti-, mas sim a consoante [k], que se realiza ortograficamente

como ‘x’. Essa consoante está presente no radical latino do verbo *reflectĕre* e se manifesta em outras formações desse paradigma, como ‘reflexo’, por exemplo. A vogal /u/ presente em ‘manutenção’ e não presente na base verbal mante- também tem sua origem no radical latino do verbo *manutenĕre*, e o mesmo parece ser verdade para a vogal /u/ presente nos vocábulos ‘revolução’ e ‘resolução’, mas ausente nas bases verbais revolve- e resolve-, e que poder ser observado nas formas latinas desses mesmos vocábulos: *revolutionis* e *resolutionis*.

Já em relação à semântica das formações, chamamos atenção para o vocábulo ‘aviação’, que morfologicamente tem como base o verbo ‘aviar’, cujo sentido é “1. Preparar, despachar. 2. Pôr em estado de empreender caminho ou ir-se embora. 3. Fazer, executar, aprontar”⁵⁷. Tal sentido não se reflete mais nas formações derivadas dessa base, como ‘aviação’ e ‘aviador’, por exemplo, que o falante tende a relacionar diretamente com ‘avião’. No entanto, não podemos afirmar que ‘avião’ seja a base de origem nesse caso, pois isso não corresponde à RFP operante, que exige um verbo na base.

5.10 Vocábulos formados em -do

Enquanto verificamos o sufixo -ção como o mais produtivo na formação de substantivos, pudemos observar também que o tipo de formação mais produtiva em relação a adjetivos foi por meio do particípio passado de verbos, ou do sufixo -do.

Autores como Kehdi (2004, p. 33) consideram -do uma desinência verbal da forma do particípio passado dos verbos. Contudo, o próprio particípio é considerado uma forma “verbo-nominal”, segundo o próprio autor, ou seja, apesar de ser formalmente considerada uma flexão verbal, essa forma comporta-se, muitas vezes, como um adjetivo (classe nominal), por acompanhar diretamente o núcleo de um sintagma nominal e dar-lhe uma característica – função dos adjetivos. Ademais, essa forma verbo-nominal é a única que pode sofrer flexão de gênero, algo que não é típico da classe dos verbos. Por isso, todos os particípios passados encontrados na função de adjetivos foram levados em consideração no *corpus*. Essa mesma recorrência foi verificada por Mielo (2018, p. 90), ao analisar a formação de adjetivos no português arcaico.

É importante ressaltar que esse sufixo é diferente dos sufixos -ado e -ada, mostrados na subseção 5.8, que formam substantivos a partir de bases nominais.

⁵⁷ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/aviar>. Acesso em: 20 jan. 2022.

Além disso, entre os 100 vocábulos formados a partir da adjunção de -do, foram encontrados 10 vocábulos com a função de substantivos, sendo eles:

- (7) ‘chegada’, ‘chorada’, ‘cuidado’, ‘despedida’, ‘emboscada’, ‘guinada’, ‘ocorrido’, ‘repaginada’, ‘resultado’ e ‘virada’

Esses vocábulos já se lexicalizaram como substantivos, e recuperar sua base verbal não é um processo que acontece naturalmente para o falante. É o caso de ‘chegada’, por exemplo, que mesmo em sua entrada no dicionário tem como primeira categorização ‘substantivo feminino’, para logo em seguida ser definido como “ato de chegar”.

Em uma perspectiva diacrônica, Becker (2014, p. 133) coloca esse tipo de formação como produto do sufixo -ada, dentro do subpadrão semântico de “ação (ou efeito de V)”. Alguns exemplos citados pelo autor, como ‘tesourada’, parecem realmente ter como base um objeto, ou seja, um substantivo, e carregam o sentido de golpe. Porém, outros exemplos, como ‘trotada’, segundo o próprio autor, significam “ato ou efeito de V”. Nesses casos, assim como nos casos encontrados no nosso *corpus*, acreditamos estar diante da formação em -do, que originalmente é vista como uma flexão verbal, mas que forma vocábulos hoje lexicalizados em classes distantes dos verbos (como substantivos).

Vejamos os vocábulos que foram formados a partir de -do:

Quadro 19 - Derivação sufixal em -do

Vocábulo	Processo de formação	Vocábulo	Processo de formação
acessado	[[acessa] _{verbo} + [do] _{suf} adje	escondido	[[esconde] _{verbo} + [do] _{suf} adje
acirrado	[[acirra] _{verbo} + [do] _{suf} adje	escrachado	[[escracha] _{verbo} + [do] _{suf} adje
aclamado	[[aclama] _{verbo} + [do] _{suf} adje	esnobada	[[esnoba] _{verbo} + [do] _{suf} adje
aguardado	[[aguarda] _{verbo} + [do] _{suf} adje	esperado	[[espera] _{verbo} + [do] _{suf} adje
aliado	[[alia] _{verbo} + [do] _{suf} adje	estendido	[[estende] _{verbo} + [do] _{suf} adje
amado	[[ama] _{verbo} + [do] _{suf} adje	estrelado	[[estrela] _{verbo} + [do] _{suf} adje
animado	[[anima] _{verbo} + [do] _{suf} adje	estruturado	[[estrutura] _{verbo} + [do] _{suf} adje
apaixonado	[[apaixona] _{verbo} + [do] _{suf} adje	exibido	[[exibi] _{verbo} + [do] _{suf} adje
atarefado	[[atarefa] _{verbo} + [do] _{suf} adje	explorado	[[explora] _{verbo} + [do] _{suf} adje
atualizado	[[atualiza] _{verbo} + [do] _{suf} adje	extrovertido	[[extroverti] _{verbo} + [do] _{suf} adje
badalado	[[badala] _{verbo} + [do] _{suf} adje	falecido	[[falece] _{verbo} + [do] _{suf} adje
baseado	[[basea] _{verbo} + [do] _{suf} adje	forçado	[[força] _{verbo} + [do] _{suf} adje

beneficiada	[[beneficia] _{verbo} + [do] _{suf} adje	gerado	[[gera] _{verbo} + [do] _{suf} adje
calçado	[[calca] _{verbo} + [do] _{suf} adje	globalizado	[[globaliza] _{verbo} + [do] _{suf} adje
cansado	[[cansa] _{verbo} + [do] _{suf} adje	impedido	[[impede] _{verbo} + [do] _{suf} adje
caprichado	[[capricha] _{verbo} + [do] _{suf} adje	indicado	[[indica] _{verbo} + [do] _{suf} adje
carregado	[[carrega] _{verbo} + [do] _{suf} adje	influenciado	[[influencia] _{verbo} + [do] _{suf} adje
computadorizado	[[computadoriza] + [do] _{suf} adje	inspirado	[[inspira] _{verbo} + [do] _{suf} adje
confrontado	[[confronta] _{verbo} + [do] _{suf} adje	lançado	[[lança] _{verbo} + [do] _{suf} adje
conhecido	[[conhece] _{verbo} + [do] _{suf} adje	merecido	[[merece] _{verbo} + [do] _{suf} adje
consagrado	[[consagra] _{verbo} + [do] _{suf} adje	mostrado	[[mostra] _{verbo} + [do] _{suf} adje
considerado	[[considera] _{verbo} + [do] _{suf} adje	partido	[[parti] _{verbo} + [do] _{suf} adje
contrastada	[[contrasta] _{verbo} + [do] _{suf} adje	passado	[[passa] _{verbo} + [do] _{suf} adje
conturbado	[[conturba] _{verbo} + [do] _{suf} adje	pautado	[[pauta] _{verbo} + [do] _{suf} adje
convidado	[[convida] _{verbo} + [do] _{suf} adje	perturbado	[[perturba] _{verbo} + [do] _{suf} adje
cotado	[[cota] _{verbo} + [do] _{suf} adje	pesado	[[pesa] _{verbo} + [do] _{suf} adje
criado	[[cria] _{verbo} + [do] _{suf} adje	premiado	[[premia] _{verbo} + [do] _{suf} adje
dedicado	[[dedica] _{verbo} + [do] _{suf} adje	privado	[[priva] _{verbo} + [do] _{suf} adje
destruído	[[destrui] _{verbo} + [do] _{suf} adje	privilegiado	[[privilegia] _{verbo} + [do] _{suf} adje
determinado	[[determina] _{verbo} + [do] _{suf} adje	prolongado	[[prolonga] _{verbo} + [do] _{suf} adje
dirigido	[[dirigi] _{verbo} + [do] _{suf} adje	protegido	[[protege] _{verbo} + [do] _{suf} adje
disputado	[[disputa] _{verbo} + [do] _{suf} adje	querido	[[quere] _{verbo} + [do] _{suf} adje
divertido	[[diverti] _{verbo} + [do] _{suf} adje	recebido	[[recebe] _{verbo} + [do] _{suf} adje
dominado	[[domina] _{verbo} + [do] _{suf} adje	registrado	[[registra] _{verbo} + [do] _{suf} adje
dotado	[[dota] _{verbo} + [do] _{suf} adje	reunido	[[reuni] _{verbo} + [do] _{suf} adje
dourado	[[doura] _{verbo} + [do] _{suf} adje	revoltado	[[revolta] _{verbo} + [do] _{suf} adje
elogiado	[[elogia] _{verbo} + [do] _{suf} adje	selecionado	[[seleciona] _{verbo} + [do] _{suf} adje
embasado	[[embasa] _{verbo} + [do] _{suf} adje	sentado	[[senta] _{verbo} + [do] _{suf} adje
empoderado	[[empodera] _{verbo} + [do] _{suf} adje	separado	[[separa] _{verbo} + [do] _{suf} adje
endereçado	[[endereça] _{verbo} + [do] _{suf} adje	situado	[[situa] _{verbo} + [do] _{suf} adje
enfraquecido	[[enfraquece] _{verbo} + [do] _{suf} adje	sofrido	[[sofre] _{verbo} + [do] _{suf} adje
enfrentado	[[enfrenta] _{verbo} + [do] _{suf} adje	subestimada	[[subestima] _{verbo} + [do] _{suf} adje
entediado	[[entedia] _{verbo} + [do] _{suf} adje	sugerido	[[sugere] _{verbo} + [do] _{suf} adje
entoado	[[entoa] _{verbo} + [do] _{suf} adje	terceirizado	[[terceiriza] _{verbo} + [do] _{suf} adje
errado	[[erra] _{verbo} + [do] _{suf} adje	variado	[[varia] _{verbo} + [do] _{suf} adje

Fonte: elaboração própria.

Podemos perceber que o sufixo -do, por começar com uma consoante, não desencadeia muitos processos morfofonológicos diante das bases verbais a que é justaposto. Notamos, no entanto, que verbos da segunda conjugação têm sua vogal temática alçada, de /e/ para /i/, fenômeno já observado na justaposição do sufixo -s/ção, na subseção anterior, e que se manifesta em vocábulos como ‘conhecido’, ‘enfraquecido’, ‘protegido’, ‘sofrido’ e outros.

Além disso, podemos observar certa consistência na semântica que acompanha as formações em -do, isso muito provavelmente por conta de seu caráter flexional. Sendo assim, pode-se dizer que estamos diante da seguinte RFP neste caso:

(8) RFP: $[X]_{\text{verbo}} > [[X]_{\text{verbo}} \text{ do}]_{\text{adje}}$ “que/quem passou pela ação de X”

Aqui abrimos espaço para comentarmos sobre o caso do vocábulo ‘gélido’: como único exemplo desse tipo encontrado, foi necessário fazer uma comparação com outros adjetivos de mesma terminação (-ido), sendo, alguns deles, ‘fétido’, ‘pálido’ e ‘sólido’, por exemplo. Por mais que seja possível pensar, sincronicamente, na base ‘gelo’ e no sufixo -ido formando o adjetivo ‘gélido’, não é possível fazer o mesmo para os outros adjetivos semelhantes. Sendo assim, consideramos -ido, sincronicamente, como uma terminação que foi herdada do latim, não integrante de uma RFP produtiva no PB hoje, o que se confere ao resgataremos as formas de origem dos adjetivos em questão: *foetīdus*, *pallīdus*, *solīdus* e *gelīdus*.

O sufixo -do também foi responsável por duas formações neológicas: ‘serializada’ e ‘oscarizado’, com base nos verbos ‘serializar’ (presente no dicionário) e ‘oscarizar’ (não dicionarizado). O adjetivo ‘serializada’ caracteriza algo que foi colocado em formato de série ou tornou-se serial, enquanto ‘oscarizado’ refere-se a atuantes da indústria do cinema que já receberam um Oscar. Apesar de não dicionarizada, essa forma mostrou-se comum no contexto do *blog* AdoroCinema, uma vez que encontramos também a forma ‘recém-oscarizado’, formada a partir desse participio. Isso indica que os leitores se apropriam da RAE que coloca ‘oscarizado’ em comparação com outras formas de mesmo comportamento e incorporam-na ao seu repertório.

5.10.1 Particípios irregulares

Ainda nesta subseção é preciso comentar os casos de participípios irregulares que também assumem a função de adjetivos e, em um dos casos, de substantivo. Vejamos quais são eles dentro do *corpus* deste trabalho:

Quadro 20 - Participípios irregulares

Vocábulo	Base verbal
aberto	abrir
composto	compor
exposto	expor
imposto*	impor
morto	morrer
oposto	opor
proposto	propor

Fonte: elaboração própria.

Esses vocábulos foram considerados no *corpus* pois pode-se depreender uma base verbal sincrônica para a sua formação: o verbo com que têm ligação semântica estreita. No entanto, diferentemente do sufixo -do, é mais difícil identificar um padrão morfofonológico recorrente. De acordo com os dados, podemos identificar a terminação -to como recorrente neste tipo de participípio. Na sua adjunção a uma base verbal, pode-se perceber algumas mudanças:

- A. abaixamento da vogal temática e deslocamento do segmento /r/ do radical (/a.bri/ + /to/ > /a.'bɛR.to/), que vai do ataque complexo para a posição de coda;
- B. queda da vogal temática seguida deslocamento do segmento /x/ do radical (/mo.xe/ > /moR.to/), que assume posição de coda;

No caso das formações a partir de verbos com a raiz ‘por’, pode-se identificar o /s/ presente no alomorfe ‘pus’, já mencionado na subseção anterior.

5.11 Vocábulos formados em -dor

Vejamos agora como se dá a derivação sufixal com o sufixo -dor. Sandmann (1989, p. 52) afirma que, com esse sufixo, “são formados substantivos designativos de agente ou de instrumento”. Marinho (2009, p. 49) aprofunda a questão ao dividir as formações em “agentes profissionais” (‘operador’, ‘apresentador’, ‘soldador’), “agentes frequentativos”, que se

caracterizam pela habitualidade ou eventualidade (‘enganador’, ‘zombador’, ‘namorador’), e agentes instrumentais (‘apagador’, ‘carregador’, ‘emulador’). Observemos os exemplos coletados no *blog*. Eles representam 3,9% das formações por derivação sufixal (20 vocábulos de 594):

Quadro 21 - Derivação sufixal em -dor

Vocábulo	Processo de formação
acolhedor	[[acolhe] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{adje} *
adorador	[[adorar] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
agricultor	[[agriculta] _{verbo} + [tor] _{suf}] _{subs}
cantor	[[canta] _{verbo} + [tor] _{suf}] _{subs}
conservador	[[conserva] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{adje} *
criador	[[cria] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
cuidador	[[cuida] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
curador	[[cura] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
distribuidor	[[distribui] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
dublador	[[dubla] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
entregador	[[entrega] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
lutador	[[luta] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
morador	[[mora] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
perdedor	[[perde] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
pescador	[[pesca] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
pesquisador	[[pesquisa] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
provocador	[[provoca] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{adje} *
realizador	[[realiza] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
trabalhador	[[trabalha] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}
vencedor	[[vence] _{verbo} + [dor] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria.

Como podemos ver, a maioria dos vocábulos formados a partir dessa RFP é um substantivo, no entanto, alguns deles exercem função adjetiva nos contextos em que aparecem (‘provocador’, ‘conservador’ e ‘acolhedor’), por isso vamos olhar mais de perto para esses exemplos.

(9) [...] o **provocador** filme nacional apresenta o corpo e as ideias de Marcelo Diório, [...]

(10) [...] e Pose ainda sofre por preconceito de votantes **conservadores**.

- (11) Na verdade, a garota sabota os lares **acolhedores** de propósito, [...]

Basílio (1980) afirma que os vocábulos produzidos por esse tipo de formação, podem flutuar de uma categoria a outra (substantivos e adjetivos), corresponder apenas à função de substantivo (como é o caso dos agentes instrumentais), ou corresponder apenas à função de adjetivos. Pensando nessas três possibilidades e nos exemplos de adjetivos em questão, podemos afirmar que todos eles podem ser descritos como agentes frequentativos, o que indica que essa categoria, dentro das formações em -dor, pode flutuar mais naturalmente entre os substantivos e adjetivos, diferentemente dos agentes instrumentais.

É possível observar, também, que os morfemas -dor e -tor são, na verdade, alomorfes que correspondem à mesma RFP. A esse respeito, Marinho (2009, p. 81) explica que:

“Autor” e “inventor” preservaram, no português, o /t/. Um exame mais cuidadoso nos revela que esse fato não é raro. [...] Esses vocábulos, da mesma maneira que “escritor”, “ator”, “cantor” e “construtor”, podem perfeitamente ter vindo da transformação natural do latim vulgar, uma vez que o fonema /t/ não se encontrava em ambiente propício para a sonorização por estar entre uma consoante e uma vogal e não entre duas vogais: “scriptor”, “actor”, “cantor” e “constructor”. Por outro lado, “editor” e “auditor” se originam de palavras idênticas do latim, apresentam contexto favorável para sonorização, mas a evitam para não criar outro /d/, fonema já presente no radical.

Dessa forma, trouxemos também exemplos recolhidos nos quais é possível identificar o alomorfe -tor, mas é difícil recuperar uma base verbal que corresponda exatamente à mesma RFP mencionada nesta subseção, uma vez que as bases passariam por mudanças fonéticas pouco comuns, por isso optamos por descrevê-las a partir de sua origem de empréstimo:

Quadro 22 - Vocábulos e sua origem diacrônica

Vocábulo	Vocábulo de origem
compositor	<i>compositor</i>
diretor	<i>directeur</i>
editor	<i>editor</i>
espectador	<i>spectator</i>
leitor	<i>lector</i>
mentor	<i>mentor</i>

opositor	<i>oppositus</i>
pastor	<i>pastor</i>
produtor	<i>productor</i>
promissor	<i>promissor</i>
redator	<i>redactor</i>

Fonte: elaboração própria.

Dentre esses, chama-nos atenção o vocábulo ‘espectador’, em que podemos reconhecer o sufixo -dor, mas sua base verbal não pode ser recuperada sincronicamente (*espectar), por isso é preciso recorrer à sua etimologia para entender sua configuração. Sua origem está na palavra *spectator*, do latim, e o fonema /t/ do sufixo passou por um processo de vozeamento para se diferenciar do fonema /t/ do radical.

Antes de encerrar essa subseção, é preciso mencionar o neologismo ‘seriador’, que, segundo a RFP recorrente para o sufixo -dor, tem como base o verbo ‘seriar’, que significa “dar formato de série a” e dá nome aos produtores de séries televisivas, como podemos depreender do trecho a seguir:

O champanhe está esfriando e os famosos dão retoques finais em seus figurinos, pois a contagem regressiva para o Emmy 2019 já começou. Nesse momento, **seriadores** de todo o mundo se reúnem para apostar quais serão os grandes vencedores do Oscar da TV, então o AdoroCinema não poderia ficar fora dessa, não é mesmo? (VIANNA, 2019b – grifo nosso).

Sendo assim, é possível afirmar que o neologismo em questão seguiu a RFP comum para as formações com o sufixo -dor.

5.12 Vocábulo formado em -eiro

O sufixo -eiro é responsável, majoritariamente, pela formação de substantivos agentivos. No entanto, como pode ser visto no quadro a seguir, muitos dos vocábulos originados por esse tipo de formação exercem a função de adjetivos.

Quadro 23 - Derivação sufixal em -eiro

Vocábulo	Processo de formação
bombardeiro	[[bombarda] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{subs}
brasileiro	[[Brasil] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{adje} *
companheiro	[[companhia] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{subs}
conselheiro	[[conselho] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{subs}
cruzeiro	[[cruz] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{subs}
enfermeiro	[[enfermo] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{subs}
engenheiro	[[engenho] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{subs}
financeiro	[[finança] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{adje} *
motoqueiro	[[motoca] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{subs}
primeiro	[[primo] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{adje} *
verdadeiro	[[verdade] _{subs} + [eiro] _{suf}] _{adje} *

Fonte: elaboração própria.

Segundo Aronoff (1976), o produto de uma RFP deve apresentar categoria única, porém isso não acontece com muitas das RFPs descritas neste trabalho, como visto na seção anterior, nas formações com o sufixo -dor. Dessa forma, é preciso considerar a flutuação categorial como algo recorrente, no entanto, é preciso apontar que, mesmo reconhecendo a recorrência de flutuação categorial, o significante -eiro carrega significados diferentes em diferentes formações. Independentemente da flutuação categorial a que está sujeito o vocábulo ‘brasileiro’, que pode assumir a função tanto de substantivo quanto de adjetivo, não podemos afirmar que seu significado é parecido com o de ‘cruzeiro’, por exemplo.

O sufixo -eiro forma, em sua maioria, nomes passíveis de flutuação categorial (substantivos e adjetivos) e de flexão de gênero, como pode ser observado nos exemplos:

(12) O brasileiro está sempre disposto a receber bem os turistas.

(13) Deus é brasileiro.

(14) A comida brasileira é uma das mais saborosas do mundo.

Porém há algumas exceções, como a formação de substantivos que indicam lugares, como é o caso de ‘cruzeiro’ (presente no *corpus*), ou mesmo ‘canteiro’. Esses são sempre

substantivos e não sofrem flexão de gênero. Sendo assim, precisamos reconhecer as RFPs distintas aqui representadas⁵⁸.

(15) RFP: $[X]_{\text{subs}} > [[X]_{\text{subs}} \text{ eiro}]_{\text{subs}}$ “lugar onde se encontra X/lugar com o formato de X” (‘cruzeiro’)

(16) RFP: $[X]_{\text{subs}} > [[X]_{\text{subs}} \text{ eiro}]_{\text{adje}}$ “nascido em/originário de X” (‘brasileiro’)

(17) RFP: $[X]_{\text{subs}} > [[X]_{\text{subs}} \text{ eiro}]_{\text{subs}}$ “que mexe/trabalha com/cuida de X” (‘enfermeiro’)

(18) RFP: $[X]_{\text{subs}} > [[X]_{\text{subs}} \text{ eiro}]_{\text{adje}}$ “cheio de X” (‘verdadeiro’)

É preciso destacar, ainda, os processos morfofonológicos recorrentes nesse tipo de formação, que são a queda e a crase da vogal temática dos substantivos de base face à junção do sufixo -eiro.

E, por mais que se pareçam bastante morfologicamente, há, ainda, um sufixo diferente, o -eira, responsável pela formação de substantivos femininos a partir de bases verbais e não sujeitos à flutuação categorial. Os dois exemplos encontrados no *corpus* podem ser observados no quadro a seguir:

Quadro 24 - Derivação sufixal em -eira

Vocábulo	Processo de formação
barreira	$[[\text{barra}]_{\text{verbo}} + [\text{eira}]_{\text{suf}}]_{\text{subs}}$
brincadeira	$[[\text{brinca}]_{\text{verbo}} + [\text{deira}]_{\text{suf}}]_{\text{subs}}$

Fonte: elaboração própria.

A adjunção desse sufixo a bases verbais também acarretou queda da vogal temática do verbo, no caso de ‘barreira’. Já em ‘brincadeira’, temos a ação do alomorfe -deira, fonologicamente condicionado, para evitar a formação de hiatos, também presente em outras formações como ‘corredeira’, por exemplo. Além disso, podemos afirmar que esse sufixo produz substantivos apenas do gênero feminino e que não podem vir na função de adjetivos.

Fica claro, portanto, que estamos diante de sufixos diferentes, correspondentes a RFPs diferentes: -eiro forma substantivos e adjetivos a partir de substantivos, enquanto -eira forma

⁵⁸ Este trabalho não pretende esgotar as RFPs que um sufixo configura, mas apenas descrever o que é visível nos dados.

apenas substantivos a partir de bases verbais. Ainda dentro do sufixo -eiro, é possível delimitar a possibilidade de flutuação gramatical, que não vai se dar em substantivos referentes a lugares (RFP 12), os quais também não estão sujeitos à flexão de gênero, pois perderiam seu sentido.

Por fim, destacamos dois vocábulos que, por analogia, foram recolhidos na lista de formação desse sufixo, mas que, depois de uma análise mais aprofundada, não foram considerados no quadro de descrição em constituintes imediatos por não ser possível recuperar uma base sincrônica em sua formação. São eles ‘pioneiro’ e ‘solteiro’, este descrito como originário do latim *solitarius* e aquele como empréstimo do francês *pionnier*. Podemos dizer, portanto, que esses dois vocábulos, sincronicamente, têm apenas a terminação em -eiro, mas não são formados pelo sufixo -eiro.

5.13 Vocábulos formados em -ena

Pouco foi encontrado na literatura sobre o sufixo -ena e os exemplos presentes no *corpus* totalizam apenas 2:

Quadro 25 - Derivação sufixal em -ena

Vocábulo	Processo de formação
centena	[[cento] _{numeral} + [ena] _{suf}] _{subs}
quinzena	[[quinze] _{numeral} + [ena] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria.

No entanto, pensando em alguns outros exemplos do português brasileiro atual, como ‘dezena’, ‘trezena’, ‘quarentena’, pode-se dizer que o sufixo -ena tem um comportamento bastante específico: junta-se a numerais para formar substantivo que representam um período de dias do numeral em questão ou mesmo a quantidade de alguma coisa, sem utilizar o numeral diretamente. Sendo assim, essa RFP pode ser representada da seguinte maneira:

- (19) RFP: $[X]_{\text{numeral}} > [[X]_{\text{numeral}} \text{ ena}]_{\text{subs}}$ “período de X dias/quantidade X de algo”

Podemos observar que em ambas as formações houve queda da vogal temática da base diante da adjunção do sufixo -ena, para evitar a formação de um hiato.

5.14 Vocábulo formado em -enho

O sufixo -enho é conhecido por formar adjetivos gentílicos a partir de substantivos próprios, que dão nome a regiões. O exemplo encontrado no corpus deste trabalho foi ‘caribenho’ e o contexto em que se encontra evidencia seu sentido: “O único curta-metragem brasileiro em competição se foca em um grupo de jovens de **origem caribenha** que ocupa o espaço público em Toronto para exibir uma mistura de poesia, hip hop e dança” (CARMELO, 2019 – grifo nosso).

A RFP em questão pode ser representada da seguinte forma:

$$(20) \quad \text{RFP: } [X]_{\text{subs}} > [[X]_{\text{subs}} \text{ enho}]_{\text{adje}} \text{ “originário da região X”}$$

Na formação em -enho tem-se mais um caso de crase da vogal final da base com a vogal inicial do sufixo, processo que tem se mostrado bastante comum quando temos um sufixo iniciado em vogal.

5.15 Vocábulo formado em -ense

O sufixo -ense apresenta um comportamento bastante parecido com o do sufixo -enho: ambos se juntam a substantivos próprios para formar adjetivos que indicam origem. No *corpus* deste trabalho, no entanto, -ense mostrou-se um pouco mais produtivo, sendo responsável pela formação de 3 vocábulos:

Quadro 26 - Derivação sufixal em -ense

Vocábulo	Processo de formação
canadense	$[[\text{Canadá}]_{\text{subs}} + [\text{ense}]_{\text{suf}}]_{\text{adje}}$
cearense	$[[\text{Ceará}]_{\text{subs}} + [\text{ense}]_{\text{suf}}]_{\text{adje}}$
israelense	$[[\text{Israel}]_{\text{subs}} + [\text{ense}]_{\text{suf}}]_{\text{adje}}$

Fonte: elaboração própria.

Essa análise, nos leva à seguinte RFP:

$$(21) \quad \text{RFP: } [X]_{\text{subs}} > [[X]_{\text{subs}} \text{ ense}]_{\text{subs}} \text{ “originário de X”}$$

Pode-se observar que diante de bases terminadas em ‘a’ tônico houve o apagamento da vogal para a inserção do sufixo -ense, cuja primeira sílaba assume também o acento principal do vocábulo derivado. Já no caso da base atemática ‘Israel’, não temos apagamento de segmentos, mas sim a ressilabificação do segmento final /L/, que foi da coda da sílaba final da base para o ataque da nova sílaba formada pelo sufixo. Sabe que foneticamente a lateral /l/ em posição de coda é pronunciada como um ditongo ([is.xa.'ɛʊ], por exemplo). Quando acrescentamos o sufixo iniciado por vogal, ela se realiza como lateral no nível fonético também e vai para o ataque da nova sílaba formada. Esse é um processo corresponde a uma regra fonético-fonológica do PB.

5.16 Vocábulo formado em -ento

Segundo Pezatti (1989, p. 107), o sufixo -ento é “formador de adjetivos a partir de substantivo, na sua grande maioria, podendo formar adjetivo de adjetivo”. Os dois exemplos do *corpus* foram ‘sangrento’ e ‘sedento’. Neste último, a base nominal ‘sede’ é facilmente identificada, enquanto naquele percebemos que não estamos diante da base ‘sangue’, mas de um alomorfe, ‘sangre’, presente em outros vocábulos dessa família semântica, como ‘sangrar’, ‘sangria’, etc.

Dos dois exemplos, podemos depreender a seguinte RFP:

$$(22) \quad \text{RFP: } [X]_{\text{subs}} > [[X]_{\text{subs}} \text{ ento}]_{\text{adje}} \text{ “ser dotado de/ter muito X”}$$

Em ambos os casos, houve queda da vogal temática da base, observação também feita por Pezatti, que reforça que o sufixo -ento “obedece à regra normal de sufixação do português: ao tema adiciona-se o sufixo, acarretando a supressão do índice temático (no caso dos nomes temáticos)” (1989, p. 108).

Houve, ainda, o caso do vocábulo ‘violento’, adicionado a essa lista a princípio por analogia. No entanto, não é possível depreender uma base sincrônica que dá origem a essa formação. Entendemos, portanto, que, no caso de ‘violento’, a sequência -ento é uma terminação e a origem do vocábulo pode ser retomada do latim *violentus*.

5.17 Vocábulo formado em -eta e -ota

Segundo o dicionário on-line da Editora Porto, o sufixo -eta é um “sufixo nominal, de origem latina, que tem sentido diminutivo e, por vezes, depreciativo”⁵⁹ (INFOPÉDIA, consult. 2022-01-06). No exemplo encontrado no *corpus*, é possível recuperar o sentido diminutivo, mas não a ideia de depreciativo. O vocábulo ‘estatueta’, que não tem valor pejorativo, é formado a partir da base ‘estátua’ e faz referência ao objeto que presenteia os vencedores do Oscar ou outros tipos de prêmios da indústria audiovisual. No exemplo em questão, a estatueta refere-se, mais precisamente, à premiação *Emmy Awards*.

Pode-se depreender a seguinte RFP para essa formação:

$$(23) \quad \text{RFP: } [X]_{\text{subs}} > [[X]_{\text{subs}} \text{ eta}]_{\text{subs}} \text{ “versão menor de X”}$$

No caso de ‘estatueta’, há uma relação de significado bastante forte com esse tipo de objeto típico de premiações, tendo ganhado, ao longo do tempo, um significado diferente de outras formações com esse mesmo sufixo, como ‘saleta’, por exemplo.

Na formação de ‘estatueta’ observamos a queda da vogal final da base e o deslocamento do acento tônico, dando origem a uma palavra paroxítona a partir de uma proparoxítona (/eS.'ta.tu.a/ > /eS.ta.tu.'e.ta/).

Embora o sufixo -ota possa ter o sentido de diminutivo, como pode-se observar em alguns exemplos como ‘ilhota’ e ‘lajota’, esse sentido não se reflete no exemplo encontrado no *corpus*: ‘patriota’. Mesmo sendo possível pensar na base ‘pátria’, (1) por ter ligação semântica direta com a formação ‘patriota’ e (2) por ser um substantivo, como as bases para outros exemplos (‘ilha’ e ‘laje’), não é possível identificar a mesma RFP para ‘patriota’. A etimologia da palavra remete à forma grega *patriótēs* e são necessários mais exemplos para verificar se o sufixo -ota também é produtivo em uma RFP cujo produto não carrega o sentido de diminutivo.

⁵⁹ Dicionário Infopédia. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/-eta>. Acesso em: 20 jan. 2022.

5.18 Vocábulos formados em -eza

O sufixo nominal -eza é responsável pela formação de substantivos abstratos femininos a partir de adjetivos e exprime a ideia de qualidade ou estado de determinada característica (adjetivo).

O *corpus* deste trabalho conta com os seguintes vocábulos originados nessa formação:

Quadro 27 - Derivação sufixal em -eza

Vocábulo	Processo de formação
beleza	[[belo] _{adje} + [eza] _{suf}] _{subs}
certeza	[[certo] _{adje} + [eza] _{suf}] _{subs}
leveza	[[leve] _{adje} + [eza] _{suf}] _{subs}
sutileza	[[sutil] _{adje} + [eza] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria.

Podemos representar a RFP do sufixo -eza da seguinte forma:

(24) RFP: [X]_{adje} > [[X]_{adje} eza]_{subs} “qualidade ou estado do que/de quem é/está X”

A adjunção de -eza – sufixo iniciado por vogal – desencadeia processos morfofonológicos que têm se mostrado típicos nesse tipo de sufixação:

- Queda da vogal temática quando ela é diferente da vogal inicial do sufixo;
- Crase da vogal temática e da vogal inicial do sufixo (quando iguais);
- Ressilabificação da líquida /L/, que passa da coda da última sílaba da base para o ataque (*onset*) da nova sílaba originada pelo sufixo.

5. 19 Vocábulos formados em -ia

Outro sufixo responsável pela formação de substantivos abstratos femininos a partir de adjetivos é o -ia. Vejamos os exemplos encontrados no *corpus*:

Quadro 28 - Derivação sufixal em -ia

Vocábulo	Processo de formação
ousadia	[[ousado] _{adje} + [ia] _{suf}] _{subs}
rebeldia	[[rebelde] _{adje} + [ia] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria.

Sua RFP é bastante semelhante à RFP que rege as formações com o sufixo -eza:

(25) RFP: [X]_{adje} > [[X]_{adje} ia]_{subs} “qualidade ou estado do que/de quem é X”

A análise desse sufixo em comparação ao sufixo -eza ilustra como o bloqueio paradigmático opera no léxico: sufixos diferentes são responsáveis pelo mesmo tipo de formação, com a mesma finalidade linguística (neste caso, dar nome a uma qualidade ou estado referente a uma característica), porém isso não garante que esse o sufixo em questão vai ser produtivo para todas as bases da mesma categoria. Não há *ousadeza porque já há ‘ousadia’. Da mesma forma, não há *sutília porque já há ‘sutileza’.

Apesar de poucos exemplos de formações em -eza e -ia terem sido encontrados no *corpus*, com base neles, é possível observar que o sufixo -eza, composto de 3 fonemas (/e.za/) liga-se a bases mais curtas, de duas sílabas (/ˈbɛ.lu/), enquanto o sufixo -ia, composto de 2 fonemas (/i.a/), conecta-se a bases mais longas, de, pelo menos, três sílabas (/ou.ˈza.du/).

5.20 Vocábulo formado em -iça e -iço

O caso encontrado de sufixação em -iça é o substantivo abstrato feminino ‘justiça’, formado a partir do adjetivo ‘justo’. Pela amostragem do *corpus* não é possível afirmar que essa RFP seja muito produtiva.

Para o sufixo -iço também há apenas um exemplo no *corpus*: o do substantivo abstrato masculino ‘serviço’, formado a partir da base verbal ‘servir’. Apesar dos poucos exemplos desses dois tipos de formação, podemos dizer que os sufixos -iça e -iço para a formação de substantivos fazem parte de RFPs diferentes: uma delas tem como base adjetivos (e forma substantivos femininos: justo > justiça) e a outra tem como base verbos (e forma substantivos masculinos: servir > serviço).

Além disso, na literatura, as poucas descrições sobre os sufixos -iça e -iço, como a do dicionário on-line da Editora Porto, nomeiam esses sufixos como responsáveis pela formação

de adjetivos, como pode ser observado na entrada de -iço: “sufixo nominal de origem latina, que ocorre em adjetivos derivados de substantivos” (INFOPÉDIA, consult. 2022-01-07), o que pode ser recuperado em outros casos, entre eles, ‘alagadiço’, ‘agitadiço’, ‘corrediço’, ‘movediço’, entre outros. Por esses exemplos, fica claro que estamos diante de sufixos diferentes, que fazem parte de RFPs diferentes.

Embora exemplos como os últimos citados não tenham aparecido no *corpus* deste trabalho, ao analisar os dados, podemos indicar que o sufixo -iço para a formação de adjetivos é mais produtivo do que os sufixos -iça e -iço responsáveis pela formação de substantivos.

5.21 Vocábulos formados em -ico e -tico

Os sufixo -ico e seu alomorfe -tico também se mostraram produtivos na formação de adjetivos a partir de substantivos: foram encontrados 34 vocábulos com essa terminação, o que corresponde a 6,5% das formações.

Ao analisar cada vocábulo, percebemos que, para dois deles, não é possível identificar uma base sincrônica, o que os classifica como heranças diretas do grego: ‘magnético’, de *magnētikós*, e ‘técnico’ de *tekhnikós*. Vejamos, então, como se comportam as outras formações.

Quadro 29 - Derivação sufixal em -ico

Vocábulo	Processo de formação
alegórico	[[alegoria] _{subs} + [ico] _{suf} adje
artístico	[[artista] _{subs} + [ico] _{suf} adje
asiático	[[Ásia] _{subs} + [tico] _{suf} adje
atletico	[[atleta] _{subs} + [ico] _{suf} adje
básico	[[base] _{subs} + [ico] _{suf} adje
caótico	[[caos] _{subs} + [tico] _{suf} adje
carismático	[[carisma] _{subs} + [tico] _{suf} adje
científico	[[ciência] _{subs} + [fico] _{suf} adje
cinematográfico	[[cinematografia] _{subs} + [ico] _{suf} adje
clássico	[[classe] _{subs} + [ico] _{suf} adje
específico	[[espécie] _{subs} + [fico] _{suf} adje
esquemático	[[esquema] _{subs} + [tico] _{suf} adje
fantástico	[[fantasia] _{subs} + [tico] _{suf} adje
filosófico	[[filosofia] _{subs} + [ico] _{suf} adje

hemofílico	[[hemofilia] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
icônico	[[ícone] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
irônico	[[ironia] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
islâmico	[[Islã] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
melancólico	[[melancolia] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
mediático	[[mídia] _{subs} + [tico] _{suf}] _{adje}
nórdico	[[Norte] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
orgânico	[[órgão] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
paródico	[[paródia] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
psicológico	[[psicologia] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
realístico	[[realista] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
romântico	[[romance] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
simbólico	[[símbolo] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
super-heróico	[[super-herói] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
temática*	[[tema] _{subs} + [tico] _{suf}] _{subs}
tetaplégico	[[tetraplegia] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
trágico	[[tragédia] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}
verborrágico	[[verborragia] _{subs} + [ico] _{suf}] _{adje}

Fonte: elaboração própria.

É importante ressaltar que não estamos negando que os vocábulos coletados tenham origem latina ou grega, pois é possível resgatar as formas *philosophikós* do grego e *specificus* do latim, por exemplo, em um estudo diacrônico. No entanto, como para as formações ‘filosófico’ e ‘específico’ é possível recuperar uma base sincrônica que tem ligação semântica com a formação dos vocábulos, optamos por descrevê-las aqui, pois corroboram os dados para a descrição da RFP que se mostrou produtiva. Sendo assim, chegamos à seguinte RFP:

(26) RFP: [X]_{subs} > [[X]_{subs} ico/tico]_{adje} “semelhante a X/conta com a presença de X”

Aqui chamamos a atenção para a forma ‘temática’, forma flexionada no feminino do adjetivo ‘temático’ que se lexicalizou como substantivo e tem o sentido de “Conjunto dos temas de uma obra ou de um evento”, o que pode ser verificado também no contexto em que aparece:

Por mais que pareçam apenas várias denominações aleatórias jogadas sem nenhum contexto, todas estas **temáticas** possuem uma coisa em comum: são planos de fundo para alguns dos filmes mais bem avaliados pelos críticos do AdoroCinema no ano de 2019... até agora! (PALOPOLI, 2019 – grifo nosso).

Passemos agora à observação dos processos morfofonológicos acarretados pelo sufixo -ico, sendo, o primeiro deles, a supressão da vogal temática quando a base a possui. Alguns exemplos desse caso são ‘artista > artístico’, ‘base > básico’, ‘realista > realístico’ e ‘símbolo > simbólico’. Nota-se que nesses casos não há deslocamento de acento.

Já nos casos de bases que terminam com o hiato /i.a/, como ‘alegoria > alegórico’, ‘psicologia > psicológico’, ‘verborragia > verborrágico’, ‘filosofia > filosófico’, ‘ironia > irônico’, percebemos a queda do segmento /a/ e a crase, logo em seguida, do segmento /i/ da base com o segmento /i/ do sufixo. Nesses casos há deslocamento do acento e formação de palavras proparoxítonas.

Na formação de ‘islâmico’ e ‘orgânico’ temos o traço nasal das bases ‘Islã’ (/iS.'laN/) e ‘órgão’ (/’oR.gawN/) se estendendo para compor o ataque da sílaba formada pela inserção da do sufixo -ico, que tem o /i/ como núcleo.

Para formar ‘nórdico’, temos a assimilação do traço [+vozeado] pela consoante /t/, da base ‘Norte’, diante da /i/ do sufixo, também de traço [+vozeado].

5.22 Vocábulo formado em -idade

O sufixo -idade é conhecido por formar substantivos a partir de adjetivos. Sandmann (1989, p.50) chama atenção para a forma -idade como formador dos substantivos ‘obviedade’ e ‘seriedade’ para evitar a sequência imediata de duas vogais /i/. No processo de formação de ‘obviedade’ a partir do adjetivo óbvio, vemos que houve uma desassimilação.

A adjunção do morfe -idade também desencadeia o processo de supressão da vogal temática do adjetivo (quando há), para evitar a formação de hiatos. Já alguns adjetivos derivados, formados a partir do sufixo -vel, ao passarem pela adjunção de -idade, apresentam o alomorfe -bil em seu radical (disponível > disponibilidade).

Já na formação de ‘liberdade’ e ‘identidade’ podemos perceber uma haplogogia da última sílaba da base (liberto > *libertidade > liberdade; idêntico > *identicidade > identidade).

Quadro 30 - Derivação sufixal em -idade

Vocábulo	Processo de formação
atividade	[[ativo] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
atualidade	[[atual] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
brasilidade	[[Brasil] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
capacidade	[[capaz] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
celebridade	[[célebre] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
comunidade	[[comum] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
criatividade	[[criativo] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
curiosidade	[[curioso] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
dificuldade	[[difícil] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
disponibilidade	[[disponível] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
diversidade	[[diverso] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
fatalidade	[[fatal] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
felicidade	[[feliz] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
heterogeneidade	[[heterogêneo] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
homoafetividade	[[homoafetivo] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
humanidade	[[humano] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
identidade	[[idêntico] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
liberdade	[[liberto] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
materialidade	[[material] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
nacionalidade	[[nacional] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
novidade	[[novo] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
oportunidade	[[oportuno] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
originalidade	[[original] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
perenidade	[[perene] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
popularidade	[[popular] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
possibilidade	[[possível] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
precariedade	[[precário] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
proximidade	[[próximo] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
realidade	[[real] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
regularidade	[[regular] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
representatividade	[[representativo] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
sanidade	[[são] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
sexualidade	[[sexual] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}

simplicidade	[[simples] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
unanimidade	[[unânime] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}
variedade	[[vário] _{adje} + [idade] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria.

Foram encontrados também os substantivos ‘fiscalidade’, ‘personalidade’ e ‘qualidade’. No caso do primeiro, não é possível recuperar uma base adjetiva para a sua formação que esteja semanticamente ligada ao produto da formação, que significa “conjunto de características físicas”⁶⁰. Segundo o dicionário on-line Priberam, esse vocábulo é um empréstimo do inglês *physicality*, que foi adaptado para a morfologia e fonologia do português. No caso de ‘personalidade’ também não é possível recuperar uma base sincrônica adjetiva, por isso reconhecemos sua origem latina: *personalis*. O vocábulo ‘qualidade’ também pode ser descrito diacronicamente, a partir do vocábulo latino *qualitatis*, cujo sufixo -*tatis* é dito como origem do sufixo -dade.

Vale ressaltar que estudos anteriores afirmam que o sufixo é mesmo -idade e não -dade, como aparece em algumas gramáticas. Pezatti (1990, p.156) diz que 96,5% do seu *corpus* apresenta a incidência da vogal /i/, alta incidência que também pode ser notada no *corpus* deste trabalho. A mesma autora ainda afirma que a ocorrência de -idade se dá em adjetivos terminados pelo ditongo crescente -io, com os quais ocorre “a supressão do índice temático, mas a vogal inicial do sufixo sofre o processo de dissimilação regressiva”, ou seja, para evitar a sequência imediata de duas vogais idênticas (/i/), uma delas sofre dissimilação e abaixamento. Sandmann (1989, p. 50) também reconhece a ocorrência de -idade diante de bases terminadas em ditongo. Em seu *corpus*, os exemplos dessa ocorrência são ‘obviedade’ e ‘seriedade’, enquanto no *corpus* deste trabalho temos ‘precariedade’ (base ‘precário’) e ‘variedade’ (base ‘vário’).

Resta-nos, ainda, explicar a formação ‘dificuldade’ e a presença da vogal /u/, que antes da derivação não se encontrava na base. Por mais que seja possível recuperar, sincronicamente, a base a partir da qual esse vocábulo foi formado, é difícil encontrar uma motivação semântica que tenha levado a essa mudança na vogal da base. Sendo assim, buscamos a resposta na etimologia da palavra, que é derivada do latim *difficultas* – formação em que a vogal /u/ está presente.

⁶⁰ Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/fiscalidade>. Acesso em: 20 jan. 2022.

5.23 Vocábulos formados em -íssimo

Os adjetivos ‘elogiadíssimo’ e ‘raríssimo’ são exemplos que ilustram muito bem a RFP com o sufixo -íssimo, ou seja, são adjetivos formados a partir de bases também adjetivas e que possuem sentido muito semelhante ao da base, mostrando diferença de intensidade dessas características (elogiado e raro). São formações de motivação estilística, utilizadas para enfatizar uma qualidade ou defeito e configuram o que as gramáticas chamam de superlativos em português.

Mesmo que pouco produtivo, o sufixo -íssimo foi responsável pela formação de um dos neologismos presentes no *corpus*: o substantivo ‘candidatíssimo’, que é formado a partir da base ‘candidato’ e também intensifica o significado desta, como podemos observar no trecho em que o vocábulo foi encontrado: “Da safra 2019, o grande destaque atende pelo nome de Coringa. Ovacionado em Veneza e desde já **candidatíssimo** a uma estatueta dourada para Joaquin Phoenix, o filme é o hit do momento!” (RUSSO, 2019 – grifo nosso). O efeito da derivação sufixal em -íssimo nos leva a crer que o filme em questão não é apenas um candidato, mas sim um forte candidato ao Oscar. Essa escolha vocabular não só enfatiza uma qualidade, mas coloca o substantivo dentro de uma escala.

Por mais que, na RFP em questão, o adjetivo seja a categoria de base mais comum, Sandmann (1989, p. 64) já mencionava novas formações a partir de bases de outras categorias, inclusive os substantivos. A esse respeito, ele afirma que “esses superlativos têm uma carga emocional bem grande, principalmente porque o uso de -íssimo com base substantiva ainda é um fato não-comum, um meio de expressão ainda pouco usado e por isso mesmo de grande força estilística”. Essa afirmação é mais um forte indício da fluidez categorial entre os adjetivos e substantivos, o que justifica a escolha dessas duas classes de palavras como foco de análise deste trabalho.

5.24 Vocábulos formados em -inho e -zinho

Para iniciar a discussão sobre esse tipo de formação, é preciso reconhecer a existência das formas -inho e -zinho, aquela mais produtiva que esta, neste *corpus*. No total foram recolhidos 15 vocábulo formados a partir desses sufixos, o que corresponde a 2,8% dos produtos de sufixação.

Quadro 31 – Derivação sufixal em -inho e -zinho

Vocábulo	Processo de formação
abracinho	[[abraço] _{subs} + [inho] _{suf}] _{subs}
amiguinho	[[amigo] _{subs} + [inho] _{suf}] _{subs}
apagadinho	[[apagado] _{adje} + [inho] _{suf}] _{adje}
aviãozinho	[[avião] _{subs} + [zinho] _{suf}] _{subs}
cidadezinha	[[cidade] _{subs} + [zinho] _{suf}] _{subs}
festinha	[[festa] _{subs} + [inho] _{suf}] _{subs}
garotinho	[[garoto] _{subs} + [inho] _{suf}] _{subs}
lencinho	[[lenço] _{subs} + [inho] _{suf}] _{subs}
listinha	[[lista] _{subs} + [inho] _{suf}] _{subs}
pontinha	[[ponta] _{subs} + [inho] _{suf}] _{subs}
queridinho	[[querido] _{adje} + [inho] _{suf}] _{adje}
telinha	[[tela] _{subs} + [inho] _{suf}] _{subs}
terrinha	[[terra] _{subs} + [inho] _{suf}] _{subs}
turminha	[[turma] _{subs} + [inho] _{suf}] _{subs}
ursinho	[[urso] _{subs} + [inho] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria.

Podemos observar, a princípio, que, diferentemente da maioria dos sufixos derivacionais, os sufixos -inho e -zinho não são responsáveis pela determinação da classe das palavras que formam. Essas se mantêm na mesma classe das palavras de que são derivadas. A esse respeito, Villalva (2008, p. 119-120) propõe a separação do sufixo em questão em uma categoria à parte: os afixos modificadores.

Os afixos modificadores também restringem o conjunto de bases a que podem associar-se, mas têm restrições de selecção menos estritas do que os derivacionais. Um sufixo como -inh(o/a), por exemplo, pode associar-se a radicais pertencentes a diversas categorias sintáticas [...]. O que sobretudo caracteriza estes afixos é o **facto de não determinarem as propriedades gramaticais das palavras em que ocorrem**, afectando, exclusivamente, a semântica da base [...].

A explicação proposta por Villalva, que acreditamos também para valer para o sufixo -íssimo, comentado na subsecção anterior, evidencia um importante ponto sobre os sufixos considerados “de grau”, que, por muito tempo, foram considerados parte do processo de

flexão em português pelas gramáticas tradicionais, justamente por não possuírem uma das características principais dos sufixos derivacionais, que é a determinação das propriedades gramaticais das palavras que formam. É junto dessa reflexão e de outros critérios, já apresentados na subseção 2.8.2, que reconhecemos a atribuição de grau como no centro do contínuo linguístico entre flexão e derivação.

Sobre a mudança semântica acarretada pela adjunção dos sufixos -inho e -zinho, não basta afirmar que eles representam apenas valoração de dimensão. Assim como demonstram estudos com o de Tavares Jr. (1999), sobre o discurso dos pescadores artesanais, o autor afirma haver também os valores de afetividade (“Tenho uma filhinha agora”), pejoratividade (“É fraquinha essa pesca. Quase ninguém explora”) e intensificação (“Sardinha é gostozinha, é a mais saborosa”). Villalva (2008, p. 120) também menciona as valorações de dimensão, interesse e desdém.

No nosso *corpus*, a valoração de afetividade mostrou-se a mais comum, como no caso do vocábulo ‘terrinha’, por exemplo: “Essa briga costuma ser mais difícil para os brasileiros, já que nem sempre os projetos chegam até nossa **terrinha** [...]” (VIANNA, 2019b). Porém há também casos de desdém, ou pejoratividade, como o adjetivo ‘apagadinha’: “[...], mas seu nome [é] forte o suficiente para carregar uma True Detective **apagadinha**?” (VIANNA, 2019b).

Diante de diversos produtos semânticos a partir desse tipo de formação, podemos propor a seguinte RFP:

- (27) RFP: $[X]_N > [[X]_N \text{ -inho/-zinho}]_N$ “tipo pequeno/carinhoso/insignificante de X”

Na RFP proposta, N é a classe à qual pertence a base de origem, que se mantém mesmo depois da sufixação. Já o produto deste tipo de formação é representado com menos precisão, pois “A caracterização semântica destes afixos é, pois, mais uma questão lexicológica e pragmática do que morfológica” (VILLALVA, 2008, p. 120).

É preciso, ainda, fazer algumas considerações a respeito da alternância entre -inho e -zinho. Basílio (2006) afirma que -inho e -zinho parecem ser elementos complementares, uma vez que -zinho é utilizado em ambientes fonológicos em que -inho não é usado. Como complemento, temos as observações de Lee (1995), que detalha que o sufixo -inho é anexado a formas não-verbais (nomes, adjetivos e advérbios) contendo vogal temática, como em *lista/listinha*, *apagada/apagadinha*. Por sua vez, o sufixo -zinho é (1) adjungido a um não-verbo com vogal temática inexistente (atemático) como, por exemplo, *café/cafezinho*,

mar/marzinho; (2) anexado a palavras proparoxítonas e vocábulos terminados em sílaba pesada, como em avião/aviãozinho.

Essas observações explicam a ocorrência de -zinho em ‘aviõezinhos’, como foi encontrado no *corpus* deste trabalho, mas não em ‘cidadezinha’. Villalva (1994, p. 282), além de afirmar que os sufixos -inho e -zinho são sufixos diferentes – e, portanto, não têm relação de distribuição complementar – afirma que as formas por ela chamadas de Z-avaliativas

são obrigatórias tanto em casos em que a forma de base termina numa vogal (oral ou nasal) tónica (cf. 40a), como em casos em que a forma de base termina em vogal (oral ou nasal) átona (cf. 40b), como, ainda, em casos em que a forma de base termina em ditongo (oral ou nasal) tónico (cf. 40c), ditongo átono (cf. 40d), ou mesmo em consoante (cf. 40e).

O apagamento ou queda da vogal temática, como temos observado, poderia ser uma opção fonologicamente aceitável nesse caso, formando ‘cidadinha’, porém Villalva (1994, p. 286) menciona ainda mais um contraste entre as bases de -inho e -zinho, afirmando que “a um maior número de sílabas corresponde uma preferência pela sufixação Z-avaliativa [-zinho], enquanto que os dissílabos recorrem à sufixação avaliativa [-inho]”.

Além disso, é importante ressaltar que o sufixo -inho se junta a bases, acarretando queda da vogal temática ou desinência de gênero, como em lista>listinha e garota>garotinha respectivamente, enquanto o sufixo -zinho se junta a palavras, que, por sua vez, podem estar flexionadas em gênero ou número, como é o caso do vocábulo ‘aviõezinhos’ encontrado no *corpus*: “[...] Globo de Ouro e BAFTA saíram distribuindo estatuetas para diferentes longas, como se fossem aviõezinhos de Silvio Santos” (VIANNA, 2019a). Dessa forma, a marcação de plural mantém-se na base além de se manifestar também no sufixo (-zinhos).

5.25 Vocábulos formados em -ino

Os vocábulos que foram identificados como formados a partir do sufixo -ino apresentam semântica e morfologia diferentes:

Quadro 32 – Derivação sufixal em -ino

Vocábulo	Processo de formação
figurino	[[figura] _{subs} + [ino] _{suf}] _{subs}
nordestino	[[Nordeste] _{subs} + [ino] _{suf}] _{adje}
pequenino	[[pequeno] _{adje} + [ino] _{suf}] _{adje}

Fonte: elaboração própria.

No caso de ‘figurino’, temos um substantivo formado a partir de outro substantivo, ‘figura’, e tem o sentido de “modelito” ou “Conjunto de roupas que são usadas por atores e atrizes num trabalho; guarda-roupa”⁶¹. Já no caso de ‘pequenino’, temos a formação de um adjetivo a partir de outro adjetivo e tem o valor semântico modificador de dimensão, bastante próximo de -inho ou -zinho com o sentido de diminutivo. A semelhança entre essas duas formações (‘figurino’ e ‘pequenino’) é que o sufixo não é responsável por alterações na classe gramatical do vocábulo, no entanto, sincronicamente não é possível recuperar a ideia de diminutivo no substantivo ‘figurino’. Além disso, o dicionário etimológico Michaelis On-line coloca o vocábulo como um empréstimo do italiano *figurino*.

Por sua vez, o vocábulo ‘nordestino’ tem como base o substantivo próprio ‘Nordeste’ e esse processo é comum na formação de adjetivos que indicam origem (‘marroquino’) ou autoria (‘afonsino’, ‘vicentino’).

Sendo assim, podemos afirmar que estamos diante de dois sufixos homólogos que protagonizam duas RFPs diferentes. Sendo elas, para ‘pequenino’:

$$(28) \quad \text{RFP: } [X]_{\text{adje}} > [[X]_{\text{adje}} - \text{ino}]_{\text{adje}} \text{ “versão menor de X”}$$

E para ‘nordestino’:

$$(29) \quad \text{RFP: } [X]_{\text{subs}} > [[X]_{\text{subs}} - \text{ino}]_{\text{adje}} \text{ “que tem origem em ou foi autorado por X”}$$

Em ambas as formações, temos a queda da vogal temática diante da adjunção do sufixo -ino.

⁶¹ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/figurino/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

Foi encontrado também o vocábulo ‘heroína’, com o sentido de “Mulher que figura como principal personagem em uma obra literária, teatral, televisiva ou cinematográfica”⁶². Poderíamos pensar que essa formação se deu por meio do sufixo -ina junto da base ‘herói’, mas não há dados suficientes para afirmar que essa sufixação se deu sincronicamente e que configura uma RFP produtiva. Sendo assim, buscamos a origem etimológica do vocábulo, do grego *hērōinē* segundo o dicionário etimológico Michaelis.

5.26 Vocábulos formados em -ismo

Os produtos da sufixação em -ismo são sempre substantivos, mas, de acordo com os exemplos do *corpus*, a classe gramatical das bases a que junta pode ser tanto substantivo quanto adjetivo. Vejamos a amostra:

Quadro 33 - Derivação sufixal em -ismo

Vocábulo	Processo de formação
atletismo	[[atleta] _{subs} + [ismo] _{suf}] _{subs}
brilhantismo	[[brilhante] _{adje} + [ismo] _{suf}] _{subs}
didatismo	[[didata] _{subs} + [ismo] _{suf}] _{subs}
favoritismo	[[favorito] _{adje} + [ismo] _{suf}] _{subs}
humanismo	[[humano] _{subs} + [ismo] _{suf}] _{subs}
simbolismo	[[símbolo] _{subs} + [ismo] _{suf}] _{subs}
terrorismo	[[terror] _{subs} + [ismo] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria.

Nos casos de ‘brilhantismo’ e ‘favoritismo’ temos como base os adjetivos ‘brilhante’ e ‘favorito’, respectivamente. Nos vocábulos formados a partir de adjetivos não é possível recuperar a ideia de movimento ou prática, mas sim de característica referente ao adjetivo da base:

(30) RFP: [X]_{adje} > [[X]_{adje} -ismo]_{subs} “característica de quem/do que é X”

Para os vocábulos formados a partir de substantivos, por sua vez, podemos recuperar a seguinte RFP:

⁶² Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/hero%C3%ADna>. Acesso em: 20 jan. 2022.

(31) RFP: $[X]_{\text{subs}} > [[X]_{\text{subs}} - \text{ismo}]_{\text{subs}}$ “movimento/prática relacionado a X”

Por figurar RFPs distintas, podemos dizer que temos dois sufixos -ismo no português brasileiro atual. É importante dizer que não desconsideramos trabalhos de análise diacrônica, que remetem a origem do sufixo ao contato entre o grego e o latim: “Com essa leitura da história da escrita grega e latina, não é difícil perceber a possibilidade de o sufixo -ismós, em grego, e o sufixo -ismus, em latim, terem transitado por esses idiomas, como resultado dos contatos entre as culturas desses dois povos” (GIANASTACIO, 2014, p. 222). Observa-se, no entanto, que atualmente o significante -ismo protagoniza processos diferentes, que levam a formações semanticamente distintas.

Em 6 dos 7 vocábulos formados a partir do sufixo -ismo, houve queda da vogal temática diante da inserção de uma nova sílaba /iS/ também iniciada por vogal. No vocábulo ‘terrorismo’, vemos um caso de ressilabificação, em que o segmento final da base, /R/, sai da posição de coda da sílaba a que pertence para preencher o ataque da sílaba seguinte, criada com a adjunção do sufixo -ismo.

5.27 Vocábulos formados em -ista

Segundo a descrição deste sufixo no dicionário da Editora Porto, temos que -ista é um “sufixo nominal, de origem grega, que exprime a ideia de adepto de doutrina, teoria ou sistema artístico, político, filosófico ou religioso, ou que tem uma certa ocupação ou ofício e ainda de nomes gentílicos”. É possível perceber que essa descrição coloca um único sufixo -ista como responsável por diferentes produtos, mas é preciso acrescentar que, quando analisamos os exemplos, podemos perceber diferentes comportamentos. Vejamos os exemplos:

Quadro 34 - Derivação sufixal em -ista

Vocábulo	Processo de formação
alpinista	$[[\text{alpino}]_{\text{adje}} + [\text{ista}]_{\text{suf}}]_{\text{subs}}$
artista	$[[\text{arte}]_{\text{subs}} + [\text{ista}]_{\text{suf}}]_{\text{subs}}$
especialista	$[[\text{especial}]_{\text{adje}} + [\text{ista}]_{\text{suf}}]_{\text{subs}}^*$
existencialista	$[[\text{existencial}]_{\text{adje}} + [\text{ista}]_{\text{suf}}]_{\text{adje}}$
extremista	$[[\text{extremo}]_{\text{adje}} + [\text{ista}]_{\text{suf}}]_{\text{adje}}$
intimista	$[[\text{íntimo}]_{\text{adje}} + [\text{ista}]_{\text{suf}}]_{\text{adje}}$

jornalista	[[jornal] _{subs} + [ista] _{suf}] _{subs}
otimista	[[ótimo] _{adje} + [ista] _{suf}] _{adje}
realista	[[real] _{adje} + [ista] _{suf}] _{adje}
sexista	[[sexo] _{subs} + [ista] _{suf}] _{adje}
stalinista	[[Stalin] _{subs} + [ista] _{suf}] _{adje}

Fonte: elaboração própria.

Temos casos de adjetivos que dão origem a substantivos ('alpinista'), substantivos que dão origem a adjetivos ('stalinista'), ou mesmo adjetivos e substantivos que dão origem a vocábulos de mesma classe gramatical ('intimista' e 'jornalista', respectivamente). É preciso reconhecer, ainda, que as formações a partir do sufixo -ista flutuam com frequência entre as classes dos substantivos e adjetivos, como no caso do vocábulo 'especialista', que foi encontrado com a função de substantivo no *corpus*, um comportamento bastante comum entre vocábulos dessas duas categorias sintáticas.

Sendo assim, com base no *corpus* coletado, chegamos a duas RFPs que parecem descrever a grande maioria das formações em -ista:

(32) RFP: [X]_{adje/subs} > [[X]_{adje/subs} -ista]_{adje} “adepto a ideia de/acredita em X”

(33) RFP: [X]_{subs} > [[X]_{subs} -ista]_{subs} “trabalha com/pratica X”

Como outros sufixos observados, -ista começa com um segmento vocálico, por isso acarreta queda da vogal temática da base ou ressilabificação quando a base é atemática e termina em consoante.

Observamos, aqui, a presença do vocábulo 'cineasta', que se pode pensar ser formado pela abreviação 'cine', na base, e o sufixo -asta, que parece ser uma variação de -ista. No entanto, não há mais exemplos no *corpus* que corroboram esse padrão, portanto buscamos a etimologia da palavra, que, segundo o dicionário Michaelis, é um empréstimo do francês *cinéaste*.

5.28 Vocábulo formado em -mento

O sufixo -mento mostrou-se bastante produtivo na formação de nomes, tendo verbos como base. Foi responsável por 20 vocábulos, representando 3,3% das derivações sufixais.

Esse sufixo é conhecido por formar substantivos masculinos a partir de verbos dando nome à ação ou resultado da ação daquele verbo, como podemos verificar no quadro dos exemplos:

Quadro 35 - Derivação sufixal em -mento

Vocábulo	Processo de formação
acontecimento	[[acontece] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
adiamento	[[adia] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
amadurecimento	[[amadurece] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
armamento	[[arma] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
cancelamento	[[cancela] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
casamento	[[casa] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
crescimento	[[cresce] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
cruzamento	[[cruza] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
desenvolvimento	[[desenvolve] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
empoderamento	[[empodera] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
encerramento	[[encerra] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
enquadramento	[[enquadra] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
envenenamento	[[envenena] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
financiamento	[[financia] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
lançamento	[[lança] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
merecimento	[[merece] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
orçamento	[[orça] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
questionamento	[[questiona] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
reconhecimento	[[reconhece] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
relacionamento	[[relaciona] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}
sentimento	[[senti] _{verbo} + [mento] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria.

Como podemos observar, a partir dos temas verbais foram formados substantivos, processo representado pela seguinte RFP:

(34) RFP: [X]_{verbo} > [[X]_{verbo} -mento]_{subs} “ação ou resultado da ação de X”

Diante da adjunção do sufixo -mento, percebe-se que o processo morfofonológico mais comum é o alçamento da vogal temática dos verbos de segunda conjugação: ‘acontec[i]mento’, ‘amadurec[i]mento’, ‘cresc[i]mento’, ‘desenvolv[i]mento’, ‘merec[i]mento’ e ‘reconhec[i]mento’. Esse é um processo causado pela dissimilação do traço [-alto], presente na vogal /e/ e na consoante /m/, que se torna [+alto] com a vogal /i/.

5.29 Vocábulo formado em -ivo e -tivo

Sandmann (1989, p.62) afirma que o sufixo -ivo forma adjetivos a partir de substantivos (‘automotivo’, ‘televisivo’). No entanto, neste *corpus*, 15 das 16 formações com o sufixo -ivo se dão a partir de bases verbais. Além disso, pudemos notar 6 casos de formação de substantivos (e não adjetivos), como os vocábulos ‘aplicativo’, ‘estimativa’, ‘iniciativa’, ‘justificativa’, ‘narrativa’ e ‘retrospectiva’.

Todos esses vocábulos são encontrados como adjetivos no dicionário, função em que podem sofrer flexão de gênero (narrativo/narrativa). No entanto, apenas as formas flexionadas no gênero feminino desses adjetivos podem assumir a função de substantivo, como mostra o *corpus*.

Por analogia, no momento da recolha do *corpus*, o adjetivo ‘consecutivo’ foi incorporado a essa lista, no entanto, após a análise, verificou-se que o vocábulo tem origem diacrônica, do latim *consecutivus*, não aparecendo, portanto, no quadro descritivo da derivação sufixal em -ivo, a seguir.

O vocábulo ‘aplicativo’ é um caso à parte: o substantivo masculino ‘aplicativo’ parece ter surgido por analogia à palavra *application* ou *app* do inglês, que significa “programa de computador projetado para um propósito específico”⁶³.

Além disso, é possível observar que junto do sufixo -ivo, temos o alomorfe -tivo, presente em 9 das 16 formações.

Quadro 36 - Derivação sufixal em -ivo

Vocábulo	Processo de formação
agressivo	[[agredi] _{verbo} + [ivo] _{suf}] _{adje}
atentivo	[[atenta] _{verbo} + [ivo] _{suf}] _{adje}
competitivo	[[competi] _{verbo} + [tivo] _{suf}] _{adje}

⁶³ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/app>. Acesso em: 11 mai. 2021.

criativo	[[cria] _{verbo} + [tivo] _{suf}] _{adje}
estimativa	[[estima] _{verbo} + [tivo] _{suf}] _{subs} *
exaustivo	[[exausta] _{verbo} + [tivo] _{suf}] _{adje}
expressivo	[[expressa] _{verbo} + [ivo] _{suf}] _{adje}
iniciativa	[[inicia] _{verbo} + [tivo] _{suf}] _{subs} *
inventivo	[[inventa] _{verbo} + [ivo] _{suf}] _{adje}
justificativa	[[justifica] _{verbo} + [tivo] _{suf}] _{subs} *
narrativa	[[narra] _{verbo} + [tivo] _{suf}] _{subs} *
regressivo	[[regressa] _{verbo} + [ivo] _{suf}] _{adje}
representativo	[[representa] _{verbo} + [tivo] _{suf}] _{adje}
retrospectiva	[[retrospecto] _{subs} + [ivo] _{suf}] _{subs} *
rotativo	[[roda] _{verbo} + [tivo] _{suf}] _{adje}

Fonte: elaboração própria.

Na formação de ‘rotativo’ a partir da base verbal *roda-*, vemos que, por assimilação à consoante [t] do sufixo, a consoante [d], da base, perde o traço [+vozeado]. Percebemos também uma mudança na consoante da base verbal *agredi-*, que vai de [d] para [s], no entanto, essa mudança não parece ter uma motivação fonológica, mas sim se tratar de uma herança da forma latina *aggressus*.

5.30 Vocábulo formado em -nte

Os adjetivos e substantivos formados com o sufixo -nte a partir de verbos têm origem na forma conhecida como particípio presente dos verbos. Segundo Dias (2014, p.42), a forma nominal de um verbo é não prototípica ou híbrida, pois “apresenta, tanto características de nomes – flexão de gênero, número e caso (línguas flexionais); quanto de verbos – tempo (interpretado a partir do contexto), aspecto, voz e regência verbal”. No Português Brasileiro atual, as formas nominais dos verbos são o infinitivo, o gerúndio e o particípio passado, e, apesar de não ser mais considerado particípio presente, os vocábulos formados com -nte conservam algumas características dessa forma nominal, como a base verbal e a flexão de número.

Esse processo foi responsável por 8% das formações, mostrando-se bastante produtivo:

Quadro 37 - Derivação sufixal em -nte

Vocábulo	Processo de formação
amante	[[ama] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{subs}
apaixonante	[[apaixona] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
ardente	[[arde] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
assistente	[[assiste] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{subs}
aterrorizante	[[aterroriza] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
brilhante	[[brilha] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
chocante	[[choca] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
coadjuvante	[[coadjuva] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
comovente	[[comove] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
competente	[[compete] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
concorrente	[[concorre] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{subs}
constante	[[consta] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
crescente	[[cresce] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
diferente	[[diferi] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
distante	[[dista] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
doente	[[doe] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
emocionante	[[emociona] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
existente	[[existe] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
fascinante	[[fascina] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
habitante	[[habita] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{subs}
imigrante	[[imigra] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
importante	[[importa] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
impressionante	[[impressiona] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
influyente	[[influi] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
informante	[[informa] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{subs}
interessante	[[interessa] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
intrigante	[[intriga] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
marcante	[[marca] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
militante	[[milita] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{subs}
postulante	[[postula] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
potente	[[pode] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
precedente	[[precede] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
principiante	[[principia] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{subs}

pungente	[[pungi] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
representante	[[representa] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{subs}
restante	[[resta] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{subs}
seguinte	[[segui] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
surpreendente	[[surpreende] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
viciante	[[vicia] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
vibrante	[[vibra] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{adje}
votante	[[vota] _{verbo} + [nte] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria.

É possível observar que a maior parte das formações são adjetivos deverbais que, por sua vez, expressam estado ou processo em andamento. Já os substantivos formados têm função de agente. Todos são formados a partir dos temas verbais, e verbos com tema em ‘i’ têm sua vogal temática sujeita a um abaixamento: pungir > pungente, competir > competente. Essa variação entre as vogais temáticas de segunda e terceira conjugação, /e/ e /i/, tem como principal explicação o pertencimento dos verbos considerados hoje de segunda e terceira conjugação à mesma classe de verbos no sistema latino (cf. subseção 5.9).

Além dos vocábulos do quadro, outros 4 vocábulos coletados chamam a atenção por essa terminação. Um deles é o substantivo ‘oponente’ que tem como base a forma latina do verbo *oponere*, o que explica a presença da consoante nasal no radical (‘opo[n]ente’). O mesmo pode ser observado para o adjetivo ‘decadente’, cuja base latina verbal *decadere* explica a presença do /d/ no radical, sendo que o mesmo segmento não está presente na base verbal atual ‘decair’. Já os adjetivos ‘ciente’ e ‘recente’, também encontrados no *corpus*, são derivados diretamente das formas latinas *sciens*, *-entis* e *recens*, *-entis* respectivamente, uma vez que não é possível recuperar uma base verbal sincrônica para essas formações.

5.31 Vocábulos formados em -oso

O sufixo -oso é responsável pela formação de adjetivos a partir de substantivos e se mostrou bastante produtivo, formando 24 dentre os 594 vocábulos coletados (4,6%).

Esse sufixo, por ser formador de adjetivos, apresenta a vogal temática ‘o’ e pode sofrer flexão de gênero a depender do substantivo com que concorda. Como o objetivo dessa análise morfológica é apenas mostrar o processo de formação dos vocábulos, não mostraremos uma

análise estrutural de cada morfema, mas apenas uma representação do processo de formação por meio de constituintes imediatos, como pode ser observado no quadro:

Quadro 38 - Derivação sufixal em -oso

Vocábulo	Processo de formação
ambicioso	[[ambiçã]subs + [oso]suf]adj
ansioso	[[ânsia]subs + [oso]suf]adje
audacioso	[[audácia]subs + [oso]suf]adje
caridoso	[[caridade]subs + [oso]suf]adje
choroso	[[choro]subs + [oso]suf]adje
criminoso	[[crime]subs + [oso]suf]subs*
desastroso	[[desastre]subs + [oso]suf]adje
doloroso	[[dolor]subs + [oso]suf]adje
estrondoso	[[estrondo]subs + [oso]suf]adje
famoso	[[fama]subs + [oso]suf]adje
luxuoso	[[luxo]subs + [oso]suf]adje
mafioso	[[máfia]subs + [oso]suf]subs*
maravilhoso	[[maravilha]subs + [oso]suf]adje
minucioso	[[minúcia]subs + [oso]suf]adje
misterioso	[[mistério]subs + [oso]suf]adje
pantanososo	[[pântano]subs + [oso]suf]adje
poderoso	[[poder]subs + [oso]suf]adje
preconceituoso	[[preconceito]subs + [oso]suf]adje
prestigiosos	[[prestígio]subs + [oso]suf]adje
primoroso	[[primor]subs + [oso]suf]adje
respeitoso	[[respeito]subs + [oso]suf]adje
silencioso	[[silêncio]subs + [oso]suf]adje
talentoso	[[talento]subs + [oso]suf]adje
vitorioso	[[vitória]subs + [oso]suf]adje

Fonte: elaboração própria.

Para os substantivos com vogal temática ‘o’, observamos uma queda da vogal desencadeada pela adjunção do sufixo -oso (VT ‘o’ + -oso), com exceção da base

‘preconceito’, cuja vogal temática ‘o’ sofre um alçamento, realizando-se como ‘u’ diante do sufixo em questão. Já junto das vogais ‘a’ e ‘e’, o processo morfofonológico desencadeado é o apagamento da vogal temática, para evitar a formação de hiatos. No caso de ‘caridoso’, a base sofre, na verdade, um processo de haplologia, em que a última sílaba ‘de’ é inteiramente apagada. As bases atemáticas terminadas em consoante não apresentam processo morfofonológico, mas a formação de ‘ambicioso’ a partir de ‘ambição’ evidencia a raiz latina da palavra, que é *ambitio*, *-onis*. Outra raiz latina que pode ser recuperada é *crimen*, cuja consoante ‘n’ está presente na formação ‘criminoso’. A inserção dessa consoante não parece ser fonologicamente condicionada, portanto buscamos a explicação na etimologia do vocábulo.

A respeito do valor semântico, pode-se afirmar que a formação X-oso tem o sentido de ‘cheio de X’, sendo X um substantivo. No entanto, duas formações apareceram na função de substantivo no contexto de que foram retiradas: ‘criminoso’⁶⁴ e ‘mafioso’⁶⁵, por mais que sejam considerados primeiramente como adjetivos, exercem também a função de nomear aquele que pratica crimes e aquele que pertence à máfia, respectivamente. Em casos como esses é possível observar a linha tênue entre as características permanentes e temporárias, referidas por substantivos e adjetivos respectivamente.

5.32 Vocábulo formado em -ria

Os substantivos formados a partir da sufixação em -ria, apesar de poucos (apenas 3), mostram um padrão morfológico claro: formação de substantivos a partir de substantivos. Porém os significados não parecem ser os mesmos.

Quadro 39 - Derivação sufixal em -ria

Vocábulo	Processo de formação
bilheteria	[[bilhete] _{subs} + [ria] _{suf}] _{subs}
parceria	[[parceiro] _{subs} + [ria] _{suf}] _{subs}
trajetória	[[trajeto] _{subs} + [ria] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria.

⁶⁴ “Isso sempre fez com que ela exercesse sua profissão de maneira ímpar, mas tudo muda quando a moça encontra um **criminoso** impossível de desvendar.” (PALOPOLI, 2019).

⁶⁵ “Nesta coprodução entre Itália, França, Alemanha e Brasil, o italiano Marco Bellocchio (Vencer, Bom Dia, Noite) investiga a história real de Tommaso Buscetta (Pierfrancesco Favino), um dos maiores **mafiosos** do seu país.” (CARMELO, 2019).

Enquanto ‘parceria’ e ‘trajetória’ carregam uma ideia de “processo referente a X”, onde X é a base da formação, o vocábulo ‘bilheteria’ carrega um sentido bastante diferente, de “lugar onde se vende X”, sendo X, nesse caso, a base ‘bilhete’. Esse mesmo sentido é encontrado em outros vocábulos do PB, como ‘livraria’ e ‘pastelaria’, por exemplo.

Tomando esse argumento como base, podemos dizer que estamos diante de dois sufixos diferentes, que fazem parte de duas RFPs, sendo elas:

(35) RFP: $[X]_{\text{subs}} > [[X]_{\text{subs}}\text{-ria}]_{\text{subs}}$ “processo referente a X”

(36) RFP: $[X]_{\text{subs}} > [[X]_{\text{subs}}\text{-ria}]_{\text{subs}}$ “lugar onde se vende X”

No entanto, vale ressaltar que o padrão acentual desencadeado em ‘parceria’ é ainda diferente do padrão acentual desencadeado em ‘trajetória’. Sendo assim, seriam necessários mais exemplos desse tipo de formação no *corpus* para uma análise mais precisa.

Quanto aos processos morfofonológicos, podemos observar que na formação de ‘parceria’, houve haplologia da última sílaba da base ([rɔ]), seguida de monotongação: ‘parceiro’ + ria > *parceiroria > *parceiria > parceria. O processo de haplologia pode ser explicado pelo fato de o mesmo fonema /r/ estar no ataque tanto da última sílaba da base quanto no ataque do sufixo, acionando o PCO (Princípio do Contorno Obrigatório). Já a monotongação ocorre por conta do abaixamento da vogal /ɪ/ ([+alto]) diante do /r/ ([-alto]), processo recorrente no nível fonológico também, em vocábulos como ‘feira’, pronunciado [‘fe.ra], por exemplo.

5.33 Vocábulo formado em -tório

Apenas um exemplo resultado da derivação sufixal em -tório foi encontrado no *corpus*: o adjetivo ‘contraditório’, formado a partir da base verbal ‘contradize’. Podemos mencionar outros adjetivos formados dessa mesma maneira, como ‘comprobatório’, ‘escapatório’, ‘abonatório’, por exemplo, que não se encontram no *corpus*, mas que reforçam a seguinte RFP:

(37) RFP: $[X]_{\text{verbo}} > [[X]_{\text{verbo}}\text{-tório}]_{\text{adje}}$ “suscetível a/passível de X”

No caso de ‘contraditório’, pode-se observar a ocorrência de uma haplologia da última sílaba da base verbal, [ze], por ter no ataque um segmento ([z]) que apresenta alguns traços em comum com a consoante no ataque do sufixo ([t]), como [+anterior] e [+coronal].

5.34 Vocábulo formado em -tude

O sufixo -tude é conhecido por formar substantivos abstratos femininos a partir de adjetivos. Os dois exemplos do *corpus* foram ‘finitude’ e ‘juventude’, formados a partir dos adjetivos ‘finito’ e ‘jovem’, respectivamente. A RFP pode ser sistematizada da seguinte maneira:

- (38) RFP: [X]_{adje} > [[X]_{adje} -tude]_{subs} “estado ou característica do que/de quem é X”

Na formação de ‘finitude’, temos a ocorrência de uma haplologia: a última sílaba da base, /to/, tem no ataque a mesma consoante inicial do sufixo, /t/, o que desencadeia o PCO e provoca sua queda ([finito] + [tude] > *finitotide > finitude).

Já no caso de ‘juventude’, observa-se o alçamento da vogal da base, de /o/ para /u/, por assimilação aos traços da vogal /u/ do sufixo.

5.35 Vocábulo formado em -ura e -tura

Ambos os sufixos estão sendo tratados na mesma subseção pois, em um primeiro momento da coleta do *corpus*, acreditamos estar diante de um único sufixo, -ura. No entanto, após uma primeira análise, verificou-se que, embora responsáveis pela formação de substantivos, tínhamos bases adjetivas e verbais. Além disso, os significados desencadeados pela adjunção dos dois sufixos são bem diferentes. Vejamos os vocábulos coletados formados pelo sufixo -tura:

Quadro 40 - Derivação sufixal em -tura

Vocábulo	Processo de formação
abertura	[[abri] _{verbo} + [tura] _{suf}] _{subs}
assinatura	[[assina] _{verbo} + [tura] _{suf}] _{subs}
cobertura	[[cobri] _{verbo} + [tura] _{suf}] _{subs}
releitura	[[rele] _{verbo} + [tura] _{suf}] _{subs}

Fonte: elaboração própria.

Como é possível observar, o sufixo -tura se junta a bases verbais para formar substantivos abstratos que indicam ações ou resultado das ações. A RFP a que pertencem pode ser assim representada:

$$(39) \quad \text{RFP: } [X]_{\text{verbo}} > [[X]_{\text{verbo}} - \text{tura}]_{\text{subs}} \text{ “ação de/resultado da ação de X”}$$

Na adjunção a bases verbais da primeira conjugação, o sufixo -tura parece não desencadear processos morfofonológicos; [assina] + [-tura] > ‘assinatura’. No entanto, quando diante de bases verbais de segunda e terceira conjugações, podemos notar os seguintes processos:

A. Abaixamento da vogal temática /i/, seguido de deslocamento do segmento /r/ no radical, que vai do ataque complexo para a coda da última sílaba:

- i. [abri] + [tura] > *ab[r]itura > *ab[r]etura > ‘abertura’⁶⁶
- ii. [cobri] + [tura] > *cob[r]itura > *cob[r]etura > ‘cobertura’

B. Ditongação da vogal temática /e/

Para os exemplos em A, assim como o que ocorre na formação de participípios passados irregulares (cf. subseção 3.10.1), estamos diante de uma alomorfia de base, que, com base nos dados deste trabalho, parece se manifestar diante de sufixos iniciados por /t/ (-tura e -to). E no caso de B, a ditongação também não parece ter uma motivação fonológica, mas sim ser um caso de alomorfia, igualmente presente na formação de ‘leitor’, por exemplo.

Já no vocábulo ‘ternura’ temos um exemplo de formação com o sufixo -ura, responsável por formar substantivos abstratos a partir de adjetivos, ‘terno’, nesse caso. Sua RFP pode ser representada da seguinte maneira:

$$(40) \quad \text{RFP: } [X]_{\text{adje}} > [[X]_{\text{adje}} - \text{ura}]_{\text{subs}} \text{ “característica de quem é X”}$$

Nesse exemplo, como em outros formados por sufixos que começam por um segmento vocálico, ocorre a queda da vogal temática.

⁶⁶ Esse mesmo processo pode ser observado na formação do participípio passado irregular do verbo ‘abrir’ (cf. subseção 5.10.1).

5.36 Vocábulo formado em -vel

O último sufixo de que vamos falar nesta seção é produtivo na formação de adjetivos a partir de verbos, com o sentido de passível da ação a que o verbo da base dá nome. Ele foi diretamente responsável pela formação de 5 vocábulos, e também formou outros 14 vocábulos que serviram como base para um processo de prefixação bastante produtivo, em in-. Optamos por apresentar os produtos da prefixação aqui também, pois eles correspondem a um número expressivo tanto entre os exemplos de prefixação (cf. subseção 4.4) quanto na produtividade do sufixo -vel.

Quadro 41 - Derivação sufixal em -vel

Vocábulo	Processo de formação
acessível	[[acessa] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje}
considerável	[[considera] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje}
disponível	[[dispo] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje}
imensurável	[[mensura] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [mensurável] _{adje}] _{adje}
inevitável	[[evita] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [evitável] _{adje}] _{adje}
intocável	[[toca] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [tocável] _{adje}] _{adje}
imóvel	[[move] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [móvel] _{adje}] _{adje}
impecável	[[peca] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [pecável] _{adje}] _{adje}
impensável	[[pensa] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [pensável] _{adje}] _{adje}
imprevisível	[[preve] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [previsível] _{adje}] _{adje}
improvável	[[prova] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [provável] _{adje}] _{adje}
incontrolável	[[controla] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [controlável] _{adje}] _{adje}
incrível	[[cre] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [crível] _{adje}] _{adje}
indiscutível	[[discuti] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje}

	[[in] _{pref} + [discutível] _{adje}] _{adje}
indispensável	[[dispensa] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [dispensável] _{adje}] _{adje}
inquebrável	[[quebra] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [quebrável] _{adje}] _{adje}
invisível	[[ve] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje} [[in] _{pref} + [visível] _{adje}] _{adje}
louvável	[[louva] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje}
respeitável	[[respeita] _{verbo} + [vel] _{suf}] _{adje}

Fonte: elaboração própria.

Considerando os exemplos, pode-se depreender a seguinte RFP:

- (41) RFP: [X]_{verbo} > [[X]_{verbo} -vel]_{adje} “passível ou sujeito à ação de X”

A maioria dos vocábulos apresentados nesta subseção teve verbos da primeira conjugação como base, e são exemplos que não engatilharam processos morfofonológicos, contando apenas com a justaposição do sufixo -vel ao tema verbal. Há, no entanto, uma exceção, a do adjetivo ‘acessível’, cuja vogal temática /a/ sofre um alçamento diante da presença do traço [-baixo] da consoante /v/ no ataque da sílaba do sufixo. Porém, o mesmo não acontece diante de outros temas verbais em ‘a’, sendo assim, podemos buscar a resposta para essa formação na sua origem latina, *accessibilis*.

Há, ainda, o caso do vocábulo ‘disponível’, em que percebemos a inserção da sílaba -ni- diante da junção do sufixo -vel. Essa presença pode ser explicada também pela forma latina do verbo ‘por’, que se encontra na raiz de ‘dispor’: *ponĕre* (*disponĕre*).

Por fim, chamamos atenção para as formações de ‘(in-)visível’ e ‘(in-)crível’, em que a alternância entre as vogais /i/ e /e/ dos verbos ‘ver’ e ‘crer’ se manifesta novamente, como na formação de ‘previsão’, já comentada anteriormente (cf. seção 5.9).

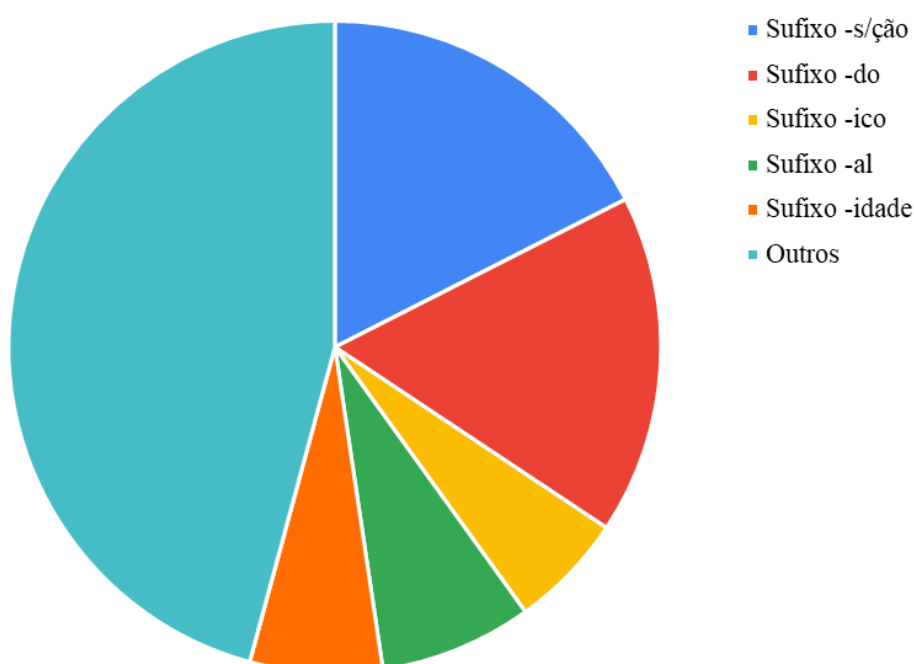
5.37 Considerações finais

Nesta seção, passamos por todos os sufixos identificados na formação de substantivos e adjetivos coletados a partir das 19 matérias especiais do ano de 2019 do blog AdoroCinema. Foram coletados 594 vocábulos formados por sufixação e identificados 44 sufixos. Vimos que

os sufixos mais produtivos na formação de substantivos foram -s/ção e -idade, enquanto os mais produtivos na formação de adjetivos foram -do, -al e -ico/-tico.

No gráfico a seguir, vemos a proporção dos sufixos mais produtivos entre as produções: juntos eles foram responsáveis por mais da metade das derivações. Vale ressaltar que não estamos separando substantivos de adjetivos, tendo em vista que alguns sufixos, como -do e -oso, por exemplos, formam vocábulos de ambas as classes.

Figura 14 - Sufixos mais produtivos



Fonte: elaboração própria.

Alguns desses sufixos mostraram fazer parte de mais de uma RFP diferente, seja pelo tipo de base a que se anexam ou pelo sentido que adicionam ao vocábulo formado a partir de sua adjunção. Um exemplo foi o sufixo -eiro, responsável pela formação de substantivos que dão nomes a lugares ('cruzeiro'), adjetivos relacionados à origem ('brasileiro'), agentes ou profissões ('enfermeiro'), e adjetivos ('verdadeiro').

Apontamos também alguns sufixos que sincronicamente funcionam como terminação em certos vocábulos, ou seja, não é possível depreender uma forma livre ou mesmo presa, carregada de sentido, que dê origem ao vocábulo em questão. É o caso do sufixo -agem em palavras como 'vantagem', por exemplo; ou do sufixo -nte na palavra 'ciente'.

Quanto aos processos morfofonológicos, verificou-se que os sufixos iniciados em vogal desencadearam, principalmente, supressão da vogal temática ou crase, em casos de

mesmo segmento vocálico. Já os sufixos iniciados por consoante desencadearam tipos diferentes de processos, entre os mais comuns estão a haplologia e alteração (abaixamento ou alçamento) de vogal temática.

6. ANÁLISE FONOLÓGICA

Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia, capazes de causar grandes sofrimentos e também de remediá-los.

J. K. Rowling, 2007.

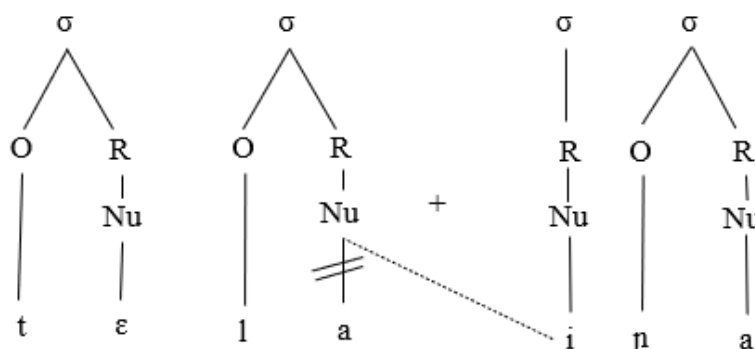
Como vimos na seção anterior, as derivações sufixais identificadas desencadearam processos morfofonológicos diversos. Entre eles, os mais comuns foram a queda ou crase da vogal temática, a haplogogia e a mudança (alçamento ou abaixamento) da vogal temática.

Nesta seção, usaremos a representação em árvores de traços, comum à Geometria de Traços, para olhar mais de perto para esses processos e como e por que foram desencadeados. A seção começa pelos processos desencadeados pelos sufixos mais produtivos, tendo em vista que, por serem os mais produtivos, formaram mais vocábulos e, por conseguinte, engatilharam processos mais variados. Depois disso, segue-se para processos menos comuns.

6.1 Queda ou crase da VT

Um dos processos mais comuns foi a queda ou crase da vogal temática. Observamos que esse processo foi desencadeado diante de sufixos iniciados por vogal. Em um primeiro momento, acreditou-se que, ao justapor uma base temática e um sufixo iniciado por vogal, a queda da vogal temática seria motivada pelo PCO, uma vez que as vogais apresentam pelo menos 5 traços em comum. No entanto, os 5 traços partilhados por esses segmentos ([+soante], [+silábico], [+contínuo], [+vozeado] e [+tenso]) são traços redundantes às vogais, comuns a todas elas, justamente por caracterizá-las. Conclui-se, portanto, que a motivação para a queda da vogal temática seja de natureza prosódica, para evitar a formação de um hiato, restrição recorrente desde o Português Arcaico, como mostram alguns trabalhos (MIELO, 2018, p. 105). Observemos alguns exemplos desse fenômeno representado pela TGT, a começar pelo vocábulo ‘telinha’, formado a partir da base ‘tela’ e do sufixo -inho, de estrutura V.CV:

(6.1)



Nesse caso, temos a queda da vogal temática ‘a’, deixando o núcleo da última sílaba da base (/la/) vazio. Esse, por sua vez, é preenchido pela vogal /i/ do sufixo -inho. Podemos representar, portanto, a formação de ‘telinha’ da seguinte maneira:

Quadro 42 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de ‘telinha’

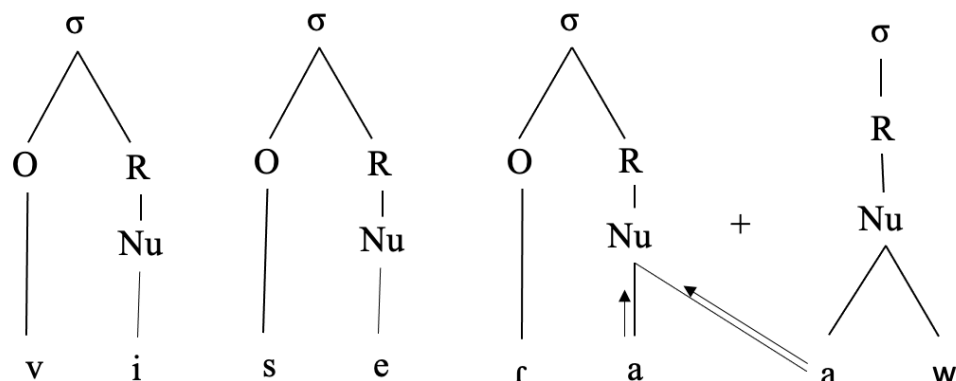
tela	+inho		Adjunção
tel	-a	+inho	Queda da VT
[tɛ.li]	[na]		Silabificação
[tɛ.'li.na]			Acentuação
telinha			Fim do ciclo

Fonte: elaboração própria.

Para esse exemplo, é preciso retomar as palavras de Lee (1995, p. 39) a respeito das formações com o sufixo -inho: “se o gênero não existir antes da formação de diminutivo, não podemos identificar o gênero e categoria da palavra derivada (diminutivo), na medida em que o sufixo diminutivo não contém os traços de categoria e de gênero”, ou seja, para Lee, o ciclo acima representado se dá em um nível que sucede a determinação do gênero e da classe da base, que ele chama de β.

Ao olharmos para o sufixo -al, é possível observarmos alguns casos de crase entre a vogal temática da base e a vogal do sufixo, como em ‘cultural’ e ‘visceral’, sendo, esta última, representada a seguir:

(6.2)



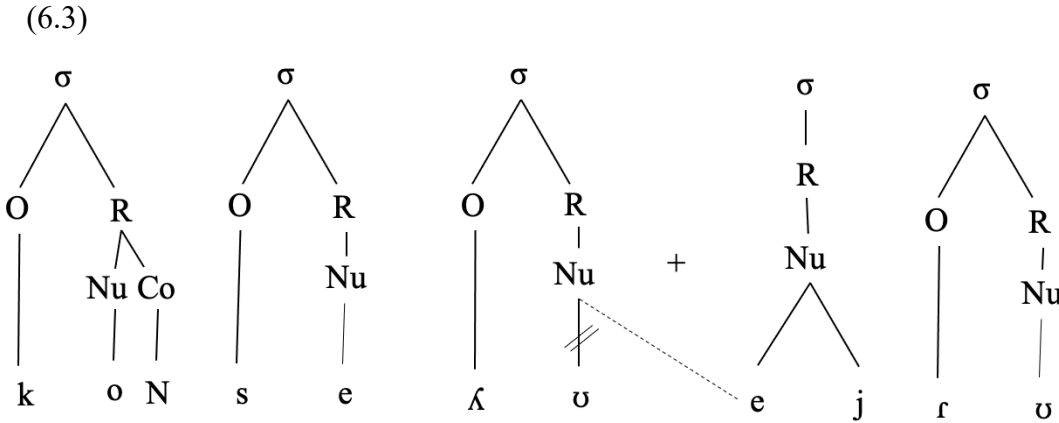
É importante ressaltar que, por apresentarem os mesmos traços, as duas vogais adjacentes se fundem, evitando a formação de um hiato e fundindo uma sílaba CV, da base, e uma VV, do sufixo, em uma CVV. Essa reestruturação silábica também faz com que o acento se desloque na palavra, passando da antepenúltima sílaba da base para a última sílaba da derivação, sendo esta de rima ramificada. Dessa forma, temos os seguintes processos na formação de ‘visceral’:

Quadro 43 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de ‘visceral’

víscera	+al		Adjunção
vísce	ra	+al	Crase da VT
['vi.se]	[ra̯]		Silabificação
[vi.se.'ra̯]			Acentuação
visceral			Fim do ciclo

Fonte: elaboração própria.

A mudança de acento provocada por um núcleo ramificado também pode ser observada em formações com o sufixo -eiro, por exemplo, de estrutura VV.CV. No caso de ‘conselheiro’, representado a seguir, observamos, primeiro, a queda da vogal temática, também engatilhada pela adjunção de duas vogais:



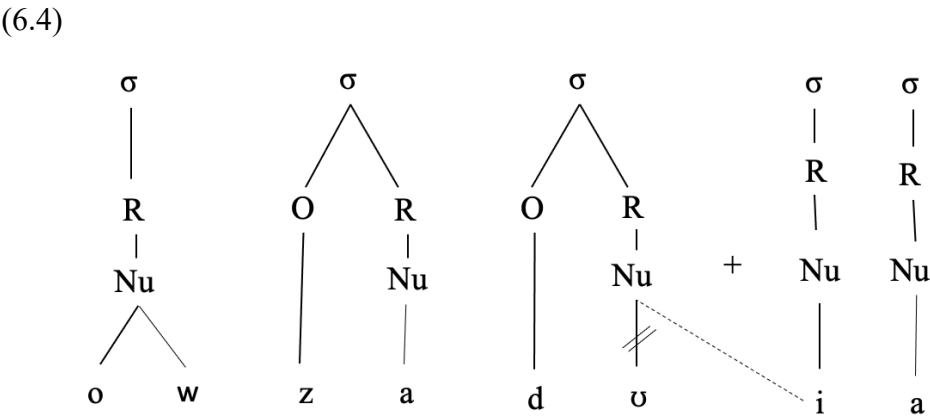
Dessa forma, temos os seguintes processos na formação de ‘conselho’:

Quadro 44 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de ‘conselho’

conselho	+eiro		Adjunção
conse	lho	+eiro	Queda da VT
[kõ.'se]	[ʎeɪ]	[rɔ]	Silabificação
[kõ.se.'ʎeɪ.rɔ]			Acentuação
conselho			Fim do ciclo

Fonte: elaboração própria.

E preciso comentar ainda o caso de queda da VT diante do sufixo -ia, de estrutura V.V. Como acontece com os outros sufixos, a estrutura silábica de -ia se mantém e sua primeira vogal assume o núcleo da última sílaba da base, no lugar da VT. É o caso do vocábulo ‘ousadia’, por exemplo:



O acento principal desloca-se da sílaba [za] para [dzi], formada após a adjunção, o que nos mostra os seguintes processos na formação de ‘ousadia’:

Quadro 45 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de ‘ousadia’

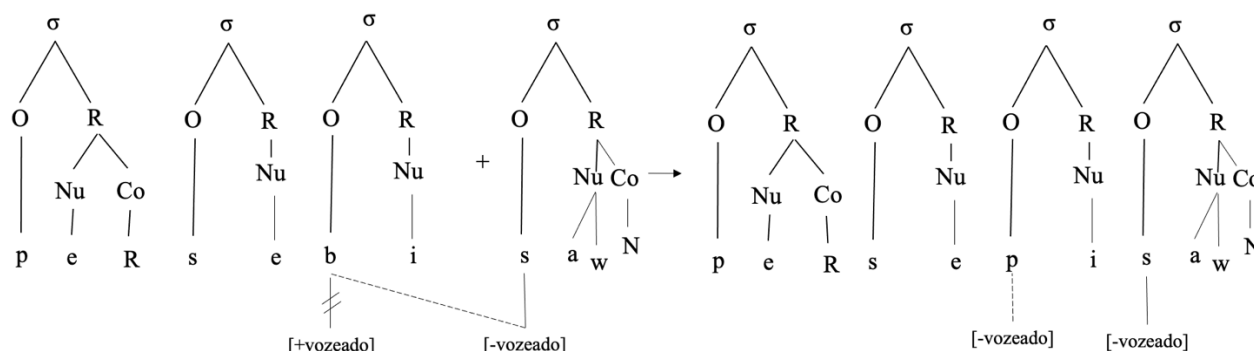
ousado	+ia		Adjunção
ousa	do	+ia	Queda da VT
[oʊ.'za]	[dzi]	[a]	Silabificação
[oʊ.za.'dzi.a]			Acentuação
ousadia			Fim do ciclo

Fonte: elaboração própria.

A queda da VT foi desencadeada por todos os sufixos iniciados por vogal e também pelo sufixo -s/ção, ou seja, a adjunção de 33 dos 44 sufixos (75%) ocasionou esse tipo de processo. Alguns desses mesmos sufixos desencadearam também outros processos, como veremos mais à frente, mas só não ocasionaram queda ou crase da VT diante de bases atemáticas terminadas em consoantes, tendo em vista que até diante de bases atemáticas terminadas em vogais tônicas, como ‘Ceará’ (‘Ceará’ + -ense > ‘cearense’), houve supressão para que não tivéssemos segmentos vocálicos adjacentes em sílabas diferentes ou seja, para que não tivéssemos a formação de hiatos.

Por fim, analisemos dois exemplos de vocábulos formados pelo sufixo -s/ção que também passaram pelo processo de queda da VT: ‘inclusão’ e ‘percepção’. No caso de ‘inclusão’, formado a partir do tema verbal inclui-, tivemos a queda da VT de terceira conjugação [i] e o vozeamento do segmento [s] do sufixo -s/ção, que passou de [s] para [z]. E na formação de ‘percepção’, o tema verbal percebe-, diante do sufixo -s/ção, perde a VT [e] e a consoante [b] perde o traço [+vozeado], por assimilação do segmento [s], também desvozeado. Esse processo pode ser observado a seguir:

(6.5)



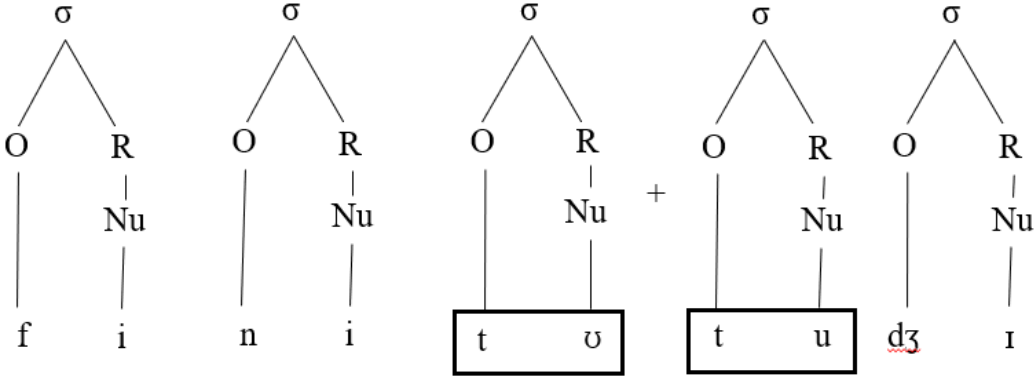
O processo de queda da VT foi observado também nas formações neológicas que se originaram a partir de sufixação. Dentre 3 casos de sufixação nos neologismos ('seriador', 'candidatíssimo' e 'boladona'), um deles, que é formado a partir da adjunção de sufixo iniciado por vogal, sofre queda da VT: candidato + íssimo > *candidatoíssimo > candidatíssimo. Depois de apresentados os casos de queda ou crase da VT, passemos, agora, à análise do processo de haplologia, também bastante comum no *corpus*.

6.2 Haplologia

Segundo Cagliari (2002a, p. 65), a haplologia é o fenômeno de eliminação de uma sílaba, mais precisamente a primeira, quando há o encontro de duas sílabas iguais, uma vez que a língua procura evitar esse fato. Sabe-se que esse fenômeno atinge não apenas sílabas exatamente iguais, mas também sílabas que apresentam semelhança fonética, ou seja, duas sílabas adjacentes que apresentem traços em comum na posição de ataque, por exemplo, podem sofrer haplologia, como veremos adiante.

Em nosso *corpus*, pudemos observar que a haplologia se deu, principalmente, a partir da adjunção de sufixos iniciados por consoantes, a saber, -s/ção, -ria, -tório e -tude, mas também diante do sufixo -idade, como ocorreu com o vocábulo 'liberdade' (liberto + idade > *libertidade > liberdade). Na formação de 'finitude' a partir da base 'finito', temos duas sílabas adjacentes quase idênticas fonologicamente, como pode-se observar a seguir:

(6.6)



A última sílaba da base, com o alçamento da vogal pós-tônica final, tem o mesmo ataque que a primeira sílaba do sufixo (/t/) e praticamente o mesmo núcleo, tendo em vista que as vogais [u] e [ʊ] diferem-se apenas quanto aos traços [+tenso] e [+ATR] (SILVA, 2015, p. 212), presentes apenas na vogal [u]. A palavra derivada mantém-se paroxítona, mas passa a ter 4 sílabas em vez de 3, e o acento desloca-se, portanto, para a primeira sílaba do sufixo, como representado a seguir:

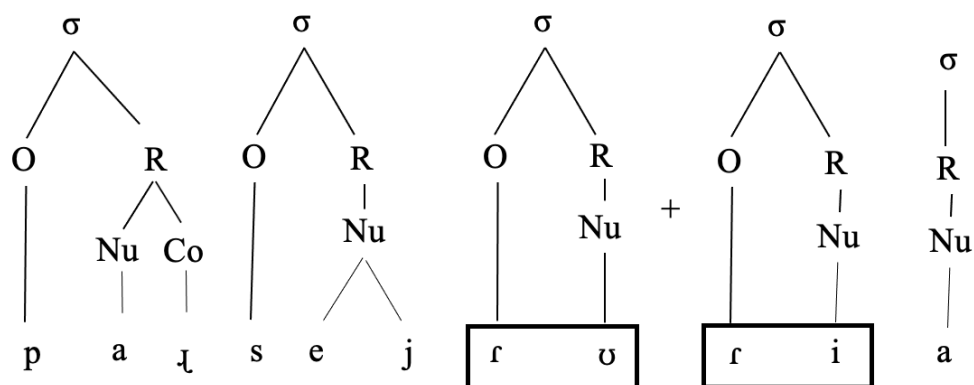
Quadro 46 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de ‘finitude’

finito	+tude		Adjunção
f̃ini	-to	+tude	Haplologia
[fi. 'ni]	[tu]	[dʒɪ]	Silabificação
[fi.ni.'tu.dʒɪ]			Acentuação
finitude			Fim do ciclo

Fonte: elaboração própria.

No caso da derivação ‘parceria’, também estamos diante de duas sílabas bastante semelhantes justapostas: /ro/ e /ri/. Vejamos sua representação:

(6.7)



O mesmo elemento [r] no ataque de ambas as sílabas acarreta a queda da sílaba final da base. Além disso, observamos que houve também uma monotongação na sílaba [seɪ̯], que carregava o acento da base antes da derivação. Bisol (1989, p. 195) explica esse fenômeno fonológico como ditongos leves. A autora diz que ditongos que apresentam variação com monotongos, como p[eɪ̯]xe > p[e]xe, são ditongos leves, ou seja, ambos os segmentos estão ligados a um elemento V do núcleo. Na base em questão – ‘parceiro’ – também estamos diante de um ditongo leve, que varia com o monotongo pars[eɪ̯]ro > pars[e]ro, mas ele se difere de p[eɪ̯]xe > p[e]xe, por exemplo, pois a monotongação chega ao nível morfológico da palavra.

Nos exemplos ‘finitude’ e ‘parceria’ a semelhança entre as sílabas adjacentes é mais evidente, uma vez que em um dos casos as sílabas são praticamente iguais ([tɔ] e [tu]) e no outro as sílabas apresentam o mesmo segmento no ataque ([r]). Já no caso do vocábulo ‘contraditório’, formado a partir do verbo ‘contradizer’ junto do sufixo -tório, temos como sílabas adjacentes [ze] e [tɔ] cuja semelhança está em alguns traços dos segmentos do ataque, como podemos observar no quadro a seguir:

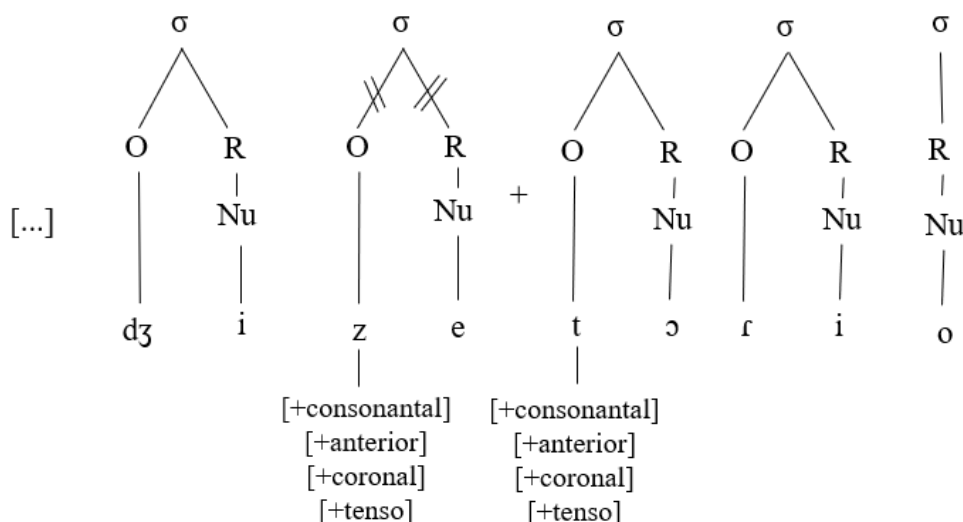
Quadro 47 - Traços em comum entre /t/ e /z/

Traço	/t/	/z/
Consonantal	+	+
Anterior	+	+
Coronal	+	+
Tenso	+	+

Fonte: adaptado de Silva (2015, p. 212).

Dessa forma, o PCO atua sobre essa adjunção e a sílaba [ze] sofre haplologia, possibilitando a formação de ‘contradição’, como visto a seguir, na representação das últimas sílabas do tema verbal contradize- e o sufixo -tório:

(6.8)



Os processos morfofonológicos e fonológicos que atuam na formação de ‘contraditório’ podem ser assim representados:

Quadro 48 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de ‘contraditório’

contradize	+tório		Adjunção
contradi	-ze	+tório	Haplologia
[kõ.tra.dʒi]	[tɔ]	[ri.o]	Silabificação
[kõ.tra.dʒi.'tɔ.ri.o]			Acentuação
contraditório			Fim do ciclo

Fonte: elaboração própria.

Os traços semelhantes entre as consoantes no ataque das sílabas também são o que desencadeiam a haplologia nos substantivos formados em -s/ção ([sãõ]), responsável pela maior parte dos casos de haplologia e por casos de haplologia combinados a outros processos, como veremos mais adiante.

As bases que sofreram haplologia ao formarem novos vocábulos podem ser divididas, principalmente, em seis grupos, de acordo com a consoante que preenche o ataque de sua sílaba final: [ʒ], [d], [dʒ], [z], [tʃ] e [t]. Observemos o quadro a seguir para verificar quais traços essas consoantes têm em comum com [s] e [z], consoantes iniciais do sufixo -s/ção:

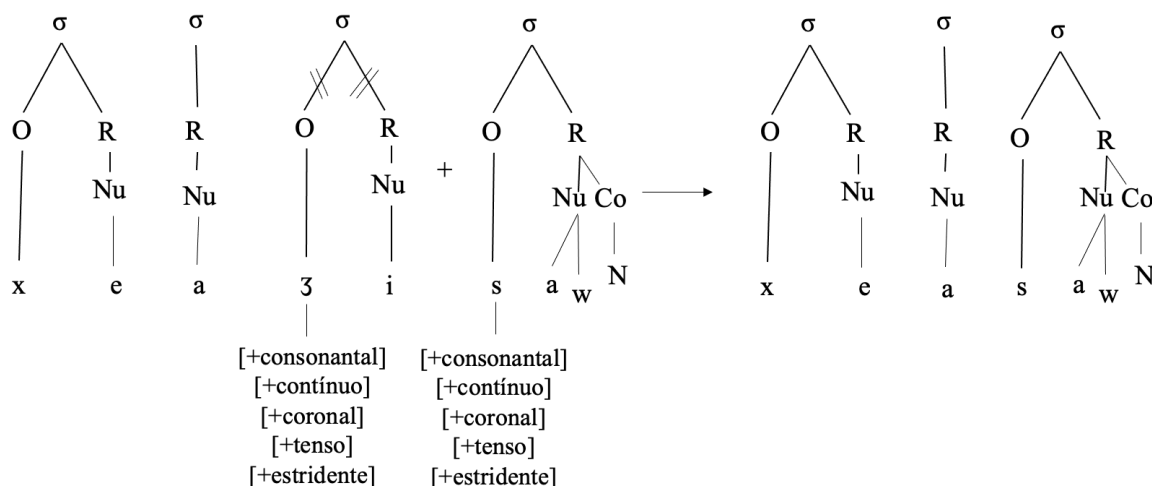
Quadro 49 - Comparação de traços

Traço	/s/	/z/	/ʒ/	/d/	/dʒ/	/t/	/tʃ/
Consonantal	+	+	+	+	+	+	+
Contínuo	+	+	+	-	-	-	-
Anterior	+	+	-	+	-	+	-
Coronal	+	+	+	+	+	+	+
Tenso	+	+	+	+	+	+	+
Estridente	+	+	+	-	+	-	+

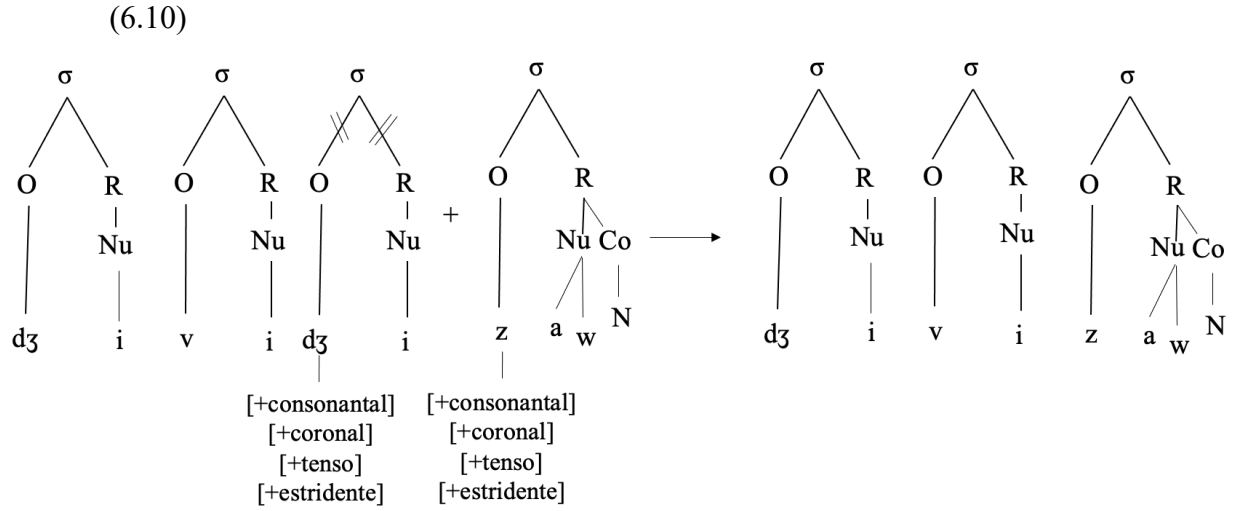
Fonte: adaptado de Silva (2015, p. 212).

De acordo com o quadro, é possível afirmar que todas essas consoantes têm, pelo menos, três traços em comum com a consoante /s/, sem contar o traço [+consonantal], que é redundante a todas as consoantes. Sendo assim, vejamos a representação desses processos por meio da GT, começando pela formação de ‘reação’, em que a sílaba [ʒi] do tema verbal reagisofre haplologia diante de [sãõ]:

(6.9)



Respeitando o PCO, a primeira das sílabas iniciadas por consoantes com traços semelhantes cai e o acento principal também é assumido pelo sufixo. O mesmo acontece na formação de ‘divisão’, e, além da queda da sílaba [dʒi] do tema verbal dividi-, temos o alomorfe [zãõ] acionado nesta formação:



Nesse caso, temos, a partir da adjunção, a haplogogia, como indicado pelas barras paralelas na sílaba [dʒi].

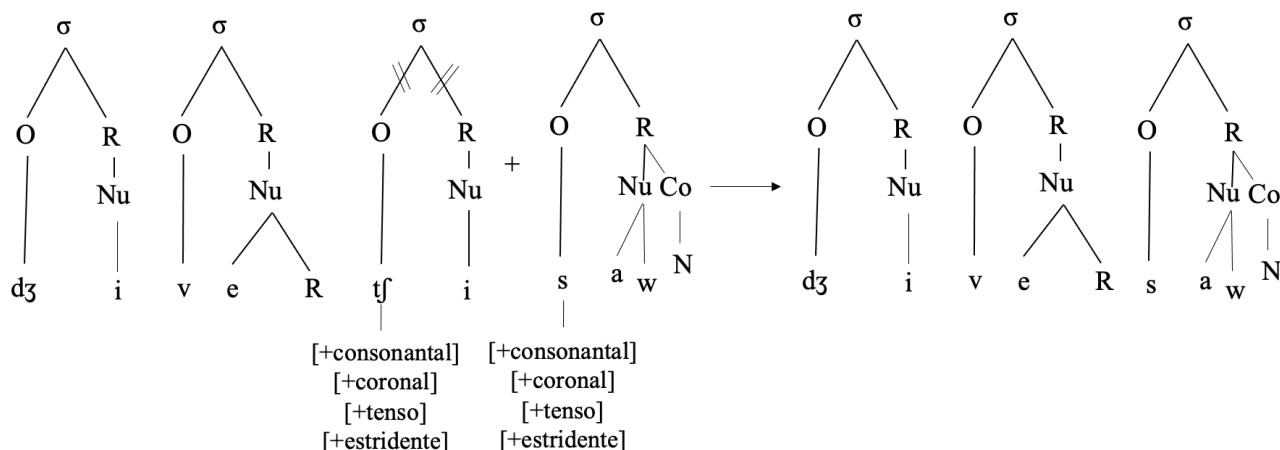
Quadro 50 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de ‘divisão’

dividi	+são		Adjunção
divi	-di	+são	Haplogogia
[dʒi]	[vi]	[zãõ]	Silabificação
[di.vi.'zãõ]			Acentuação
divisão			Fim do ciclo

Fonte: elaboração própria.

Vejamos agora o exemplo da formação de ‘diversão’, em que a sílaba final da base, [ti], também sofre haplogogia diante da adjunção de [sãõ]:

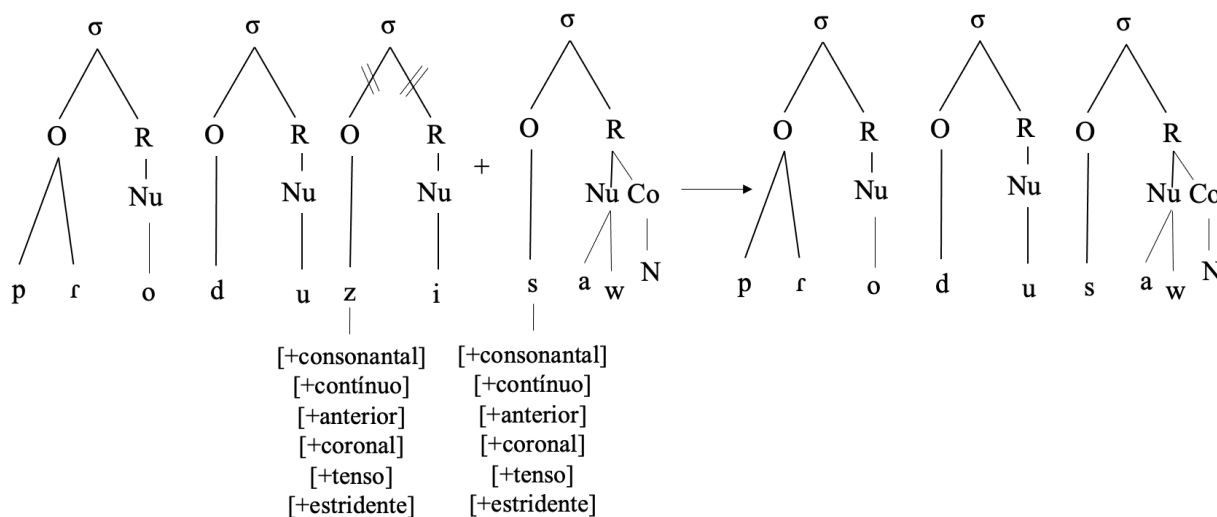
(6.11)



A repetição dos traços [+coronal], [+tenso] e [+estridente] foi suficiente para que o PCO agisse sobre a formação e uma das sílabas fosse suprimida. Sendo assim, notamos que as sílabas iniciadas por [d] e [t], por também possuírem 3 traços em comum com a consoante [s] ([+coronal], [+anterior] e [+tenso]), da mesma forma sofreram haplologia. É o que acontece em formações como ‘edição’ (edita + çao > editação > edição) e ‘exceção’ (excede + çao > excedeção > exceção).

Para finalizarmos os exemplos das 6 consoantes mencionadas anteriormente cujas sílabas foram suprimidas diante da adjunção do sufixo [sãõ], temos a consoante [z], que, entre as outras, é a mais semelhante a [s], uma vez se diferenciam apenas quanto ao traço [+vozeado], presente em [z] e ausente em [s]. Um dos vocábulos que podemos citar como exemplo é ‘produção’ (produzi + çao > produzição > produção):

(6.12)



Com 5 traços em comum, além do redundante [+consonantal], as sibilantes [s] e [z], ao se encontrarem na posição de ataque em sílabas adjacentes, podem sofrer haplologia. Esse processo foi observado em outros exemplos do *corpus*, como ‘condição’ (condize + ção > condizeção > condição) e ‘condução’ (conduzi + ção > conduzição > condução).

Esses foram os principais exemplos de haplologia encontrados no *corpus*. Pode-se dizer que esse processo foi acarretado por sufixos iniciados em consoante e que foi mais recorrente diante do sufixo -s/ção, uma vez que este foi o sufixo mais produtivo encontrado por esta pesquisa.

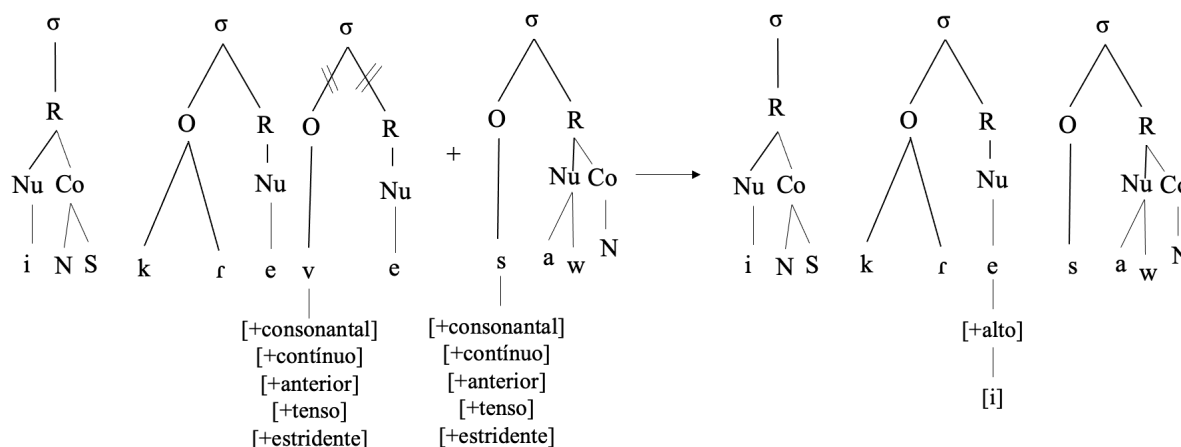
6.2.1 Haplologia e outros processos

Antes de finalizarmos esta subseção sobre os casos de haplologia, precisamos mostrar os casos em que a haplologia se deu junto de outros processos. Ainda entre as formações em -s/ção, podemos verificar a presença de outros processos juntos de haplologia. O primeiro deles é a mudança na vogal da penúltima sílaba da base, ou seja, a vogal que antecede o sufixo depois que a base passa pela haplologia. Como já descrito anteriormente por Silva (2017, p. 133):

[...] os processos que ocorrem nas vogais da sílaba da base verbal, anteriores ao sufixo, após a haplologia, são distintos nas três conjugações. Nos substantivos formados a partir de verbos da primeira e da segunda conjugações, além da haplologia, ocorre, principalmente, o alteamento da vogal do radical [...].

Um exemplo de m da vogal do radical depois da haplologia presente no *corpus* deste trabalho é o vocábulo ‘inscrição’: após a queda da sílaba [ve] da base verbal increve-, a vogal do radical passa de [e] para [i], recebendo o traço [+alto]. Vale lembrar que essa alternância da vogal nos verbos de segunda e terceira conjugação é explicada pela origem dessas duas conjugações em uma mesma classe de verbos do latim, mas a seguir representamos o processo de haplologia, seguido da alternância da vogal:

(6.13)



Já diante de temas verbais de terceira conjugação, como são os casos de ‘oprimir’ e ‘redigir’, ocorre o abaixamento da vogal do radical após a haplologia (SILVA, 2017, p. 133). Em ‘oprimir’, a vogal [i] da sílaba [pri] passa a [e], perdendo o traço [+alto]; enquanto em ‘redigir’, a vogal [i] da sílaba [dzi] passa a [a], não só perdendo o traço [+alto], mas também adquirindo os traços [+baixo] e [+posterior]. Organizados no quadro a seguir estão os processos morfofonológicos e fonológicos que atuam na formação de ‘opressão’ e ‘redação’:

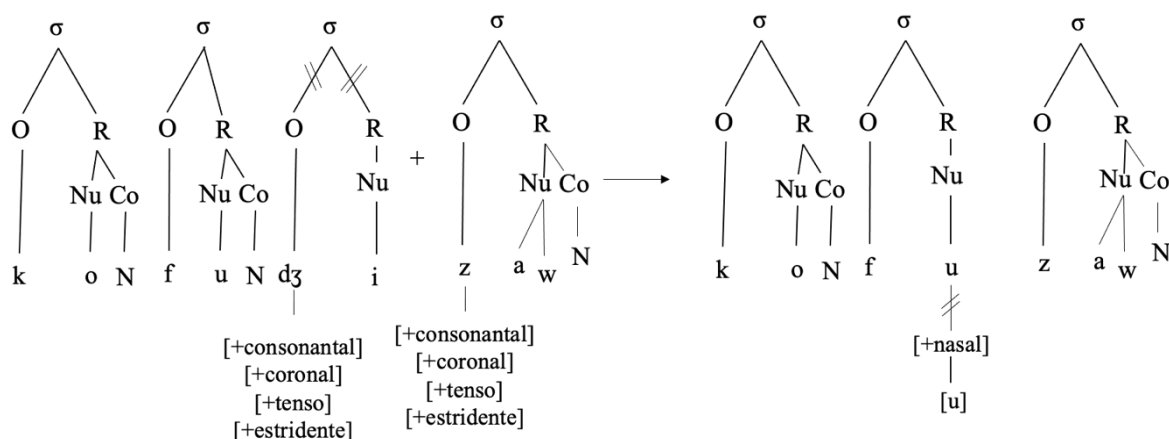
Quadro 51 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de ‘opressão’ e ‘redação’

oprimi	+ção		redigi	+ção		Adjunção
opri	-mi	+ção	redi	-gi	+ção	Haplologia
[o.pre]	[sãõ]		[xe.da]	[sãõ]		Abaixamento
[o]	[pre]	[sãõ]	[xe]	[da]	[sãõ]	Silabificação
[o.pre.'sãõ]			[xe.da.'sãõ]			Acentuação
opressão			redação			Fim do ciclo

Fonte: elaboração própria.

Além dos casos de haplologia combinados a mudanças na vogal do radical (alteamento e abaixamento), vimos também o processo de desnasalização acontecer junto da queda da última sílaba da base. Um exemplo dessa combinação é o vocábulo ‘confusão’: além da haplologia da sílaba [dzi] da base verbal confundi-, a vogal [ũ] perde o traço [+nasal]. Na árvore a seguir, é possível ver a representação desses processos:

(6.14)



Sendo assim, temos a seguinte sequência para o encadeamento desses processos:

Quadro 52 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de 'confusão'

confundi	+são		Adjunção
confun	-di	+são	Haplologia
[kõ]	[fu]	[zãõ]	Desnasalização
[kõ]	[fu]	[zãõ]	Silabificação
[kõ.fu.'zãõ]			Acentuação
confusão			Fim do ciclo

Fonte: elaboração própria.

O verbo 'confundir', de terceira conjugação, não sofre mudança na vogal do radical, como acontece com o verbo 'inscrever', de segunda conjugação, por exemplo. Concluímos, portanto que as mudanças que ocorrem na vogal do radical, como descrito anteriormente, dão-se apenas quando a vogal do radical é a mesma que a vogal temática, que, por sua vez, é suprimida no processo de haplologia. No verbo 'confundir', a vogal temática [i] é suprimida na haplologia e a vogal do radical, [ũ], mantém-se, sofrendo apenas desnasalização.

Ao analisarmos a formação de 'prisão' a partir do verbo 'prender', é possível verificarmos esse padrão de mudança da vogal do radical quando ela é a mesma que a vogal temática, ou seja, como verbo de segunda conjugação, a vogal do radical ([e]) sofre alçamento depois da haplologia. Além do processo de haplologia e alçamento da vogal do radical, há, entre eles, o processo de desnasalização. Essa sequência de processos está representada no quadro a seguir:

Quadro 53 - Representação dos processos morfofonológicos na formação de ‘prisão’

prende	+são		Adjunção
pren	-de	+são	Haplologia
[pre]	[zãõ]		Desnasalização
[pri]	[zãõ]		Alçamento
[pri]	[zãõ]		Silabificação
[pri.'zãõ]			Acentuação
prisão			Fim do ciclo

Fonte: elaboração própria.

Depois de apresentarmos em detalhes os processos morfofonológicos mais recorrentes encontrados no *corpus* deste trabalho, a saber, a queda da VT e a haplologia, passemos aos processos menos recorrentes e seus exemplos, a começar pela mudança na vogal temática.

6.3 Mudança na VT

Já vimos, na subseção anterior, algumas mudanças na vogal do radical que acontecem combinadas ao processo de haplologia. É o que acontece com formações como ‘redação’ (abaixamento da vogal) e ‘inscrição’ (alçamento da vogal), por exemplo. Nesta subseção, mostraremos que esses processos são comuns também à VT, principalmente de verbos, nas formações com os sufixos -s/ção, -do, -vel e -mento.

Com o sufixo -s/ção, percebe-se o alçamento da vogal temática de [e] para [i] nas formações de ‘visão’ e ‘previsão’ (ambas da mesma raiz). Como já apontado na subseção 5.9 e descrito por Silva (2015, p. 135), a alternância da vogal temática de segunda conjugação entre [e] e [i] tem explicação no fato de os verbos da segunda e terceira conjugações fazerem parte da mesma classe de origem no sistema latino. Diante do sufixo -s/ção, portanto, o alomorfe previ- é acionado, no lugar de preve-. O mesmo acontece com o verbo de origem, ‘ver’, cujo alomorfe vi- aparece na formação de ‘visão’.

Diante dos sufixos -do e -mento, também atuantes em bases verbais, pode-se observar o mesmo padrão: os verbos de segunda conjugação, de vogal temática [e], adquirem o traço [+alto] na VT, que se realiza como [i]. Por mais que seja possível identificar qual a mudança fonológica nessa alternância, não é possível afirmar que haja, sincronicamente, uma motivação fonológica para que isso aconteça, ou seja, a VT [e] não assimila o traço [+alto] de

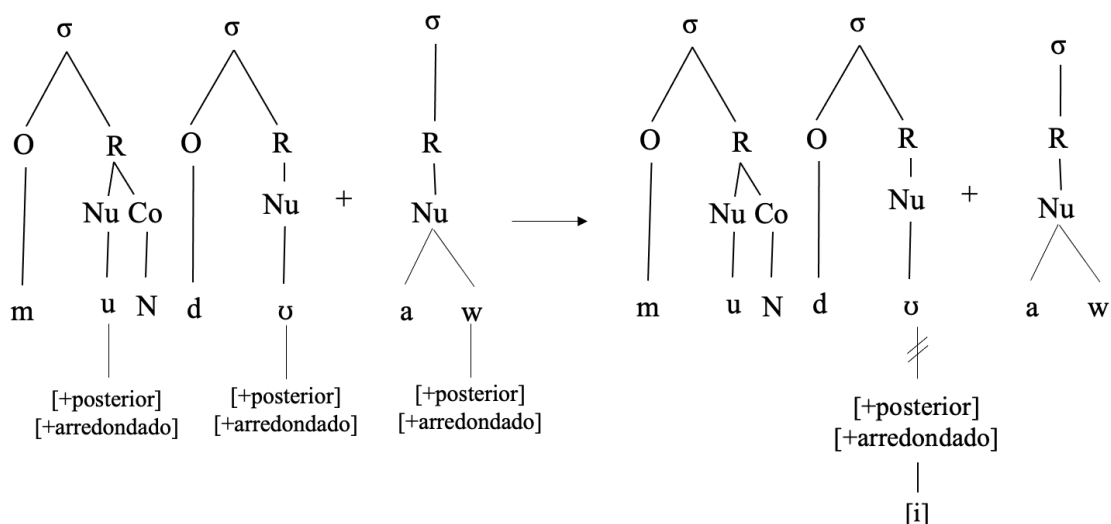
nenhum segmento próximo, essa alternância se dá, como já descrito por Câmara Jr. (1989 [1970]), por uma herança do latim, em que os verbos de segunda e terceira conjugação faziam parte da mesma classe. Sendo assim, estamos diante de uma alomorfia pura. Alguns exemplos dessa alternância entre as formações com -do e -mento são: ‘escondido’ (‘esconder’), ‘falecido’ (‘falecer’), ‘conhecido’ (‘conhecer’), ‘merecido’ (‘merecer’); ‘acontecimento’ (‘acontecer’), ‘desenvolvimento’ (‘desenvolver’), ‘merecimento’ (‘merecer’).

Por fim, temos alguns exemplos dentre as formações com o sufixo -vel, como ‘crível’, formado a partir do verbo ‘crer’, e ‘visível’, formado a partir do verbo ‘ver’. A VT [e] se alterna com o [i] por motivações diacrônicas, de origem no sistema verbal latino.

Depois desse comentário inicial sobre a alternância entre as vogais [e] e [i] nas bases verbais de segunda conjugação, passemos aos casos em que as mudanças nos traços das VTs foram fonologicamente condicionadas, a começar pelos casos de ‘mundial’ e ‘racial’.

Diante do sufixo -al, a VT ‘o’ da base ‘mundo’, que se realiza foneticamente como [u] sofre um processo de desassimilação ou dissimilação (cf. subseção 3.5.9) e perde os traços [+posterior] e [+arredondado]. Isso porque ela se encontra entre duas sílabas cujas vogais dos núcleos são muito similares: [ũ] da base e [u] do sufixo -al, que se realiza foneticamente como [aũ], ocorrendo, portanto, para evitar segmentos semelhantes em sílabas adjacentes, como indica o PCO. Esse processo pode ser observado no diagrama a seguir:

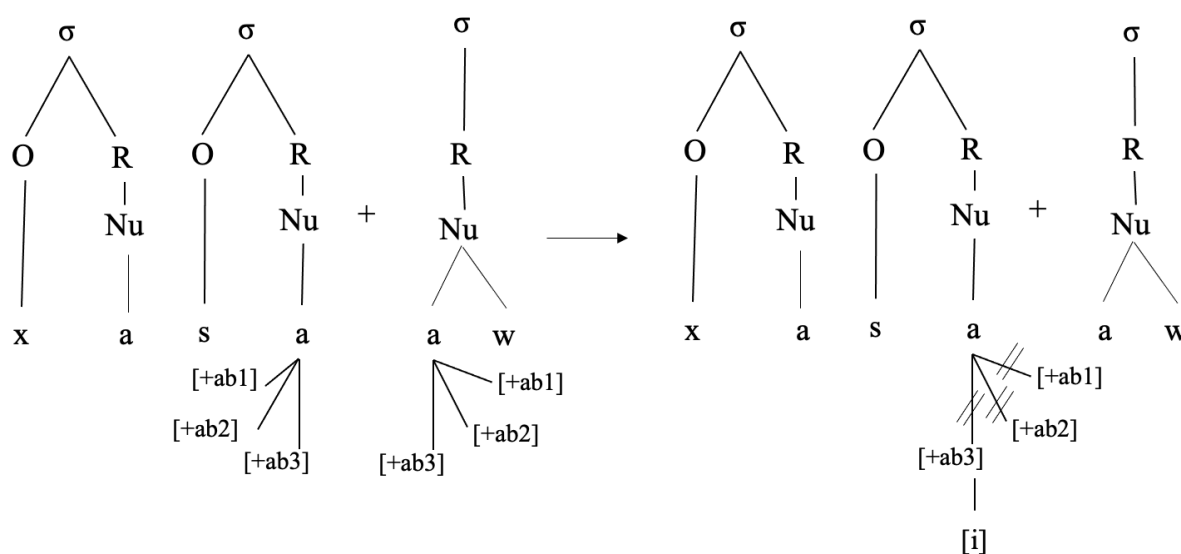
(6.15)



Essa mudança na vogal temática, no caso de ‘mundial’, acarreta também um outro processo, fonológico, de palatalização da consoante [d] diante de [i] que fica [dʒ].

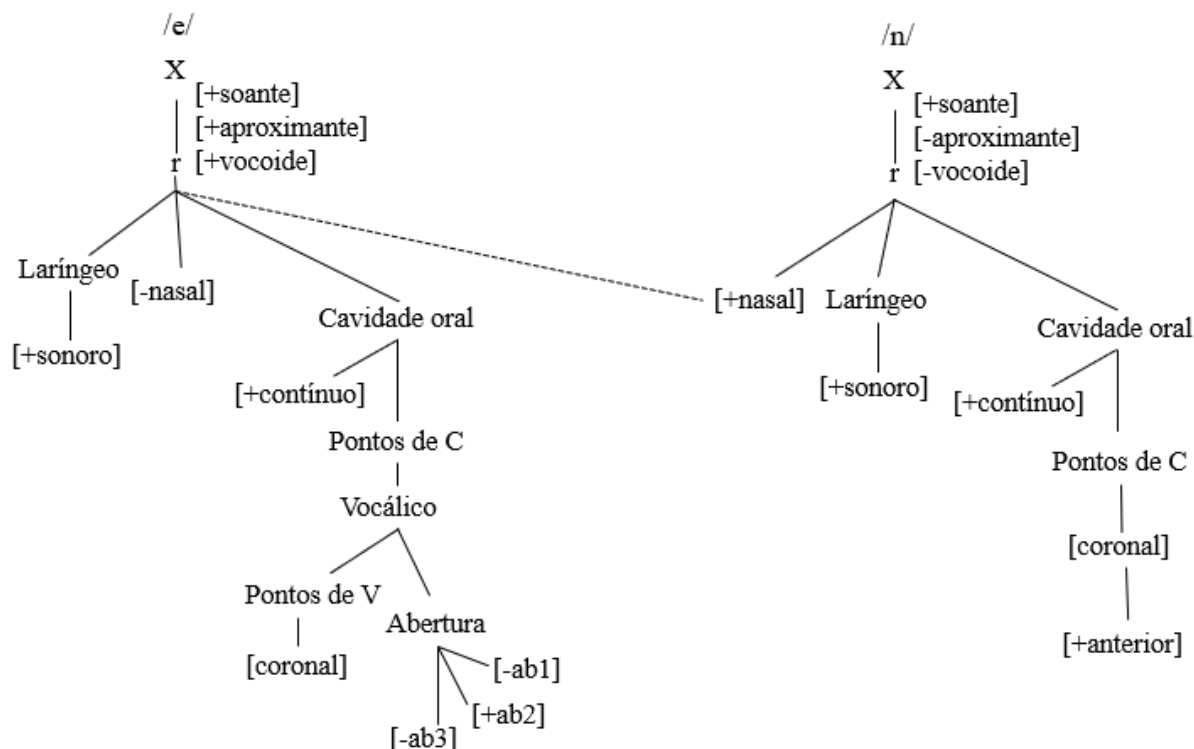
No caso de ‘racial’, tem-se também um processo de dissimilação: as vogais [a] da base e [a] do sufixo não podem ficar lado a lado. Um dos mecanismos de que o sistema linguístico se utiliza, nesses casos, é a crase entre as duas vogais idênticas. No entanto, na formação de ‘racial’, não vemos uma crase, e sim uma dissimilação do traço [+baixo] e uma assimilação do traço [+alto], ou seja, na escala de alturas das vogais do português (cf. subseção 3.5.7) mencionada por Matzenauer (2014, p.60), a VT [a], da base, desassimila os traços [+ab1], [+ab2] e [+ab3], como mostrado a seguir:

(6.16)



Outros casos a serem comentados são de três formações com o sufixo -nte: ‘diferente’, ‘pungente’ e ‘influyente’. Os três têm como base verbos da terceira conjugação (‘diferir’, ‘pungir’ e ‘influir’), que, no sistema verbal do latim, faziam parte da mesma classe que os verbos hoje considerados de segunda conjugação (-er). A VT /e/ aparece nos radicais latinos *differere*, *pungere* e *influere*, respectivamente, e nas formações com -nte. Além disso, a VT sofre um processo de assimilação com o segmento nasal do sufixo. O processo fonológico de assimilação do traço nasal pela vogal pode ser assim representado:

(6.17)



Antes de finalizarmos as análises de mudanças na vogal temática das bases, é preciso falar sobre os casos de neutralização da vogal átona final que foram incorporados pela ortografia da palavra. Como descrito por Câmara Jr. (1989 [1970]), nas sílabas átonas finais, as vogais do português reduzem-se a três: /a/, /i/ e /u/. Ou seja, na posição átona final, os traços de altura que distinguem /e/ de /i/ e /o/ de /u/ são neutralizados. É o que acontece com algumas bases encontradas no *corpus* deste trabalho, como ‘ano’ ([’ã.nu]), ‘hábito’ ([’a.bi.tu]), ‘uso’ ([’u.zu]) e ‘metrópole’ ([me.’trɔ.po.li]), por exemplo. Essas mesmas bases, ao passarem pela derivação sufixal, têm a neutralização da VT trazida à forma de superfície e, por isso, nos deparamos com as formações ‘anual’, ‘habitual’, ‘usuário’ e ‘metropolitano’.

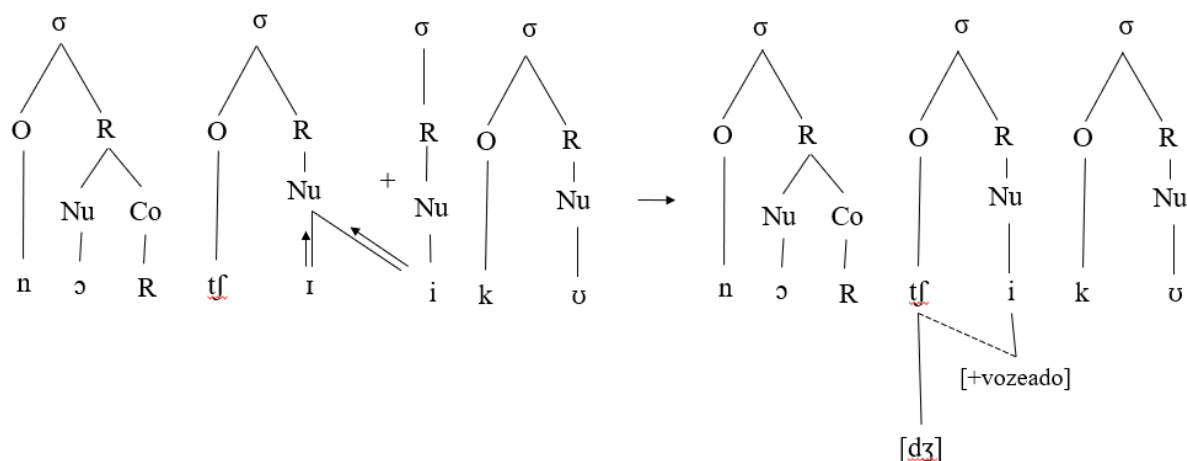
Passemos, então, aos casos de mudanças nas consoantes das bases diante da derivação sufixal, visíveis nas formações de ‘potente’ e ‘nórdico’.

6.4 Mudanças na consoante da base

Como visto na subseção anterior, as vogais da base podem passar por processos de assimilação ou dissimilação a depender dos sufixos adjungidos. O mesmo acontece com alguns segmentos consonantais, que adquirem ou perdem traços por influência de outros segmentos adjacentes ou próximos.

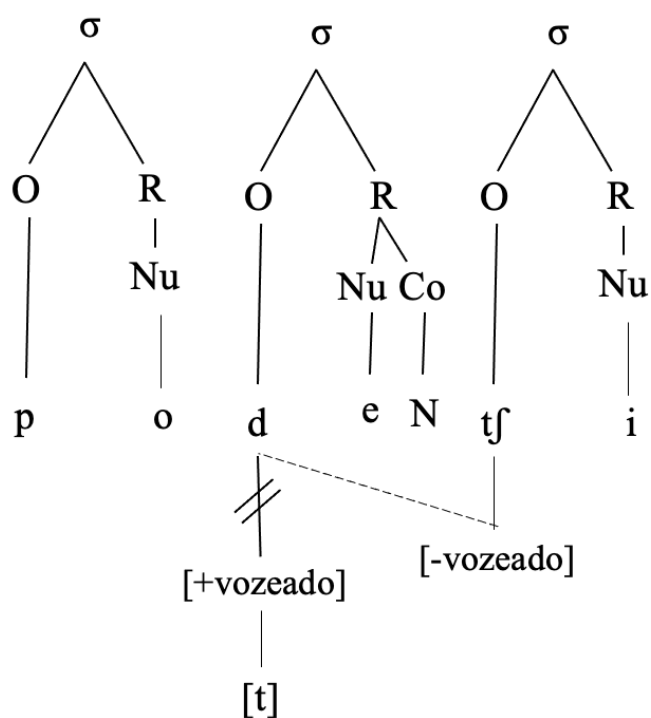
Na formação de ‘nórdico’ por meio da adjunção do sufixo -ico à base ‘Norte’, temos a crase da VT da base ([I]) com a vogal do sufixo ([i]), seguida do vozeamento da consoante ‘t’, que passa a ser ‘d’ (e foneticamente [dʒ]) diante da vogal /i/, de traço [+vozeado], como podemos ver na representação a seguir:

(6.17)



Já no caso de ‘potente’, temos a consoante ‘d’, da base pode-, passando por um desvozeamento por assimilação à consoante ‘t’, do sufixo -nte, de traço [-vozeado]:

(6.18)



Ao finalizarmos as análises fonológicas, percebemos que as restrições em relação à de formação de hiatos ou ocorrência de segmentos com traços semelhantes em posições adjacentes são as principais responsáveis pelos processos morfofonológicos mais recorrentes encontrados no *corpus*, que foram a queda da VT, a haplologia, mudanças nas vogais temáticas, como alçamento e abaixamento, e, por último, mudanças na consoante da base, não estando, estas últimas, necessariamente ligadas às restrições mencionadas, mas sim às dinâmicas de assimilação e dissimilação de traços adjacentes.

6.5 Considerações finais

Nesta seção, recapitulamos os principais processos morfofonológicos apontados na seção anterior e vimos como seria sua representação por meio da TGT. Os processos mais recorrentes encontrados foram a queda ou crase da VT (principalmente diante de sufixos iniciados por vogal) e haplologia (principalmente diante de sufixos iniciados por consoante). Além dos dois processos, vimos também como a mudança em vogais ou consoantes da base se dá, quando são fonologicamente condicionadas e pudemos observar que a herança do sistema verbal latino é responsável por grande parte das variações entre as VTs /e/ e /i/, correspondentes aos verbos que hoje são classificados como de segunda e terceira conjugação no PB.

7. CONCLUSÕES

E assim continuamos, barcos contra a corrente, impelidos incessantemente rumo ao passado.

F. Scott Fitzgerald, 2020 [1925].

Diante da bibliografia levantada e das análises propostas neste trabalho, podemos enumerar algumas considerações finais, não na tentativa de esgotar o assunto sobre os processos morfológicos recorrentes no PB, mas com a intenção de somar aos trabalhos já desenvolvidos a respeito do assunto, que, segundo a bibliografia consultada, analisam os processos de maneira mais aprofundada de sufixos específicos, como *-s/ção* e *-mento*, por exemplo, enquanto aqui buscamos mostrar os processos de maneira mais transversal, partindo de um levantamento de sufixos variados.

O levantamento dos vocábulos para análise deu-se a partir de textos do *blog* AdoroCinema, veículo de divulgação de notícias e críticas da sétima arte e outras produções audiovisuais populares, como séries. Foram selecionadas as 19 matérias especiais do ano de 2019 e delas foram coletados 796 vocábulos considerados, a princípio, derivados, da classe dos nomes: substantivos e adjetivos. Entre eles, houve 36 vocábulos considerados neológicos, ou seja, formações ainda não dicionarizadas. Essas formações são caras a este trabalho pois, por ter como um dos objetivos analisar, sincronicamente, o encadeamento de processos morfológicos, pretendemos verificar se os processos identificados em vocábulos já consolidados no léxico também são recorrentes nas formações neológicas, ou seja, se as restrições fonológicas continuam atuando na atualização do léxico.

Com a ajuda de uma planilha dos *Google Sheets*, os vocábulos foram dispostos em lista, em uma coluna, e as colunas adjacentes foram usadas para a adição de outras informações pertinentes à análise, como a classe do vocábulo, o tipo de formação que lhe deu origem, a palavra ou palavras de base, o afixo envolvido na formação e observações relevantes.

Dentre os vocábulos coletados, pudemos identificar, além dos 35 neologismos, 1 caso de parassíntese, 14 casos de derivação regressiva, 45 casos de prefixação, 56 casos de composição e 574 casos de sufixação, consagrando esta como o processo de formação de palavras mais produtivo. Para completar o total de 796 vocábulos, temos 50 casos de palavras que, a princípio, foram consideradas sincronicamente derivadas, por analogia a outros vocábulos, mas que, depois de uma primeira análise, vimos que não era possível recuperar uma base sincrônica para a sua formação e sua origem, portanto, precisa ser buscada

diacronicamente. Alguns desses casos foram: ‘ambição’, do latim *ambitionis*, ‘elemento’, do latim *elementos*, ‘física’, do inglês *physicality*, ‘magnético’, do grego *magnētikós*, e outros.

Dentre os neologismos, verificamos que os empréstimos, majoritariamente, do inglês, são os principais responsáveis por essa classe de novas formações circulando entre os falantes. Essa alta ocorrência de empréstimos (64%) entre os vocábulos neológicos reflete a forte influência do inglês, ainda mais se considerarmos o campo semântico do cinema e das artes visuais em geral, de estreita relação com Hollywood. Alguns vocábulos que evidenciam essa relação são *streaming*, *remake*, *thriller* e outros.

Depois dos empréstimos, o tipo de formação mais produtivo para gerar novos vocábulos foi a composição, responsável tanto pela formação de adjetivos, como ‘recém-oscariado’, quanto pela formação de substantivos, como ‘universo-bolha’. Dentre as formações não neológicas, a composição também ficou em segundo lugar, como processo mais produtivo depois da derivação sufixal, ou sufixação.

Por ser a mais produtiva, a sufixação foi escolhida para ser analisada mais a fundo, na tentativa de mapear os principais processos morfofonológicos atuantes no PB atual. Ela também foi responsável pela formação de alguns neologismos, como ‘candidatíssimo’ e ‘oscariado’, por exemplo.

A análise dos 574 vocábulos formados por derivação sufixal revelou-nos a atuação de mais de 40 sufixos diferentes na formação de adjetivos e substantivos do PB. Entre eles, os mais produtivos foram -s/ção e -idade na formação de substantivos, e -do e -ico na formação de adjetivos. Aqui é importante salientar que o processo a princípio descrito como flexão verbal de formação do particípio passado dos verbos mostrou-se altamente produtivo na criação de vocábulos que funcionam e se comportam como adjetivos, sendo responsável pela formação de 100 vocábulos: um número muito expressivo, que não poderia ser deixado de fora do *corpus* e apenas considerado como caso de flexão verbal. Além disso, os produtos da formação em -do possuem características dos nomes, como possibilidade de flexão de gênero e número, além de termos coletados alguns exemplos que transitam entre as classes verbais dos adjetivos substantivos, sendo, algumas delas, já lexicalizadas como substantivos: ‘chegada’, ‘ocorrido’, ‘despedida’, e outros. Concluímos, portanto, que esses vocábulos se encontram no contínuo entre derivação e flexão.

Alguns dos sufixos levantados mostraram fazer parte de mais de uma RFP diferente, seja pelo tipo de base a que se anexam ou pelo sentido que adicionam ao vocábulo formado a partir de sua adjunção. Um exemplo foi o sufixo -eiro, responsável pela formação de

substantivos que dão nomes a lugares ('cruzeiro'), adjetivos relacionados à origem ('brasileiro'), agentes ou profissões ('enfermeiro'), e adjetivos ('verdadeiro').

O sufixo -íssimo evidenciou um outro contínuo linguístico, entre as classes dos substantivos e adjetivos. Conhecido por formar os adjetivos chamados superlativos, o sufixo -íssimo atua, majoritariamente, sobre bases adjetivas, adicionando um valor semântico de intensidade sobre elas. Encontramos, no entanto, o vocábulo 'candidatíssimo' em nosso *corpus*, formado a partir do substantivo candidato, e evidenciando o conjunto de características que compõem um candidato a alguma coisa, ou seja, um candidatíssimo é, na verdade, um forte candidato, que se destaca dentre os outros da mesma categoria.

Essas semelhanças entre substantivos e adjetivos se refletem também em algumas outras RFPs aqui apresentadas, como é o caso de adjetivos formados por derivação sufixal em -dor e substantivos formados por derivação sufixal em -nte, por exemplo, em que a fluidez categorial entre essas duas classes foi bastante comum.

Ao analisar a estrutura morfológica dos vocábulos, já foi possível identificar os principais processos morfofonológicos desencadeados pela sufixação, sendo eles a queda ou crase da vogal temática e a haplologia. A queda da VT como um dos mais comuns, desencadeada por diferentes afixos, reforça a ideia de que as vogais temáticas, diferentemente das desinências de gênero, não carregam valor semântico ou gramatical, sendo comumente suprimidas quando da formação de palavras derivadas.

A queda ou crase da VT se dá, majoritariamente, diante de sufixos iniciados por vogal, e, para evitar a formação de um hiato, a vogal da base deixa seu núcleo vazio e este é ocupado pela vogal do sufixo. Porém há exemplos de sufixos iniciados por consoante em que esse processo também foi desencadeado, como é o caso de 'inclusão' (inclui + são > *inclusão > inclusão).

Já os casos de haplologia foram engatilhados, principalmente, por sufixos iniciados por segmentos consonantais, como -s/ção, -ria, -tório e -tude, além do sufixo -idade, iniciado por vogal (como no caso de 'liberdade'). Nos processos de haplologia fica clara a ação do PCO, que impede que segmentos contendo traços semelhantes estejam adjacentes. Houve também casos de haplologia combinada a outros processos, como abaixamento da vogal da base (oprimir > opressão e redigir > redação), alçamento da vogal da base (inscrever > inscrição) e até mesmo desnasalização da vogal da base (confundir > confusão).

Ademais, foi possível observar casos de mudança na vogal temática, como a alternância entre as vogais /e/ e /i/ nas bases dos verbos de segunda e terceira conjugação, cuja motivação está na herança do sistema verbal latino, em que os verbos de tema em /e/ e /i/

faziam parte da mesma conjugação. Mas há também casos de mudanças fonologicamente condicionadas, como o caso da VT ‘a’ da base ‘raça’, que, por dissimilação da vogal ‘a’ do sufixo -al, perde os traços [+ab1], [+ab2] e [+ab3] e realiza-se como /i/ no vocábulo ‘racial’.

Destacamos ainda algumas mudanças nas consoantes da base. Por assimilação, o segmento /t/ da base ‘Norte’, adquire o traço [+vozeado] da vogal /i/, do sufixo -ico e realiza-se como /d/ na formação ‘nórdico’.

As análises mostraram que algumas restrições fonológicas, como a formação de hiatos e a rejeição a segmentos de traços semelhantes em posições adjacentes são as maiores responsáveis pelos processos morfofonológicos, desde os mais recorrentes, como a queda da VT e a haplologia, até as mudanças na VT. Além disso, essas restrições parecem estar vigentes mesmo na produção de novos vocábulos, tendo em vista que a formação ‘candidatíssimo’, considerada neológica, também respeitou essas restrições.

Ao analisar todos os vocábulos levantados, vimos que, em alguns casos, não foi possível recuperar uma base livre sincrônica, tendo que recorrer à etimologia da palavra para compreender sua formação, como nos casos já citados de ‘ambição’, ‘magnético’ e ‘fiscalidade’, por exemplo. Em outros casos, foi possível recuperar uma base sincrônica, que deu origem ao vocábulo formado, porém, as adaptações fonológicas que ocorreram no processo de formação não puderam ser explicadas de maneira sincrônica, como aconteceu com palavras como ‘reflexão’, ‘manutenção’ e ‘criminoso’, por exemplos. E, por fim, tivemos os casos em que foi possível destacar uma base sincrônica, de onde partiu a formação do vocábulo, e descrever, sincronicamente, o processo morfofonológico causado pela adjunção do sufixo, como em ‘racial’, ‘percepção’, ‘nórdico’ e as formações neológicas.

Por meio da descrição morfológica em constituintes imediatos e da representação em árvores, com a Geometria de Traços, foi possível identificar e demonstrar alguns dos principais processos morfofonológicos recorrentes no PB hoje. No entanto, não podemos desconsiderar que, para algumas respostas, é preciso recorrer à etimologia dos vocábulos e suas formas no latim (ou outras línguas).

Por fim, podemos dizer que este trabalho trouxe uma contribuição ao campo da morfofonologia, com a descrição dos principais processos morfofonológicos recorrentes no PB hoje, por meio da TGT, bem como ao campo da morfologia, com o levantamento dos principais tipos de formação de substantivos e adjetivos, além dos sufixos mais produtivos nessas duas classes de palavras. A detecção e análise formal de alguns neologismos também acrescentou à área dos estudos neológicos, portanto, podemos afirmar que este trabalho, por meio de seu objetivo principal, de descrição dos principais processos morfofonológicos

desencadeados na formação de nomes no PB, mobilizou definições e conceitos de vários campos da linguística

REFERÊNCIAS

- AARTS, B. **Syntatic Gradience**: The nature of grammatical indeterminacy. 1. ed. New York: Oxford, 2007.
- ADOROCINEMA. Guia do Festival do Rio 2019. **AdoroCinema**. 9 de dez. de 2019. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-152189/>. Acesso em: 7 jun. 2020.
- ALLENDE, I. **A casa dos espíritos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- ALVES, I. M. Neologia e implicações textuais. **Anais**. João Pessoa: Ideia, 2009. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Ieda%20Maria%20Alves%20-%20ok.pdf. Acesso em: 13 abr. 2021.
- ARAÚJO, G. A. Morfologia não-concatenativa em português: os portmanteaux. **Caderno de estudos Linguísticos**. Campinas, 39: 5-21, 2000.
- ARONOFF, M. **Word formation in generative grammar**. Cambridge: The MIT Press, 1976.
- ARONOFF, M.; FUEDEMAN, K. **What is Morphology?** Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- BARBOSA, J. B.; COSTA, D. S. Os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), v. XXXV, p. 1043 - 1051, 2006.
- BARBOSA, J. P.; ROJO, R. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BASÍLIO, M. **Estruturas lexicais do português**: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECKER, M. O sufixo -ada em português: Aspectos semânticos e diacrônicos. In: VIARO, M. E. (Org.). **Morfologia histórica**. São Paulo: Cortez, 2014.

BIDERMAN, M. T. C. **Teria linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

BISOL, L. Fonologia Lexical. In: In: HORA, D.; MATZENAUER, C. L. (Org.). **Fonologia, fonologias**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2017.

BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A**, 1989, vol. 5, n.2: 185-224.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Chicago: The University of Chicago Press, 1933.

CABRÉ, M. T. Bases para una teoría de los neologismos léxicos: primeras reflexiones. In: ALVES, I. M.; PEREIRA, E. S. (Orgs.). **Neologia das línguas românicas**. São Paulo: Humanitas, 2015.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989. [1. ed. 1970].

CAGLIARI, L. C. **Questões de fonologia e morfologia**. Campinas: Edição do Autor, 2002a. Série Lingüística, v. 5.

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado das Letras, 2002b.

CARMELO, B. Guia do Festival de Berlim 2019. **AdoroCinema**. 06 de fev. de 2019. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-146017/>. Acesso em: 7 jun. 2020.

CASTILHO, A.T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Mass: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper e Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. The geometry of phonological features. **Phonology Yearbook**, Londres, n. 2, 225-252, 1985.

CLEMENTS, G. N. **On the representation of vowel height**. Cornell University, 1989.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Org.). **The handbook of phonological theory**. Londres: Basil Blackweel, 1995.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2014.

CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. B. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

COSTA, D.S. Morfo (lógica): Flexão nominal. In: ABREU, A. S.; SPERANÇA-CRISCUOLO, A. C. **Ensino de português e Linguística: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

DEMEROV, B. Retrospectiva 2019: Os 20 melhores filmes do ano segundo a redação do AdoroCinema. **AdoroCinema**. 27 de dez. de 2019. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-152257/>. Acesso em: 13 de abr. de 2021.

DIAS, E. F. **A evolução do particípio presente em português**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística e Língua portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FARACO, C. A. Apresentação. In: FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

FAVARO, G. **Estudo das formas verbais do pretérito perfeito do modo indicativo nas Cantigas de Santa Maria**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2012.

FITZGERALD, F. S. **O grande Gatsby**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2020.

GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

GIANASTACIO, V. A origem do sufixo -ismo: da língua grega à latina e desta é portuguesa. In: VIARO, M. E. (Org.). **Morfologia histórica**. São Paulo: Cortez, 2014.

GONÇALVES, C. A. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S. R. e BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

HASPELMATH, M.; SIMS, A. D. **Understanding Morphology**. Londres: Hodder Education, 2002.

INFOPEDIA. **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa** [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>.

KAVÁFIS, K. **Poemas**. Tradução de José Paulo Paes. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 1992.

KEHDI, V. **Morfemas do português**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

LACOTIZ, A. O surgimento de -ntia e sua disseminação nas línguas neolatinas. In: VIARO, M. E. (Org.). **Morfologia histórica**. São Paulo: Cortez, 2014.

LAROCA, M. N. C. **Manual de morfologia do português**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

LEE, S-H. **Morfologia e Fonologia lexical do Português do Brasil**. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

LULA. **NOTA DA DEFESA. 1 - O plenário do STF formou maioria para manter íntegro o julgamento realizado pela 2ª Turma que reconheceu que o ex-juiz Sergio Moro quebrou a regra de ouro da jurisdição: agiu de forma parcial em relação ao ex-presidente Lula. Foto: Ricardo Stuckert**. 22 de abril de 2021. Twitter: @LulaOficial. Disponível em: <https://twitter.com/LulaOficial/status/1385365057551355904>. Acesso em: 22 abr. 2021.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARINHO, M. A. F. **Do latim ao português: percurso histórico dos sufixos –dor e –nte**. 2009. Tese (Doutorado em Letras vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento**. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MASSINI-CAGLARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Org.). **Introdução à linguística** – volume 1. São Paulo: Cortez, 2012. P. 113 – 155.

MATZENAUER, C. L. B. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2014.

MATZENAUER, C. L.; MIRANDA, A. R. M. Teoria dos traços. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. L. (Org.). **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017.

MIELO, T. C. S. **A formação de adjetivos e processos morfofonológicos no Português Arcaico: uma análise segundo a Teoria da Otimalidade**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2018.

MORI, A. C. Fonologia. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Org.). **Introdução à linguística** – volume 1. São Paulo: Cortez, 2012. P. 157 – 191.

PALOPOLI, Y. Os melhores filmes de 2019 (até agora!) segundo o AdoroCinema. **AdoroCinema**. 6 de jul. de 2019. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-149188>. Acesso em: 04 de abr. 2021.

PEZATTI, E. G. A gramática da derivação sufixal: os sufixos formadores de substantivos abstratos. **Alfa**, São Paulo, 34: 153-174, 1990.

PEZATTI, E. G. A gramática da derivação sufixal: três casos exemplares. **Alfa**, São Paulo, 34: 103-114, 1989.

PRADO, N. C. **Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com os sufixos -çon/-ção e -mento: um estudo comparativo entre português arcaico e português brasileiro**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2010.

RIO-TORTO, G. M. Padrões de formação de verbos em português. **Revista Portuguesa de Filologia** (UC) XXII, p. 293-327, 1998.

ROCHA, L. C. A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e as relíquias da morte**. São Paulo: Rocco, 2007.

RUSSO, F. Guia do Festival de Toronto 2019. **AdoroCinema**. 5 de set. de 2019. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-150595/>. Acesso em: 7 jun. 2020.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português contemporâneo brasileiro**. Curitiba: Scientia & Labor, 1989.

SCHWINDT, L. C. S. A relação entre morfologia e fonologia na história dos estudos linguísticos. In: MARTINS, E. S.; CANO, W. M. MORAES FILHO, W. B. (Orgs.) **Léxico e morfofonologia: perspectivas e análises**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SCHWINDT, L. C. S. **O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

SELKIRK, E. **On prosodic structure and its relation to syntactic structure**. Bloomington: IULC, 1982.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, G. **Processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos –s/ção e –mento na formação de substantivos deverbais no Português de Araraquara/SP e Araxá/MG**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2017.

_____. **Análise morfossemântica dos verbos parassintéticos do Português**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2021.

SHOPEN, T. **Language Typology and Syntactic Description**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SOUZA, M. P. **Formações x-ário no português no Brasil: um estudo sobre a produtividade lexical**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

TAVARES, J. N. C. O uso dos sufixos inho e zinho no discurso dos pescadores artesanais. In: **III CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**, 3, 1999, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: CiFEFiL: IL-UERJ: ABF: CEFIL, 1999.

TRUBETZKOY, N. Zur allgemeinen Theorie des phonologischen Vokalsystems. **Travaux du cercle linguistique de Prague** 4, v. 1, p. 39-67, 1929.

TRUBETZKOY, N. A fonologia atual. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. Fonologia e sintaxe. Campinas: Editora Unicamp, 1981.

VIANNA, K. Oscar 2019: Confira as apostas do AdoroCinema. **AdoroCinema**. 21 de fev. de 2019a. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-146502>. Acesso em: 13 de abr. de 2021.

VIANNA, K. Emmy 2019: Confira as apostas do AdoroCinema. **AdoroCinema**. 18 de set. de 2019b. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-150316/>. Acesso em: 04 de abr. 2021.

VIANNA, K. Awesome Mix Vol. 2019: As canções mais marcantes do cinema. **AdoroCinema**. 16 de dez. de 2019c. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-152262>. Acesso em: 04 de abr. 2021.

VILLALVA, A. **Estruturas morfológicas**: unidades e hierarquias nas palavras do português. Lisboa: 1994.

VILLALVA, A. **Morfologia do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

WETZELS, L. Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no Sistema Verbal do Português: uma análise auto-segmental. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, UNICAMP – IEL, p. 25-58, 1991.

WIERZBICKA, A. What's a noun? (or: how do nouns differ in meaning from adjectives?). **Studies in Language**. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, p. 353-389, 1986.

ZANETTI, L. As 30 séries mais aguardadas de 2019. **AdoroCinema**. 1 de jan. de 2019. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-145483/>. Acesso em: 7 jun. 2020.

APÊNDICE A

Traço distintivo	Consonantal	Silábico	Soante	Contínuo	Soltura retardada	Nasal	Lateral	Anterior	Coronal	Alto	Posterior	Arredondado	Baixo	Vozeado	Tenso	Estridente	ATR
p	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-
b	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-
t	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-
d	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	-	-
k	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	+	-	-
g	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	+	-	-
tʃ	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-
dʒ	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-
f	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-
v	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+	+	-
s	+	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	+	-
z	+	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	+	-
ʃ	+	-	-	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	-
ʒ	+	-	-	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	+	+	+	-
h	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-	+	-	-
m	+	-	+	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-
n	+	-	+	-	-	+	-	+	+	-	-	-	-	+	+	-	-
ɲ	+	-	+	-	-	+	-	-	+	+	-	-	-	+	+	-	-
l	+	-	+	+	-	-	+	+	+	-	-	-	-	+	+	-	-
ʎ	+	-	+	+	-	-	+	-	+	+	-	-	-	+	+	-	-
r	+	-	+	+	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	-	-
i	-	+	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	+	-	-
e	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-
ɛ	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	+
a	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+	+	+	-	-
ɔ	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	-	+
o	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-	+	+	-	-
u	-	+	+	+	-	-	-	-	-	+	+	+	-	+	+	-	+
ɪ	-	+	+	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-
ə	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-
ʊ	-	+	+	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	-	-	-

APÊNDICE B**Vocábulos formados por derivação regressiva**

1. assassino
2. aumento
3. batalha
4. briga
5. chute
6. disputa
7. duelo
8. embate
9. exercício
10. impacto
11. luta
12. processo
13. salve
14. toque

Vocábulos formados por prefixação

- | | |
|--------------------|---------------------|
| 1. atípico | 2. imprevisto |
| 3. co-protagonista | 4. improvável |
| 5. coadjuvante | 6. incontrolável |
| 7. coprodução | 8. incrível |
| 9. desavisado | 10. independente |
| 11. desconhecido | 12. indiscutível |
| 13. desempregado | 14. indispensável |
| 15. desfavorecido | 16. inesperado |
| 17. desfecho | 18. inimigo |
| 19. desigualdade | 20. ininterrupto |
| 21. despreparado | 22. injustiça |
| 23. desqualificado | 24. inquebrável |
| 25. ex-presidiário | 26. insano |
| 27. extraordinário | 28. intergalático |
| 29. extraterrestre | 30. interligado |
| 31. hiperativo | 32. internacional |
| 33. imóvel | 34. inusitado |
| 35. ímpar | 36. invisível |
| 37. impecável | 38. pré-adolescente |
| 39. impensável | 40. trilogia |
| 41. impiedoso | 42. ultrapassado |
| 43. impossível | 44. vice-presidente |
| 45. imprevisível | |

Vocábulos formados por composição

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| 1. alter-ego | 2. mau bocado |
| 3. anti-climático | 4. meia-idade |
| 5. antirriminal | 6. melodrama |
| 7. anticristo | 8. minissérie |
| 9. audiovisual | 10. morto-vivo |
| 11. autoanálise | 12. norte-americano |
| 13. autobiografia | 14. oitavo |
| 15. bem-sucedido | 16. pano de fundo |
| 17. bem-vindo | 18. plano de fundo |
| 19. bomba-relógio | 20. plano-sequência |
| 21. canção título | 22. proto-documentário |
| 23. carro-chefe | 24. psicoterapeuta |
| 25. cinéfilo | 26. reviravolta |
| 27. cinematografia | 28. sobre-humano |
| 29. comédia romântica | 30. socioeconômico |
| 31. conflito armado | 32. super-herói |
| 33. contagem regressiva | 34. super-heroína |
| 35. contraluz | 36. superlotado |
| 37. coreógrafo | 38. tapete vermelho |
| 39. curta-metragem | 40. tecnologia |
| 41. fone de ouvido | 42. telefilme |
| 43. fotógrafo | 44. televisão |
| 45. homossexual | 46. teologia |
| 47. ibero-americano | 48. tragicomédia |
| 49. latino-americano | 50. transsexual |
| 51. longa-metragem | 52. trilha sonora |
| 53. macropolítica | 54. verossímil |
| 55. matriarca | 56. xenofobia |

Formações neológicas

- | | |
|---------------------|-------------------------|
| 1. atores-fetice | 2. play |
| 3. autoconfessional | 4. quatinhos dos fundos |
| 5. backstory | 6. reality shows |
| 7. best seller | 8. reboot |
| 9. boladona | 10. recém-oscarizada |
| 11. cameo | 12. remake |
| 13. candidatíssimo | 14. seriador |
| 15. clean | 16. serializada |
| 17. co-protagonista | 18. spinoff |
| 19. fanfic | 20. streaming |
| 21. feat | 22. super saiyajin |
| 23. feel good movie | 24. teaser poster |
| 25. filme-ensaio | 26. teen |
| 27. hit | 28. thriller |
| 29. little monsters | 30. timing |
| 31. live-action | 32. universo-bolha |
| 33. oscarizados | 34. varandas gourmet |
| 35. pen drive | |

ANEXO

24/04/2021

As 30 séries mais aguardadas de 2019 - Matérias especiais de séries - AdoroCinema




Inicial > Séries > Notícias de séries > Matérias especiais de séries > As 30 séries mais aguardadas de 2019

As 30 séries mais aguardadas de 2019

Por **Laysa Zanetti** — 1 de jan. de 2019 às 09:30



Entre estreias e retornos, o que promete dominar as telinhas em 2019.

1 - Parte um



Em 2018 foram produzidas exatas 495 temporadas de séries fictícias na TV. O que significa que, sim, é cada vez mais impossível ficar em dia com tudo o que se deseja. Com a ascensão dos serviços de streaming, a regularidade anual do lançamento de temporadas cai por terra e, por isso, nada melhor do que um guia para você, leitor, já ficar de olho no que promete deixar sua marca nas telinhas neste ano que vem chegando.

Como já virou tradição, o **AdoroCinema** preparou uma lista com 30 séries, entre novatas e veteranas, que estão entre as mais aguardadas de 2019. Seja porque são temporadas finais de grandes dramas, possuem um elenco de peso ou simplesmente porque são sequências de temporadas brilhantes. Confira a lista abaixo!

BROOKLYN NINE-NINE - 10 DE JANEIRO

<https://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-145483/>

1/11

24/04/2021

As 30 séries mais aguardadas de 2019 - Matérias especiais de séries - AdoroCinema

 **ADOROCINEMA****Brooklyn Nine-Nine Teaser Original**

A Fox decidiu que não precisava mais de uma das comédias mais queridas da atualidade — obra de Mike Schur, como já deveria se esperar. Por sorte — e depois do apelo popular que incluiu até os pedidos de Lin-Manuel Miranda e Mark Hamill —, a rede NBC tomou as rédeas de Brooklyn Nine-Nine para a sua sexta temporada, que promete arrancar mais risadas do que nunca.

TRUE DETECTIVE - 13 DE JANEIRO

<https://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-145483/>

2/11

24/04/2021

As 30 séries mais aguardadas de 2019 - Matérias especiais de séries - AdoroCinema



A trágica segunda temporada de True Detective abalou a confiança que a primeira, excelente, havia construído para Nic Pizzolatto. Foram três anos em produção, mas a série retorna com uma nova história que promete não dever nada à primeira. No elenco, Mahershala Ali, Carmen Ejogo e Scout McNairy, em uma trama que atravessa gerações para analisar os traumas causados por um assassinato macabro. Saudades, Matthew McConaughey?

DEADLY CLASS - 16 DE JANEIRO



Deadly Class 1ª Temporada Trailer Original

Nem só de cartas para todos os garotos que já amou vive Lana Condor. A atriz é uma das protagonistas de Deadly Class, série do Syfy — adaptada das HQs homônimas — que acompanha um grupo de adolescentes que estudam em um colégio particular para os filhos dos maiores criminosos do mundo. A produção executiva é de Joe e Anthony Russo e o trailer promete muita ação e violência.

THE UMBRELLA ACADEMY - 15 DE FEVEREIRO

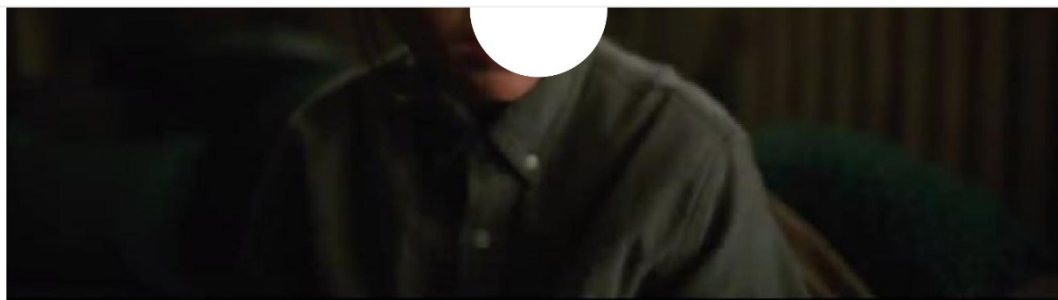


<https://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-145483/>

3/11

24/04/2021

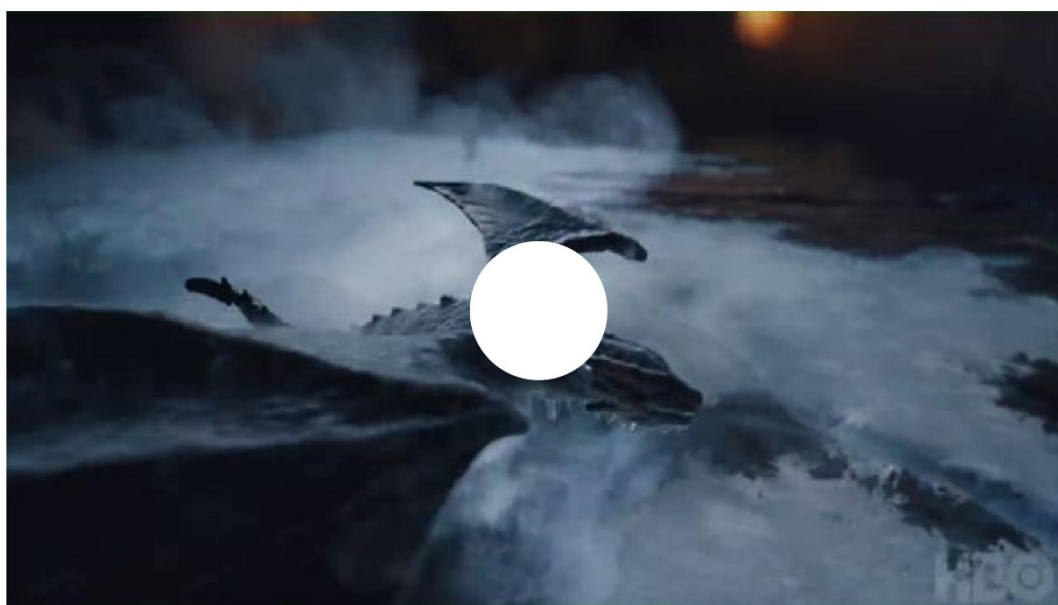
As 30 séries mais aguardadas de 2019 - Matérias especiais de séries - AdoroCinema

The Umbrella Academy 1ª Temporada Teaser Legendado

A aventura surreal, apaixonante e cheia de reviravoltas insanas de [Gerard Way](#) e Gabriel Bá chega às telas em 2019. [The Umbrella Academy](#) é uma história de família camuflada em um drama de super-heróis. As HQs são vencedoras do Prêmio Eisner, carregam uma legião de fãs e, se a adaptação conseguir replicar metade da empolgação com que o material escrito é apresentado, estaremos diante de uma adaptação e tanto. E também vale lembrar: ninguém melhor que [Aidan Gallagher](#) poderia interpretar o Número Cinco.

GAME OF THRONES - ABRIL



Game of Thrones 8ª Temporada Teaser Gelo e Fogo

Um dos maiores fenômenos recentes da cultura pop, [Game of Thrones](#) disputa espaço em 2019 com outros grandes lançamentos — [Vingadores: Ultimato](#), [Star Wars: Episódio IX](#) —, mas

24/04/2021

As 30 séries mais aguardadas de 2019 - Matérias especiais de séries - AdoroCinema

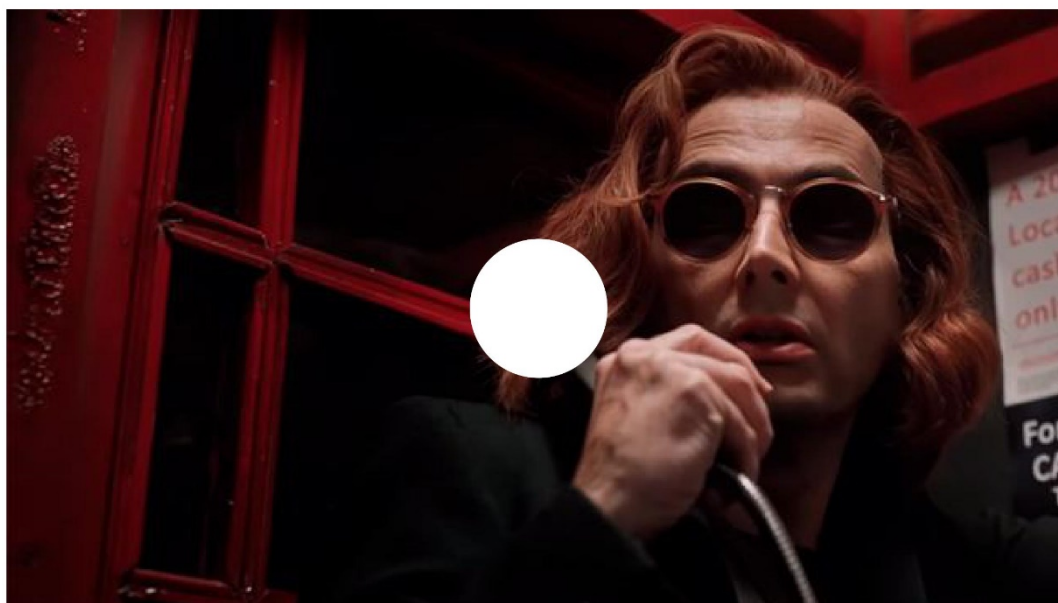



deixar os fãs traumatizados, há quem diga que não existe nada maior na história da TV. Saberemos se a temporada vai atender às expectativas somente a partir de abril, mas uma coisa é certa: estaremos aqui para ver.

BIG LITTLE LIES - SEM DATA

O que deveria ser apenas uma minissérie de sete episódios fez tanto sucesso que a HBO resolveu renovar para uma nova temporada, apesar de ter esgotado o material de base. Com o apoio de [Liane Moriarty](#), a autora do livro, a segunda temporada de [Big Little Lies](#) perde a excelência de [Jean-Marc Vallée](#), mas terá [Andrea Arnold](#) na direção e ninguém menos que [Meryl Streep](#) interpretando a sogra de Celeste ([Nicole Kidman](#)). Portanto, é melhor admitir: você pode até ter ficado contra a renovação no início, mas é impossível não sentir ao menos uma pontinha de curiosidade para ver [Reese Witherspoon](#) jogando [um sorvete](#) em Miranda Priestly.

GOOD OMENS - SEM DATA



Good Omens 1ª Temporada Trailer Original

[Neil Gaiman](#). [David Tennant](#). [Jon Hamm](#). [Nick Offerman](#). [Michael Sheen](#). [Frances McDormand](#) — como a voz de Deus. Se a reunião destes nomes impressionantes não te desperta a curiosidade, então deixe com a sinopse: baseada no livro “Belas Maldições: As Belas e Precisas Profecias de Agnes Nutter, Bruxa”, [Good Omens](#) é ambientada em 2011 e acompanha o demônio Crowley e o anjo Aziraphale, que decidem se unir para impedir a destruição do universo, que está programada

VEEP - SEM DATA

Segurem os Emmys, pois eles estão voltando! Queridinha das premiações, Veep retorna para sua última temporada e enfrenta a responsabilidade de fechar uma das comédias mais aclamadas dos últimos tempos com chave de ouro. Se os fãs estão curiosos para saber como a trama de David Mandel vai se reinventar (de novo!), ainda surge a última chance de ver Julia Louis-Dreyfus como a hilária Selina Meyer, felizmente recuperada após lutar contra um câncer — o que causou atraso na produção. *(Katiúscia Vianna)*

STRANGER THINGS - 4 DE JULHO



Stranger Things 3ª Temporada Teaser Legendado - Títulos

O fenômeno da Netflix retorna para a terceira temporada, com novos monstros aterrorizando nossos pré-adolescentes favoritos, a promessa de mais mistérios para dar trabalho à turma e, é claro, alguns romances no ar. Sabemos que a nova temporada de Stranger Things, que estreia no feriado da Independência dos Estados Unidos, vai se passar durante o verão de 1985, o que significa que a série vai se aproximando cada vez mais do fim da década, enquanto os personagens deixam de ser crianças, e que veremos um pouco do shopping center de Hawkins.

THE CROWN - SEM DATA